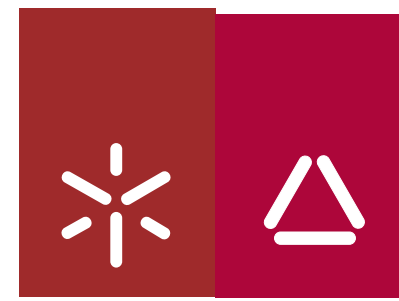




Vanessa Ribeiro Rodrigues
**O Brasil e os Correspondentes Do Samba
ao Morro, desconstruir estereótipos?**

UMinho | 2013

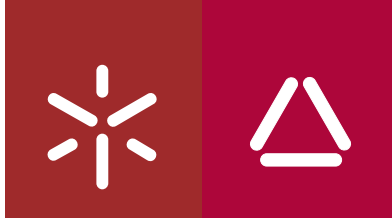


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Vanessa Ribeiro Rodrigues

**O Brasil e os Correspondentes
Do Samba ao Morro,
desconstruir estereótipos?**

outubro de 2013



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Vanessa Ribeiro Rodrigues

**O Brasil e os Correspondentes
Do Samba ao Morro,
desconstruir estereótipos?**

Relatório de Atividade Profissional
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Elsa Costa e Silva

DECLARAÇÃO

Nome: Vanessa Regina Ribeiro Rodrigues

endereço eletrónico: vnrodrigues@gmail.com

Telemóvel: 918211010

Bilhete de Identidade: 11938567

Título do Relatório de Atividade Profissional:

O Brasil e os correspondentes Do Samba ao Morro, desconstruir estereótipos?

Orientadora: Professora Elsa Costa e Silva

Ano de Conclusão: 2013

Designação do Mestrado: Mestrado em Ciências da Comunicação - Área de especialização em Informação e Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 31 de Outubro de 2013

Assinatura: _____

Agradecimentos

Analisar este percurso profissional implicou, necessariamente, lembrar as pessoas que de alguma maneira me ajudaram nas coordenadas da caminhada, sem as quais não teria avançado. Também por isso, este relatório é uma viagem no tempo, um retorno à geografia dos afetos, uma dissecação da anatomia da vida que até aqui percorri. E porque a generosidade, o incentivo e a crença na seriedade do meu trabalho têm sido grãos recorrentes de uma ampulheta que tem pautado o meu percurso, não posso deixar de agradecer o privilégio de ter conhecido pessoas incríveis nesta estrada e de poder estar alicerçada numa estrutura pessoal que me é basilar. Muito Obrigada. À família, aos amigos de sempre, ao António, ao Pedro; à Tânia Reis, Carolina Lousinha, Luciana Silva, Alfredo Rebelo e Marta Ágoas, à Ana Cláudia Bastos, Tarica, Ana Paula N., Carlos Vieira, que facilitaram o meu trabalho de jornalista independente; aos amigos e jornalistas Nuno Amaral e Nelson Marques, que me ajudaram e desafiaram sempre; à Professora e orientadora Elsa Costa e Silva, pela paciência e generosidade e ao Luís Miguel Loureiro pelo incentivo na realização deste relatório.

“I was seized at once with a profound fascination, a burning thirst to learn, to immerse myself totally, to melt away, to become as one with this foreign universe. To know it as if I had been born and raised there, begun life there. I wanted to learn the language, I wanted to read the books, I wanted to penetrate every nook and cranny.”

Ryszard Kapuscinski, Travels with Herodotus

Resumo

O Brasil e os Correspondentes |

Do Samba ao Morro, desconstruir estereótipos?

Este Relatório Crítico de Atividade Profissional reflete sobre a minha experiência, durante 5 anos, como correspondente em São Paulo, Brasil, para o jornal Diário de Notícias, Notícias Sábado e rádio TSF, num contexto de jornalista *freelancer* e independente e numa rotina produtiva diária.

Toda essa atividade internacional, entre 2006 e 2011, proporcionou o confronto de aprendizagem, no plano teórico e académico, e das práticas de comunicação: desde a avaliação dos critérios de valor notícia para as diferentes editoriais à relação com as fontes, o uso de processos de verificação e métodos de investigação jornalística e o apelo à responsabilidade para não recorrer a linguagem estereotipada que ainda persiste, quando é veiculada informação sobre a realidade brasileira.

Depois de uma breve descrição do meu percurso profissional, nos últimos 10 anos, e respetivo perfil dos órgãos de comunicação social com os quais colaborei enquanto correspondente, passo a analisar os principais desafios e dificuldades sentidas, para de seguida analisar a questão do estereótipo no trabalho de um correspondente internacional, baseado na minha experiência. A pergunta que proponho é: “Se o Jornalismo pode ser, eventualmente, uma atividade legitimadora de estereótipos, coadjuvando na construção social de uma realidade, em que medida o meu trabalho de correspondente serviu para os legitimar ou desconstruir?”

Nesse sentido, este relatório constitui uma reflexão crítica sobre as circunstâncias, as condições conjunturais, as dificuldades do contexto laboral jornalístico e a tendência da prestação de serviços, o processo produtivo, os desafios, a ética, as questões editoriais e relação com editores, os estereótipos luso-brasileiros, os elementos do jornalismo e a representação social da cultura brasileira na imprensa portuguesa.

Numa análise mais restrita, debruçar-me-ei sobre uma reportagem específica para a rádio TSF, relacionada com a cobertura do crime organizado no Rio de Janeiro, intitulada O lado B do Rio de Janeiro.

Abstract

Brazil and the correspondents

From Samba to the Morro, deconstruct stereotypes?

This Professional Activity Report reflects on my 5 years experience as a correspondent in Sao Paulo, Brazil, for the daily Portuguese newspaper Diário de Notícias, radio TSF and newsmagazine Notícias Sábado, in the context of a freelance and independent Journalist on a daily basis routine.

All this international activity between 2006 and 2011, provided the confrontation between theory, academic and communication practices: from the assessment of the news value criteria for the several editorial sections to the relationship with sources, the use of verification processes and journalistic investigation methodologies and appeal to the responsibility of journalists not to use stereotypical language that might be used about the Brazilian reality.

After a brief description of my career, for the last 10 years, the profile of the media with whom I contributed to as a correspondent, I analyze the main challenges and difficulties I felt. Afterwards I reflect on the uses of stereotypes of an international correspondent based on my own experience. The question I propose is: " If journalism can be considered as an activity that somehow is able of legitimizing stereotypes, by assisting in the construction of the social reality, to which extent has my work served to legitimize them or deconstruct them?"

Accordingly, this report is a critical reflection on the circumstances, cyclical conditions, the weaknesses of the labor market context based on a freelance trend, the news media production process, ethics issues and editorial relationship with editors, Luso-Brazilian stereotypes, the elements of journalism and social representation of Brazilian culture in the Portuguese press.

In a more restricted analysis, I will focus on a specific Feature I covered for Radio TSF, concerning organized crime in Rio de Janeiro: the reportage O Lado B do Rio (The b-side of Rio de Janeiro).

Índice

Introdução	
Contexto.....	1
Metodologia.....	2
1.Experiência Profissional	
Breve descrição do meu percurso profissional.....	3
1.2. Período de Correspondente	
O “Meu” Brasil.....	10
1.3. Apresentação das empresas – trabalho de correspondente:	
Rádio, jornal, revista Retrato de Família.....	13
1.3.1. TSF	
Tudo o que se passa, passa na TSF.....	12
1.3.2. Diário de Notícias	
Por três séculos de História.....	16
1.3.3. Notícias Sábado	
Newsmagazine.....	17
2. Reflexão Crítica	
A experiência profissional como correspondente no Brasil.....	18
2.1. Rotina produtiva internacional.....	18
Freelancer Independente TSF, DN, Notícias Sábado.....	18
2.1.1.Dificuldades Desafios.....	20
2.1.2. Vantagens e desenvolvimento pessoal.....	23
3. Questão específica	
3.1.Estereótipos e Preconceitos/ O Povo Brasileiro!.....	24
3.2. Desenvolvimento da questão a aprofundar	
O papel do Jornalismo - O jornalista “artesão” da realidade (moldável).....	28
3.2.1. Enquadramento e Fundamentação Teórica.....	29
3.2.2. O Brasil no imaginário português.....	32
3. Os meus estereótipos?	
3.1 Brasil lama, Brasil sangue, Brasil Verde, Brasil plástico?	

[Contributos para enquadrar e problematizar a questão em análise].....	38
3.3. A tentativa de explicar além dos estereótipos:	
Reportagem TSF O Lado B do Rio.....	48
3.3.1 Análise do guião da Grande Reportagem TSF.....	49
Observações.....	62
Considerações finais – Conclusão.....	64
Reflexão.....	66
Contributos e limitações.....	68
Sugestões para futuras pesquisas.....	69
Bibliografia.....	70
Anexo I.....	75
Anexo II.....	76
Anexo III.....	77
Anexo IV.....	78
Anexo V.....	79
Anexo VI.....	80
Anexo VII.....	82
Anexo VIII.....	84
Anexo IX.....	85
Anexo X.....	86
Anexo XI.....	89
Anexo XII.....	90
Anexo XIII.....	91
Anexo XIV.....	92
Anexo XV.....	93
Anexo XVI.....	94
Anexo XVII.....	95
Anexo XVIII.....	100
Anexo XIX.....	101

Introdução | Contexto

Morar, trabalhar e vivenciar o Brasil como jornalista *freelancer* foi um acaso. Eu não escolhi. Não fui enviada especial, também não foi nenhum órgão de comunicação social que me destacou para ser responsável pela agenda diária informativa da realidade brasileira, nas mais diversas editorias.

Ao longo do meu percurso apercebi-me que faço parte de uma geração de profissionais de jornalismo numa era em transição, rompendo com os processos laborais da profissão que exige permanência numa redação para a tendência do jornalista de prestação de serviços que tem de dividir em múltiplas funções que incluem ser capaz não só de escrever para o papel e plataformas online, como também ter aptidões para gravar/editar vídeo e áudio, fotografar.

A minha geração é, nesse sentido, a geração da tendência do jornalismo *freelancer*, da desvinculação a um só órgão de comunicação social, relacionado em parte a fatores sócio-económicos que tomaram conta do panorama dos meios de comunicação social um pouco por todo o mundo num contexto de “crise” económica, nos últimos anos.

Quando me candidatei ao Mestrado em Ciências da Comunicação fui motivada, primeiro, pela vontade de prosseguir estudos académicos, mas sobretudo porque procurava um espaço onde pudesse refletir, de forma mais aprofundada, sobre a minha experiência, relacionado-a com questões pertinentes da área da Informação e Jornalismo. Esta decisão deu-se, essencialmente, no contexto do curso The Elements of Journalism, que frequentei como bolseira da Fundação Luso-Americana, em 2011, em Washington D.C., que nos obriga a repensar em muitas das nossas opções diárias enquanto profissionais de Jornalismo: a forma como escrevemos, o discurso, o que escrevemos e sobre o que escrevemos/veiculamos, os nossos próprios interesses pessoais e convicções e de que forma deixamos que eles contaminem ou não o nosso trabalho.

Nesse sentido, optei por redigir um relatório crítico de atividade profissional que, em certa medida, analisasse criticamente o meu percurso enquanto correspondente no Brasil, em confronto direto com a aprendizagem da Licenciatura em Comunicação Social e a responsabilidade do que é ser jornalista, num contexto em que, na maioria das vezes não existe, como foi o meu caso, uma estrutura de redação e supervisores séniores com quem pudesse partilhar o trabalho desenvolvido para análise.

Começarei pela descrição da minha experiência profissional e respectiva apresentação das empresas por onde passei, questionando o meu percurso e aprendizagem, destacando, não só as inquietações suscitadas na época, como também sobre a atualidade dessas questões e do respetivo papel do correspondente. De seguida passarei para a análise do meu percurso no Brasil, concentrando-me no período

em que colaborei como correspondente para a rádio TSF, jornal Diário de Notícias e revista Notícias Sábado.

Ainda que considere que todas as questões levantadas na primeira fase sejam igualmente pertinentes e algumas até preocupantes, optei por explorar, de forma mais específica a questão: “Se o Jornalismo pode ser uma atividade legitimadora de estereótipos, coadjuvando na construção social de uma realidade, em que medida o meu trabalho de correspondente serviu para os legitimar ou desconstruir?”

Essa questão será respondida através da exposição de alguns estudos, no respectivo enquadramento teórico, e será ainda complementada por casos retirados da minha experiência profissional, com notícias, mas também pela análise de um guião de grande reportagem realizado para a rádio TSF sobre o crime organizado no Rio de Janeiro. Essa reportagem foi por mim proposta no sentido de entender as raízes do crime organizado, com o fim de desmistificar um estereótipo comum que é o da criminalização das favelas.

Espero, sinceramente, que este relatório contribua para a reflexão sobre certas problemáticas que podem afetar a qualidade da informação e legitimação de percepções discriminatórias pela comunicação social, como poderá ser o caso do estereótipo; e para a reflexão sobre a responsabilidade dos correspondentes internacionais nesta questão.

Metodologia

Para a realização deste relatório que percorre o meu processo produtivo jornalístico, enquanto correspondente no Brasil para a rádio TSF, jornal Diário de Notícias e revista semanal Notícias Sábado, farei uma análise crítica a partir da rotina produtiva, comparando com a aprendizagem académica. Irei basear-me em alguns trabalhos quer publicados, em edições impressa e online, quer veiculados em antena. Para isso, auxiliar-me-ei na estrutura de estereótipos sobre o Brasil de Paganotti (2007): Brasil verde, de lama, de plástico, de sangue.

Com base nesses pressupostos, farei, ainda, análise crítica ao discurso jornalístico do guião de reportagem para a rádio TSF, sobre o crime organizado no Rio de Janeiro, que desenvolvi no sentido de desmistificar o estereótipo “Brasil de sangue”, sobre a criminalização das favelas.

1. Experiência Profissional

1.1. Breve Descrição do Percorso Profissional

Ainda que não tivesse registo de órgão de comunicação social e fosse de cariz estudantil, o **Jornal Universitário do Porto (JUP)** foi o meu primeiro contato com o Jornalismo, em 2001, época em que o evento Porto Capital Europeia da Cultura motivou a criação de um suplemento cultural do jornal: a revista A Ponte. Na época, frequentava o 2º ano da Licenciatura em Comunicação Social da Escola Superior de Jornalismo do Porto (ESJ) e frequentava uma formação complementar, “O Fabrico da Actualidade”, promovida pelo JUP em parceria com o Centro Protocolar de Formação de Jornalistas, o Cenjor, orientada pelo então jornalista do Expresso, Orlando Raimundo.

Parte dessa formação consistia em participar na redação do JUP, escrevendo artigos (reportagens e entrevistas, sobretudo) tanto para o jornal como para a revista. Nesta altura, não só pude perceber o funcionamento de uma redação vocacionada para o planeamento mensal de notícias, como também aprendi as diferentes formas de transformar a matéria jornalística em vários tipos de texto (crónica, reportagem, editorial, *feature*, entrevista trabalhada). Tive ainda noções de edição, valor notícia, técnicas de entrevista, ética e deontologia profissional.

Posteriormente, participei num projeto de jornalismo digital promovido pela Escola Superior de Jornalismo do Porto (ESJ), faculdade onde me formei, inspirado no projeto “Eu sou jornalista” do Pedro Guinote, onde cobria temas culturais da cidade do Porto. Sob a orientação do então professor - jornalista e diretor do curso de Jornalismo da ESJ-, António Oliveira simulamos uma redação semanal que cobria várias editorias: sociedade, cultura, política, economia, media.

Nesta fase estava absorvida pela necessidade de pôr em práticas os ensinamentos académicos: praticar e escrever, observar, ir a terreno, entrevistar as fontes e depois escolher de entre os elementos dessa matéria-prima o que usaríamos como notícia. No fundo, familiarizar-me com o saber-fazer jornalístico.

Em Junho do ano seguinte, ingressaria como jornalista estagiária na redação de “**O Comércio do Porto**”, sob a direção interina de Fátima Dias Iken, onde colaborei com o local Porto, cobrindo temas como

política, questões locais, casos de polícia e sociedade. Durante este período fui integrada como parte da equipa, participando nas reuniões diárias, sendo incentivada a dar sugestões de trabalhos e sempre com orientação crítica ao meu trabalho por parte da então editora do Local: Bárbara Soares.

Uma das mais valias desta experiência foi, sem dúvida, o fato de ter sido desde início considerada como elemento da equipa e não apenas mais uma mão de obra barata. Todo o processo foi uma aprendizagem diária, num clima de camaradagem e críticas construtivas de forma a melhorar o meu desempenho. Foi nesta fase que, além de ter contato diário com os meios de produção de um jornal local e respetiva rotina produtiva (desde a escolha da agenda, leitura da imprensa portuguesa, à decisão das pautas do dia, grafismo, e troca crítica sobre os textos) que comecei, realmente, a adquirir técnica e experiência na redação de textos. Não só capacidade de concisão, como também maior rigor informativo, juntando o conhecimento teórico à prática diária.

É certo que já tinha tido algumas noções de valor notícia, não só no curso do Cenjor, como também nas aulas de Laboratório de Imprensa, na ESJ, mas faltava, sem dúvida, o contato e o modo de produção jornalística em tempo real: a pressão das datas-limite de entrega, a pressão dos editores, o tempo que escasseia e toda a adrenalina da urgência de que vive uma redação. Foi sob este stress que mais aprendi, pois fui confrontada com a necessidade de fazer bem, rápido e com responsabilidade, num curto espaço de tempo. Depois porque os estagiários assinavam as peças e junto com o editor eram os responsáveis pelo rigor informativo e por responder, caso houvesse alguma crítica ou contestação ao material publicado. A magia de ver o trabalho nas páginas dos jornais nas bancas no dia seguinte era a certeza de que alguém leria o trabalho jornalístico. O estágio durou 4 meses, uma vez que pedi para estender por mais um mês a experiência.

Em 2003, depois de concluir a Licenciatura em Comunicação Social fui admitida num estágio na **TVI**, no Porto, uma vez que como a minha Licenciatura era Bietápica (Bacharelato+Licenciatura), o 3º ano fechava com uma disciplina de Especialização, que no meu caso foi Televisão. O estágio durou de Setembro de 2003 a Fevereiro de 2004 e, de forma a não criar eventuais expectativas, talvez, fui desde o início advertida por vários jornalistas, e pelo então diretor da TVI, no Porto, Júlio Magalhães, que não havia quaisquer possibilidades de contratação, uma vez que recentemente tinha renovado a equipa. Encarei, pois, a experiência como mais uma forma de aprendizagem diária.

Durante este período, tal como aconteceu durante a minha pela passagem pel' "O Comércio do Porto", fui integrada na produção diária da equipa. Nas primeiras duas semanas, os estagiários saíam em reportagem com um jornalista e repórter de imagem, de forma a perceber o processo de reportagem para televisão. Ao final dessas duas semanas, consideravam que o estagiário estava apto para fazer o trabalho sozinho. Foi dessa forma que comecei a "fazer televisão". Era-nos dada uma agenda diária, com horários e um pequeno resumo do acontecimento e coordenadas do local. Saía, depois, em reportagem com o repórter de imagem.

Chegando ao local de reportagem, dependendo dos repórteres de imagem com quem trabalhava, senti-me, muitas vezes, segura, ou perdida, ao início. Houve colegas que ajudavam, mas também me senti muitas vezes desamparada e criticada por alguns repórteres de imagem que, notoriamente, não tinha paciência para sair em reportagem com estagiários que estavam a dar os primeiros passos em televisão. Este foi um dos primeiros choques no local de trabalho, percebendo a falta de camaradagem e apoio de alguns colegas. Ao longo desta fase realizei várias reportagens sobre política, sociedade, justiça e cultura; realizei diretos e vivos. Aprendi a ler, com dicção considerada apropriada para televisão, aprendi a cortar e a seleccionar imagens e respectivos time code para a edição de peças e aprendi, ainda, a redigir textos para as peças e pivots para o noticiário.

Um aspecto muito positivo foi a realização de uma grande reportagem sobre o Apoio Fisiátrico a Crianças Vítimas de Minas em Angola, que estava a ser realizado no Hospital Militar de Coimbra. Tive possibilidade de investigar e contar uma história com maior fôlego do que as peças diárias de dois minutos e meio para o noticiário permitiam. Este trabalho foi proposto, por mim, na época, e foi aceite pelo diretor Júlio Magalhães, mas causou problemas internos.

Na véspera da realização do trabalho, fui advertida por uma colega estagiária de que esse trabalho tinha sido atribuído a uma jornalista sénior de Lisboa, a qual, supostamente, ao ler na agenda que o trabalho tinha sido designado a uma estagiária criticou a decisão e pediu para ser ela a fazê-lo. Eu, ao saber do sucedido, liguei de imediato ao diretor Júlio Magalhães, questionando o que se estava a passar e reiterando que o trabalho tinha sido por mim proposto. A situação foi resolvida e acabei por fazer o trabalho. Este exemplo, entre outros, fizeram-me constatar, não só o clima de competição e crispação constante que existia,

pelo menos, na redação da TVI, como também o desmérito que existe em relação ao trabalho dos estagiários.

Um importante aspecto negativo foi a falta de acompanhamento jornalístico para a realização das minhas peças. Depois da primeira semana de trabalho as minhas peças deixaram de ser supervisionadas. Na prática eu não tinha orientador, conforme era suposta, e as peças jornalísticas foram sistematicamente para o ar, sem qualquer revisão de um jornalista sénior. Na maioria das vezes foram os colegas do departamento técnico (edição e pós-produção) que me orientaram.

Durante parte do período em que realizei estágio profissional na TVI frequentava, em Lisboa, uma vez por semana, o Curso de Especialização em Estudos Europeus para Jovens Jornalistas, do Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal. A formação durou um ano e terminou em Julho de 2004. Nesta altura, depois do término do estágio em Fevereiro, comecei a realizar outro estágio à experiência e sem qualquer remuneração, num site numa empresa de Consultoria e Gestão Cultural chamada **CultDigest**, escrevendo notícias sobre cultura e património para a respectiva página online.

Quando terminei o curso de Especialização em Estudos Europeus, fiquei entre os 10 melhores alunos (num universo de 60). O prémio seria a atribuição de um estágio no **jornal Público**, com ajudas de custo de alimentação e transporte (o único estágio que fiz com estas ajudas), órgão de comunicação social que promovia o curso em parceria com o Gabinete do Parlamento Europeu. Como não quis perder a oportunidade sugeri à CultDigest, com quem colaborava na época, trabalhar em *part time*, e sugeri ao Público um horário a partir das 14h. Houve concordância e mantive estas duas atividades em paralelo durante 4 meses.

Na CultDigest coloquei em prática as técnicas jornalísticas de entrevista, reportagem e textos noticiosos sobre uma área especializada, porém não obtive *feedback* crítico sobre o trabalho, pois nenhum dos membros da empresa era jornalista.

Já no jornal Público sob a orientação do então sub-diretor Amílcar Correia, sugeri trabalhar em várias editorias: Cultura, Local e Sociedade. Desde cedo fui integrada no ambiente e dinâmica da redação e sempre obtive retorno crítico acerca do meu trabalho, tanto do orientador como dos editores. Por exemplo, fui sempre chamada para analisar o processo de edição dos meus trabalhos e as ouvia as respetivas justificações por que seria necessário efetuar alterações.

Foi, sem dúvida, no jornal Público, onde senti que mais comecei a crescer como jornalista, fazendo parte da rotina produtiva e assinando textos. Fiz entrevistas, reportagens, crónicas sobre o Porto, breves e tomei algumas decisões de edição, quando trabalhava aos fins de semana, com outro editor, que me orientava.

A única questão negativa que me parece pertinente salientar é a percepção de um clima de crispação entre alguns elementos da equipa jornalística que, por vezes, prejudicava o ambiente da redação. Apercebi-me de que era, sem dúvida, também, um problema de liderança.

Não obstante, considero que a minha passagem pelo jornal Público foi deveras construtiva e crucial para o meu arranque profissional. Não só pelas razões já mencionadas, como também pelos desafios e liberdade que me foi dada para a sugestão de assuntos para cobrir em reportagem, nomeadamente na revista Pública, onde raramente os estagiários publicavam. Foi, aliás, depois que realizei um trabalho sobre raparigas que fazem graffiti em Portugal que fui convidada para continuar a colaborar com o jornal Público.

Nessa altura colaborava, ainda, com o suplemento cultural Libero, do jornal de Angola, editado em Lisboa, cobrindo vários aspectos da comunidade angolana em Portugal. Neste caso, como não tinha supervisão direta, os textos eram publicados integralmente, por isso, nunca senti que crescesse profissionalmente em tais circunstâncias, pois não tinha percepção, se algo necessitava ou não ser mudado. Pelo contrário, com a continuidade das minhas colaborações no jornal Público, onde continuava a ter retorno crítico e construtivo do meu trabalho, senti que havia progressos em cada texto redigido.

Como as minhas colaborações no jornal Público não evoluíam para uma contratação efetiva – algo que desejava na época – e como tinha ambições de um dia poder vivenciar uma experiência internacional de trabalho, candidatei-me, em 2005, à 9ª edição do Programa INOV/CONTACTO do ICEP, tutelado pelo Ministério da Economia Português. Fui selecionada e destacada para ir trabalhar para a EDP em São Paulo, no Brasil, em Janeiro de 2006, durante 9 meses. Ali pesquisei e escrevi sobre ambiente, cultura e responsabilidade social, para o site informativo interno da empresa. Apesar de não ter sido destacada para um órgão de comunicação social vi nesta oportunidade um meio para atingir um fim que foi o de ter uma experiência profissional internacional, tirando o maior proveito dela, ao mesmo tempo que tentava conhecer e perceber como funcionava o mercado jornalístico brasileiro, olhando-o como uma possibilidade profissional

futura.

O que acabou por acontecer foi que primeiro, através da EDP, tive a oportunidade de reinventar as minhas funções e comecei a propor textos de estilo de reportagem para o site da EDP sobre projetos de ambiente e responsabilidade social. Tive então a oportunidade de viajar para diversas regiões do Brasil onde a EDP tinha projetos (Espírito Santo, Pantanal, Tocantins, interior de São Paulo). Tal possibilitou-me conhecer melhor o Brasil para a minha realidade profissional como correspondente nos anos seguintes.

Durante este período, foi possível aceder a toda a imprensa brasileira, desde jornais especializados em Economia, como o Valor Econômico, aos diários de formato *broadsheet*, como o Estado de São Paulo, o Globo, a Folha de São Paulo e as revistas Veja e Carta Capital. Estava, por isso, não só a par de toda a atualidade sócio-política brasileira, como também tive a oportunidade de me familiarizar com as várias opções editoriais e estilísticas de cada meio de comunicação, desenvolvendo uma leitura crítica.

Depois, em concomitância com o trabalho da EDP, mantive a minha colaboração com a revista Pública, do jornal Público, propondo textos sobre o Brasil, como por exemplo sobre Lula da Silva. Nesse ano foi época de Mundial de Futebol, por isso, a editoria de Desporto do jornal pediu-me vários textos sobre o assunto. E assim foi durante o ano, contribuindo com vários textos para o jornal Público. Em Dezembro desse ano a EDP ofereceu-me a possibilidade de ficar com um contrato. Aceitei como forma de poder ficar no Brasil.

Porém, no ano seguinte, em 2007, fui contactada pelo **jornal SOL** para fazer trabalhos de correspondente, sobretudo para o Caderno de Economia, Confidencial, sobre empresas portuguesas no Brasil. Durante este ano, sem nunca ter coberto assuntos sobre Economia, tive de analisar vários jornais da especialidade para perceber a linguagem e o estilo. Essa atividade crítica possibilitou-me desenvolver um estilo analítico e contextual (quando se fala de economia também se fala do contexto social, naturalmente) para escrever sobre assuntos de Economia. Os textos finais foram, na sua grande maioria, comentados pelos editores, António José Gouveia e António Costa, numa troca crítica e enriquecedora, que me ajudaram a entrar facilmente no ritmo de escrita e análise para a respetiva editoria.

Durante este período, colaborei, ainda com a revista TABU do jornal Sol, fazendo reportagens e entrevistas de maior fôlego sobre cultura, viagens e sociedade, como por exemplo entrevista ao arquiteto

brasileiro Oscar Niemeyer e ao realizador Fernando Meirelles. Junto com as propostas deveria, igualmente, solucionar o problema da fotografia, fazendo eu, ou contratando fotógrafos que pudessem complementar o trabalho. Neste capítulo tive muito pouco apoio da redação e recorde um episódio grave quando uma secretária de redação me disse que tinha sido instruída de pesquisar fotos online de alguns assuntos que tratava nos meus textos.

No ano seguinte, em 2008, fui contatada pela **Notícias Sábado** e pelo **Diário de Notícias** para cobrir assuntos de Política e Sociedade e para responder à necessidade de o grupo Controlinveste ter notícias semanais, sobre o Brasil, na página Mundo em Português. A **TSF** viria no final do ano, quando iniciei colaboração como correspondente cobrindo, igualmente assuntos de Economia, Sociedade e Cultura.

1.2. Período de Correspondente

O “Meu” Brasil

A fase que realço para análise neste relatório, na medida em que considero a respetiva rotina produtiva relevante, é a que me encontrava a trabalhar como correspondente *freelancer*, em 2008, exclusivamente, para o **Diário de Notícias**, **rádio TSF** e **Notícias Sábado**, três órgãos de comunicação social do mesmo grupo económico, a Controlinveste Media.

Ao serviço desses órgãos de informação fiz cobertura de assuntos como o Mundial de Futebol 2010, Rio de Janeiro e crime organizado, Carnaval, Eleições Presidenciais em 2010, Festivais Literários, Política e Sociedade Brasileira, Comunidade Portuguesa no Brasil.

Nesse período (de 2008 a 2010) mantive uma rotina produtiva e contato diário com editores e respectivas publicações. Sugestões, discussão de temas a abordar, alinhamento de propostas para notícias e reportagens obrigavam-me a uma sincronia com o fuso horário português, que variava entre as mais quatro horas ou menos quatro horas, em relação ao horário brasileiro. Isso significou que acordava entre as 6h e as 7h diariamente, para acompanhar a agenda diária, sobretudo da TSF e do Diário de Notícias. A Notícias Sábado, semanal, era um caso à parte, pois o fecho de edição era às terças-feiras, o que significava definir trabalhos de reportagem com maior fôlego ou entrevistas entre quarta e sexta-feira da semana anterior.

A minha rotina de produção diária baseava-se, sobretudo, na minha proatividade em propor trabalhos no pedido específico de editores, muitas vezes alinhados com o que estava a ser veiculado pelas agências noticiosas. Através do site newsmag, que agrega a informação mundial numa lógica hierárquica (do que mais se está a falar em cada país), conseguia antecipar-me, muitas vezes aos pedidos.

Nesse sentido, o meu *modus operandi* assentava em três atividades, essencialmente:

1) Através do conhecimento de contexto e das linhas editoriais da TSF, DN e NS, analisava a atualidade para inferir quais os temas que interessariam pelo valor-notícia ou respetivo acompanhamento de um assunto que merecia continuidade;

2) Pesquisa na imprensa brasileira, utilizando um Feed Reader, que me agregava todas as notícias dos jornais por mim escolhidos (Estado de São Paulo, G1, Globo, Folha de São Paulo, Valor Econômico, revista Veja e blogs de análise política, social, cultura e crônicas como o blog de referência do Noblat), segundo o tema que queria. Consultava ainda a agência Brasil, Estado e FolhaPress e ouvia diariamente a CBN, rádio de referência de informação brasileira. Recorria também a fontes primárias, como fontes diretas e assessorias de imprensa de empresas portuguesas no Brasil, Câmara do Comércio, AICEP, Consulado e Embaixada de Portugal no Brasil.

3) Pedido específico pelas várias editoriais. Existia dois tipos de pedidos: a) aqueles relacionados com o agenda setting, ou seja, o que estava a ser mais propalado pelos media brasileiros ou agências noticiosas; b) aqueles que pediam notícias sobre o Brasil para o fim de semana, para cumprir a página semana “Mundo em Português”;

Além da rotina diária, há três momentos importantes de referir neste percurso como correspondente: Eleições Presidenciais em 2010, e reportagens sobre o crime organizado no Rio de Janeiro e 4 meses pela Amazônia brasileira. Foram os períodos mais intensos e continuados de cobertura sobre um determinado tema: reportagens sobre diversos ângulos, fotografias, entrevistas em áudio e texto, mais fotos para ilustrar o áudio. Tudo isto num tempo record cansativo e urgente para a TSF, o DN e NS.

Esta descrição é exemplo de uma tendência não só do trabalho de muitos *freelancers* no contexto atual, como também, exemplos da flexibilidade multifacetada que é solicitada, hoje em dia, aos jornalistas, i.e., o de serem repórteres de imprensa, fotógrafos, radialistas e curadores de notícias, simultaneamente. E, ainda, evidência de uma certa independência e liberdade que o *freelancing* tem intrínseco, que é essa capacidade de analisar o contexto e o ambiente que o circunda e a partir dele propor outros ângulos de abordagem para “venderem” o trabalho.

Considero os dois últimos casos de reportagem acima referidos - crime organizado no Rio de Janeiro e Amazônia – como exemplos de uma tentativa pessoal em romper com as amarras da rotina produtiva dos órgãos de comunicação social que dedicam cada vez menos espaço à reportagem. Durante alguns meses, através de uma poupança de orçamento pessoal, percorri vários lugares do Brasil e da Amazônia brasileira

para realizar as reportagens.

Obtive o ressarcimento posterior pelo trabalho desenvolvido, mas evidentemente que muitas viagens e despesas pessoais na realização destes trabalhos não foram reembolsados. Por que razão os fiz mesmo assim? Acima de tudo porque acredito na reportagem e no jornalismo de investigação, porque tinha motivação para os desenvolver e porque considerava um “desperdício” perceber que tinha informações privilegiadas sobre determinados assuntos e não conseguia desenvolver as histórias por constrangimentos financeiros dos órgãos de comunicação social. Fi-las por acreditar no Jornalismo de qualidade, perseguindo aquela que é a minha Paixão pela profissão.

Por um lado, todo este percurso foi difícil pela minha instabilidade laboral, marcada pela prestação de serviços e não um contrato, uma vez que, trabalhava para o Diário de Notícias, TSF e Notícias Sábado como colaboradora, sendo remunerada à peça, com valores muito baixos, para a qualidade sénior do trabalho que era exigido, e sem quaisquer outras contrapartidas de subsídio de alimentação, alojamento, férias, ou despesas extra como telefone, internet.

Por outro, foi esta tentativa de liberdade, numa resiliência diária para resgatar um certo “elemento” primordial do jornalismo que é a independência, que me permitiu desenvolver alguns trabalhos de que me orgulho ter feito parte, nomeadamente as Reportagens TSF: - “O lado B do Rio de Janeiro”, sobre a outra camada de pele da cidade maravilhosa e o crime organizado; “Amazónia Labirinto Infinito”, sobre os conflitos da Amazónia brasileira, o legado, o desmatamento e as tradições portuguesas na região, a cobertura em direto da Presidenciais Brasileira em 2010; ou ainda O perfil de Dilma Rousseff e “A nova geração de portugueses no Brasil” para a já extinta revista NS.

1.3. Apresentação das empresas - trabalho de correspondente

Antes de prosseguir com a análise de questões mais pertinentes com que me confrontei ao longo do percurso profissional como correspondente no Brasil, mais concretamente enquanto colaboradora da TSF, DN e NS, parece-me pertinente fazer uma breve apresentação dos órgãos de comunicação social em causa, na expectativa de que, de alguma forma, ela possa contribuir para enquadrar a reflexão que de seguida farei.

Rádio, jornal, revista

Retrato de Família

A rádio TSF, o **Diário de Notícias** e a extinta **Notícias Sábado** integram o mesmo grupo económico: a Controlinveste, considerado um dos maiores grupos de media em Portugal, com origem na Olivedesportos, empresa fundada em 1984 por Joaquim Oliveira.

Hoje o Grupo Controlinveste continua sob a liderança de J. Oliveira e marca presença nos setores da imprensa, internet, rádio, televisão, gerindo, ainda, conforme se lê no site institucional da empresa ¹ *“um diverso conjunto de participações em empresas com atividade na área da publicidade, comunicação multimedia, produção de conteúdos e design, telecomunicações, desporto, entre outras.”*

Em rigor, são sete jornais, sete revistas encartadas nos jornais e duas de venda em banca, para além de uma série de outros suplementos, com os mais variados temas. Agrega, ainda, uma estação de rádio, seis canais de televisão por cabo e empresas a atuar na área de multimedia.

De acordo com o site da Controlinveste, a missão e valores do grupo económico alicerçam-se num compromisso de “Liderança, Inovação, Qualidade, Rigor, Ambição, Desempenho, Trabalho de Equipa, Serviço ao Cliente e Responsabilidade Social.”

¹ <http://goo.gl/SS0eH6>

1.3.1

Tudo o que se passa, passa na TSF

*Por uma boa história,
por uma boa notícia,
vamos ao fim da rua,
vamos ao fim do Mundo.
(slogan TSF)*

A rádio TSF é uma das principais marcas de referência do jornalismo português, de cariz exclusivamente informativo. A emissora de rádio TSF-Rádio Jornal começou a emitir em 1988, embora de uma forma legal isso só tenha acontecido no ano seguinte². Os primeiros passos, porém, foram dados em Março de 1981, aproveitando o programa eleitoral do novo governo, que fala em reprivatizar a rádio. Nessa altura é criada a TSF – Cooperativa de Profissionais de Rádio.

A primeira emissão pirata seria a 17 de Junho de 1984, anunciada nos jornais e durante 4 horas ouviram-se mensagens de apoio ao movimento das rádios livres, incluindo do então Presidente da República, António Ramalho Eanes. A emissão tinha dois emissores e apenas um deles foi detectado pelas autoridades. Três anos depois começa o primeiro curso da TSF, coordenado por Adelino Gomes. E em 1988 dá-se, então, a primeira emissão da TSF, em 102.7, ainda pirata, com a primeira notícia do primeiro noticiário às 7h lida por Francisco Sena Santos: “Paz no fisco durante três meses”.

A TSF só chega ao Porto em 1991, quando a rádio adquire a Rádio Activa (90.0 FM). Em Coimbra, a emissão da Rádio Jornal do Centro é substituída pela da TSF (tal como no Porto, com algumas horas de produção própria). Em Abril de 1992, Emídio Rangel abandona a direção da TSF para assumir a liderança da SIC, e David Borges é nomeado o novo diretor.

No ano seguinte, a empresa Lusomundo (detentora, entre outros meios, da Rádio Press, com uma rede regional de frequências a norte e centro) cria com a cooperativa uma nova sociedade (Rádio Notícias), detida em partes iguais, para a gestão do património TSF Radio Jornal.

² [http://www.infopedia.pt/\\$tsf-radio-jornal](http://www.infopedia.pt/$tsf-radio-jornal)

Atualmente a direção está a cargo de Paulo Baldaia, Arsénio Reis é o diretor-adjunto e Pedro Pinheiro, subdiretor. A rádio pode ser sintonizada em Lisboa em 89.5, no Porto em 105.3; em Braga em 106.5, entre outras pelo país.

Segundo o Media Kit de 2012 da TSF (Ver anexo XVIII), o perfil do ouvinte é maioritariamente masculino (76%), de classe média (30%) da grande Lisboa (33%), seguido do interior norte (17%) e depois o Porto (13%). Quanto à faixa etária: 26% entre os 35 e os 44 anos; 20% entre os 45 e os 54 e os 55 e 64 anos; e 18% entre os 25 e os 34 anos. Mais: 90 mil ouvintes são Quadro Médios e Superiores; 151 mil pertencem às classes altas (AB) 138 mil ouvintes residem em Lisboa e Porto.

No que diz respeito a resultados, os últimos números da Marktest – Bareme Rádio – de 22 de Outubro de 2013³ (Anexo XIX) mostram que a TSF “registou 4.9% de share de audiência, com 10.7% de reach semanal e 4.7% de audiência acumulada de véspera.” Isso significa que está abaixo do grupo RTP (9.5% de share de audiência, um reach semanal de 16.3% e 7.8% de audiência acumulada de véspera) que inclui a Antena1, principal concorrente; abaixo da Rádio Comercial, a rádio mais ouvida em Portugal (com um reach semanal de 30.7%, uma audiência acumulada de véspera de 15.8% e 23.0% de share de audiência: e, ainda, abaixo da Rádio Renascença que registou 17.0% de reach semanal, 7.9% de audiência acumulada de véspera e 10.1% de share de audiência.

3 www.marktest.com/wap/a/n/id~1c3d.aspx

1.3.2

Diário de Notícias

Por três séculos de História

"Este jornal não se pode, de futuro, limitar a ser uma folha de registos de ocorrências mas há-de tornar-se no veículo das informações que o povo precisa".

José Saramago

O jornal Diário de Notícias (DN) é considerado um jornal generalista matutino de referência em Portugal com uma tiragem média de 29 mil exemplares. Posicionando-se no quarto lugar entre os jornais diários generalistas e é propriedade da Global Notícias do Grupo Controlinveste Media. Além da edição impressa o Diário de Notícias tem uma versão online aberta aos leitores (www.dn.pt). No site online do grupo económico do jornal⁴, o Diário de Notícias assume-se como um jornal “abrangente”, “completo” e de “confiança”, que se regre pelas seguintes linhas orientadoras: credibilidade, isenção, qualidade e rigor.

O DN tem uma longa e rica história com quase um século e meio. Foi fundado em 1864 pelo jornalista e escritor Eduardo Coelho e pelo industrial tipográfico Tomás Quintino Antunes. Coelho, que foi também redator, dirigiu o jornal nas três primeiras décadas, que seguiu uma estratégia de implementação e consolidação do jornal na procura de um jornalismo moderno, informativo e independente.

Atualmente o jornal aborda vários tipos de assuntos, desde Política, Sociedade, Cultura, Desporto, Economia, Portugal, Lazer. Tem 3 cadernos (o 1º com 13 seções) e 7 suplementos. A saber: *Atual, DN Tema, País, Política, Opinião, Globo, Segurança, Sport, Cidades, Vida, Media, Especial, Ciência Iniciativas*. Os Cadernos: Caderno 1.º Caderno (ou simplesmente *Diário de Notícias* ou DN); Caderno *DN Classificados* (ou *Classificados DN*); Suplementos periódicos: Suplemento *Dinheiro Vivo* (semanal, ao Sábado); Suplemento *QI* (semanal, ao Sábado); Suplemento *Notícias TV* ou *NTV* (semanal, à Sexta-Feira); Suplemento *Notícias Magazine* ou *NM* (semanal, ao Domingo), que se rege pelo Estatuto Editorial do Diário de Notícias.

⁴ <http://www.controlinveste.pt/Pt/Media/>

1.3.3.

Notícias Sábado

A Notícias Sábado (NS), revista semanal, que tinha distribuição ao sábado, junto com os jornais Diário de Notícias e Jornal de Notícias, foi extinta em Setembro de 2011 num processo de reestruturação dos suplementos dos jornais - e pouco mais me é adiantado pela direção executiva da atual Notícias Magazine, que no passado acumulava o cargo com a NS.

Na época da extinção da newsmagazine, o diretor do DN João Marcelino afirmou que iria reforçar a Notícias Magazine, distribuída ao Domingo com os dois títulos DN e JN. Nesta altura, a Notícias Magazine sofreu uma reestruturação a nível interno nas editorias, bem como de reconfiguração das seções e imagem, afirmando-se, conforme se lê no media kit, como uma “revista semanal de informação geral”, que “pretende dar ao leitor informação útil que o faça pensar sobre a realidade que o rodeia, compreender as tendências e viver melhor a sua vida”.

A NS chegou a ser uma revista de referência na Grande Reportagem. Nos últimos anos de existência, a *newsmagazine* abordava temas de fundo sobre moda, saúde, política, cultura, desporto, sociedade, consumo, internacional, contando ainda com artigos de Opinião, grandes entrevistas e perfis de personalidade públicas. Contava ainda com seções fixas de life&style, jogos, sugestões de música e livros, motores e gourmet.

Na época em que colaborei desde o Brasil com a NS cobri assuntos mais relacionados com política, cultura e segurança. Não me recordo neste período de ter colaborado com a Notícias Magazine, uma vez que na época era uma revista mais centrada em temas nacionais como educação e bem-estar, comportamento e consumo.

2. Reflexão Crítica sobre a experiência profissional como correspondente no Brasil

2.1. Rotina produtiva internacional

Freelancer | Independente TSF, DN, Notícias Sábado

Toda a rotina de produção diária foi importante para o meu processo de aprendizagem contínua como jornalista. Quando me surgiu a oportunidade de ser correspondente no Brasil para o grupo Controlinveste tinha 27 anos, licenciara-me aos 22 na Escola Superior de Jornalismo e, passara como estagiária pelas redações da TVI, Comércio do Porto, jornal Público, conforme referi anteriormente no meu percurso profissional.

Porém, depois desse período passei a trabalhar, de forma remunerada como freelancer. O que significa, também, que nessa época estava pouco madura, profissionalmente, e faltava-me o apoio de uma redação. Estava, pois, no início de construção profissional, confrontando-me, sozinha no terreno, onde se impunha a necessidade de desenvolver ainda competências de edição, avaliando aquilo que interessaria como valor-notícia ao Diário de Notícias, à TSF e à Notícias Sábado, órgãos com perfis de produção e abordagem tão distintos. O DN é diário, exigindo uma abordagem mais em cima do acontecimento, a TSF tem noticiários de meia e meia hora, exigindo atualização constante do acontecimento; e a NS, sendo semanal exige o tratamento de informação mais detalhada e desenvolvida, eventualmente novos ângulos, sobre um determinado acontecimento.

Por outro lado, confrontava-me, ainda, com a falta de apoio de uma estrutura de redação que possibilita o contato direto com colegas de profissão e editores séniores, acesso fácil a telefone, e uma secretária. Estas condições significavam que eu não tinha com quem partilhar as dúvidas pessoais sobre o meu trabalho, questão que facilmente pode ser dissipada quando se está integrado numa estrutura de redação.

Ao mesmo tempo que estava enquadrada neste cenário, onde a insegurança e as dúvidas profissionais eram mais presentes, estava submetida a uma enorme pressão para entregar trabalhos “maduros” de jornalista sénior, uma vez que as notícias de Economia e Política, assim o exigiam por

pressuporem maior especialização no assunto, bem como um “background” de conhecimento prévio sobre os assuntos, para poder relacionar e comparar dados. A memória é essencial para o Jornalismo e permite fazer um trabalho mais sério e aprofundado porque permite explorar o contexto dos assuntos.

Houve momentos muito difíceis, em que me senti isolada e desamparada. Para superar esta inexperiência, socorri-me de um estudo intensivo da realidade em que estava inserida. Li obras de História sobre o Brasil, como “As raízes do Brasil” de Sérgio Buarque de Hollanda, como “O Povo Brasileiro” de Darcy Ribeiro e mesmo literatura de ficção como “Macunaíma”, de Mário de Andrade e clássicos como Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, bem como cronistas da atualidade como Antônio Prata, Luís Fernando Veríssimo, Ferreira Gullar e Clóvis Rossi.

Outra formação intensiva importante, considero, foi analisar diariamente a imprensa internacional, a imprensa brasileira e a imprensa para a qual escrevia (pois os estilos diferem na aproximação do tema, da matéria prima moldável) e trocando e-mails entre o Brasil e Portugal com amigos mais experientes.

Considero que um correspondente tem o dever de, mais do que se integrar na cultura sobre a qual está a trabalhar, de perceber a realidade circundante, contextualizá-la e analisá-la criticamente, quase numa mescla entre jornalista-antropólogo-psicólogo. Uma determinada cultura tem códigos e simbologias específicos, quanto melhor os soubermos identificar e analisar, é minha convicção a partir da minha experiência profissional, mais intuitivamente poderemos perceber determinados comportamentos para os podermos explicar e contextualizar.

Reconheço que todo esse esforço que empreendi numa lógica auto-didata, permitiu-me crescer, dar fibra profissional e maior capacidade de análise crítica, sobre o meu próprio trabalho, sobre os valores-notícias, os fatos e sentindo amadurecimento em cada texto redigido.

Ao longo desta intensa experiência houve várias experiências positivas e menos positivas. Não analisarei extensivamente cada uma delas, mas apenas alguns exemplos que me parecem pertinentes para o relatório em questão.

2.1.1.Dificuldades | Desafios

No que diz respeito às **experiências negativas**, destaco a resistência editorial em abordar temas além dos estereótipos sobre o Brasil: o crime, a pobreza e a exclusão, a corrupção política, o boom económico, o Carnaval comercial, por exemplo, com a resposta de que outros temas “não vendem”. No entanto, uma das dificuldades que mais senti foi a falta de apoio de uma estrutura por parte das redações com as quais colaborava para desempenhar o meu trabalho, como um espaço físico, bem como respetivo ressarcimento das despesas que tinha com telefone, internet e deslocações.

A essas condições laborais precárias somava-se o fato de o meu ressarcimento mensal ser igualmente incerto e incompatível com o volume de trabalho e respetiva responsabilidade que então tinha. A TSF ressarce vinte e cinco euros por peça jornalística, quer tenha um minuto e meio (considerada peça standard), quer tenha 15 minutos, e paga no máximo 15 peças por mês. Isso significa que ao fim de 15 peças, não haverá mais reportagens sobre o Brasil naquele mês, salvo raras exceções como Mundial de Futebol e Eleições Presidenciais. Atente-se que sobre esse valor eu reduzia, na altura, 21,5% para IRS. Ou seja, por vezes despendia mais para realizar uma peça jornalística do que auferia. O mesmo acontecia com o profissional que colaborava com a TSF anteriormente e esse é o mesmo valor que é pago aos correspondentes no território português.

Ao contrário dos meus colegas correspondentes para órgãos de comunicação social portugueses (RTP, Público e Lusa), no Brasil, eu era a única que não tinha um contrato vinculativo, e era também, na época, a única que colaborava para mais do que um título. O Diário de Notícias ressarcia oitenta euros por página publicada e sessenta euros por meia página, sobre os quais deduzia, igualmente, 21,5% para IRS. Estamos a falar de trabalhos que, na maior parte dos casos, exigia ter contato direto com fontes para averiguar e confirmar informações, algumas horas de trabalho, bem como deslocações para reportagem. Essas despesas, por exemplo, nunca foram pagas e sempre que as mencionava obtinha como resposta não ser essa prática do jornal e da rádio.

Outra questão que me angustiava bastante era a sobreposição de trabalhos e editorias, o que resultava numa enorme pressão para cumprir prazos e ter de dormir muito pouco para conseguir cumprir o

solicitado. Ou seja, ao mesmo tempo que o DN me solicitava um texto, por vezes tinha duas editoriais da TSF a solicitar-me trabalhos, com intervalos muito curtos e para noticiários diferentes, sobrecarregando-me e, por vezes, tendo de gerir egos por falta de compreensão das equipas para perceber o assunto. Além do mais, explicar toda esta sobrecarga de trabalho era entendido como incompetência, conforme aconteceu uma vez, quando um jornalista da TSF me ligou a pedir explicações por que razão não tinha entregado uma peça sobre o Tiririca que ele me pediu, depois de eu já ter avisado o editor desse noticiário que estava com uma outra peça para o Programa Última Hora, pedida anteriormente.

Atrasos nas respostas dos e-mails com sugestões enviadas com antecedência foi, também, uma questão recorrente, tanto na TSF como no DN e NS. Isso significou que muitas vezes, nos meus momentos de descanso, tive de voltar a casa para realizar trabalhos, à pressa, quando tal poderia ter sido planeado com antecedência, caso tivessem lido os e-mails anteriormente. No fundo, apesar de ter acreditado que este percurso me daria ferramentas de amadurecimento profissional, hoje, ao olhar para este cenário não posso deixar de percebê-lo, em parte, com uma exploração laboral a que voluntariamente me submeti. Trabalhos de responsabilidade e muitas horas de trabalho mal pagos, sobrecarga de tarefas para um ressarcimento precário são fatos de um cenário precário e de desrespeito pelo trabalho desenvolvido, constato.

E, afinal, por que será que isto acontece? Será uma tendência internacional? Em parte, poderá dever-se ao fato de, conforme comprova a literatura sobre correspondentes estrangeiros, a figura do jornalista correspondente estar a desaparecer porque o público nacional não se interessa por notícias internacionais (ALTMEEPEN, 2010 e ROBINSON, 2007, citados por ARCHETTI, 2013: 1); o jornalismo de correspondentes está em declínio, se não mesmo em crise (COZMA, 2010 e YOUNG, 2010, citados por ARCHETTI, 2013:1). No primeiro caso será discutível, para este cenário, pois o Brasil tem laços históricos com Portugal, logo à partida será sempre um valor-notícia, agora a questão é entender até que ponto as novas tecnologias (redes sócias, celeridade da internet, permitindo o jornalismo cidadão), poderão ou não ter contribuído para que se substitua a figura do jornalista correspondente.

Num artigo recente, a investigadora inglesa Cristina Archetti (2013) procura responder a essas mesmas questões, a partir de um estudo com entrevistas a correspondentes estrangeiros no Reino Unido, defendendo que uma das razões para a redução de correspondentes internacionais, além das conhecidas dificuldades financeiras relacionadas com a crise económica que afetou o setor dos media (ARCHETTI, 2013),

será os avanços nas comunicações tecnológicas e a criação de redes de media globais que estão a ter um papel muito significativo a esse nível. “The need to reduce the number of foreign correspondents in the print medium, for example, might be on a first instance related to the ‘death of newspapers’ and their turn towards local rather than international coverage as a last source of revenue” (Archetti, 2013: 420). E continua: “This aspect, however, is largely the consequence of the rise of the internet: as advertisers prefer investing online, newspapers need to find a niche news market that cannot be easily duplicated by material freely available online. In fact, the very possibility for global audiences to access news in foreign countries at a click of a button might lend support to the idea that foreign correspondents are unnecessary ‘middle men’. (Archetti, 2013: 420).

Essa é aliás a premissa implícita de um recente estudo do Reuters Institute for the Study of Journalism (Sambrook, 2010): Are Foreign Correspondents Redundant? The Changing Face of International News. Nas considerações finais, conclui-se que, nessa matéria há, tendencialmente, menos correspondentes baseados no estrangeiro– mas, por outro lado, criaram-se grandes oportunidades para o freelancer e jornalistas locais.

Nessa conclusão, Sambrook (2010) traça o perfil do correspondente do futuro, onde revejo a minha experiência profissional como correspondente no Brasil: “They will work to multiple deadlines each day across multiple media (text, audio and video), they will be heavily networked with other specialists and with public sources in their area of expertise. Their network of sources will be counted in the hundreds. Their brief may not be purely geographical, but subject-led as well. They may work for several different organisations as a stringer or freelance rather than being on the staff of one organisation. They are more likely to work from home. They will be addressing multiple audiences around the world and will be aware that they are not the only, or even main, source of information. Their role will be as much about verification, interpretation and explanation as revelation. As such they will need social and collaborative skills. They will take steps to ensure the way they work is as transparent as possible in order to win the trust of editors and the public. (Sambrook, 2010: 99)

2.1.2. Vantagens e desenvolvimento pessoal

A partir da experiência como correspondente no Brasil, permitiu-me a possibilidade de cobrir vários temas sobre a realidade brasileira e isso, percebo, enriqueceu-me como jornalista, não só na tentativa de adquirir conhecimento especializado nos temas abordados, como também, me obrigou a procurar novos ângulos de abordagem.

Toda essa exigência para estar a par e informada de quase tudo em concomitância é, sem dúvida, desgastante e um trabalho hercúleo nunca atingível, pois da minha experiência não me parece viável ser especialista em tudo, mas ser correspondente internacional acaba por ter essa premissa. O que é certo é que para melhor poder responder a esta exigência procurei estudar e atualizar-me, constantemente, em novas técnicas jornalísticas, numa incessante aprendizagem. Assistindo a webminários sobre técnicas de entrevista, nomeadamente técnicas de entrevista para quem tem pouco tempo com as fontes; storytelling e melhoria de técnicas narrativas, através das plataformas da Fundación de Nuevo Periodismo, Reynolds' Center e International Journalist's Network.

A experiência de ser correspondente internacional, possibilitou-me, ainda, mais tarde, a liberdade de escolher os temas de notícias com novos ângulos, viajando por vários lugares no Brasil como Amazónia, Pantanal, Tripla Frontera, para investigar temas de reportagem como tráfico de mulheres, numa lógica de prospeção de temas que mais tarde pudesse apresentar aos órgãos de comunicação com os quais colaborava, de maneira a ter uma base de proposta mais sólida, com maior conhecimento sobre o assunto.

Admito ainda que o fato de integrar a cultura brasileira e tentativa de entendê-la deu-me a possibilidade de desconstruir alguns estereótipos junto de editores e publicando notícias que favorecendo o debate público – com novas formas de abordagem a temas como o crime organizado e boas práticas políticas, muito além de uma presumível ideia pré-concebida de um Brasil corrupto, entrevistando especialistas em Transparência Política, como foi o caso do representante da Agência Transparência Brasil.

Questão específica

3.1. Estereótipos e Preconceitos/ O Povo Brasileiro!

"[...] Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles negros e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Como descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da maldade destilada e instilada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria."

"A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista." (1995, p.120)

Darcy Ribeiro, "O Povo Brasileiro"

"The I is always in the field of the Other."

Jacques Lacan

No decorrer do meu trabalho enquanto correspondente no Brasil, fui-me apercebendo de que os portugueses em geral têm, ainda, uma herança estereotipada sobre o povo brasileiro. Notei que esses eventuais equívocos fazem parte, também, do imaginário de alguns editores e jornalistas com quem trabalhei, plasmado através de algumas observações que faziam como: "eles são muito falsos, não são?"; "pois é, os brasileiros é que sabem viver, fazem uma festa todos os dias"; "são muito corruptos, não são?".

O contrário também continua a acontecer, apercebi-me. Ou seja, alguns brasileiros ainda olham para a realidade portuguesa como a de um país rural, atrasado; o homem português como limitado e o estereótipo da mulher com bigode. Acontecia-me, diariamente, por exemplo, quando entrava num táxi. Ao se aperceber de que eu era portuguesa, o taxista não resistia a contar uma piada de portugueses. Na maioria das vezes pedia-me que contasse uma piada sobre brasileiros: "daquelas que vocês contam em Portugal!" Ele não acreditava quando lhe respondia que não tínhamos assim tantas piadas de brasileiros e que não me ocorria nenhuma.

Em discursos informais com amigos ou conhecidos sobre o Brasil, ainda ouço observações estereotipadas sobre os brasileiros, abarcando a parte pelo todo, como por exemplo: de que “o Brasil é um país muito violento”; de que “os brasileiros são lentos”; de que “as mulheres são atiradiças”; de que “o Rio de Janeiro está povoado de traficantes” e “vive uma guerra diária”. Em parte acredito que a responsabilidade pela construção e desconstrução destas “imagens” seja, também, dos órgãos de comunicação social.

Conforme dão conta vários estudos, ainda parece certo que os conceitos “diversões”, “libertinagem”, “carnaval” e “pecado” são imagens estereotipadas frequentemente relacionadas com o Brasil em diversos media, como a literatura (GOLDSTEIN, 2003) e o cinema (AMANCIO, 2000). Evidentemente que esta imagem tem vindo a mudar, quer seja pelo fluxo turístico para o Brasil, quer seja porque há muitos portugueses da nova geração a trabalhar no Brasil, onde o contato com a realidade terá, eventualmente ajudado a desconstruir algumas dessas ideias pré-concebidas.

Wellington Teixeira Lisboa (2009) destaca que “as relações histórico-culturais entre o Brasil e Portugal constituem uma das principais perspectivas a partir da qual a identidade brasileira foi sendo construída no pensamento social português” (LISBOA, 2009: 53). Talvez por isso, “entre outros movimentos transatlânticos relevantes nesse processo de (re)configuração identitária, a mediação de produtos culturais brasileiros caracteriza-se como uma dinâmica que influi no universo de representações coloniais ainda partilhadas no senso comum português.” (LISBOA, 2009: 53)

De um modo geral, aceita-se a versão de que o Brasil é conotado como o país da alegria, da festa, da vida leve e relaxada, da paródia; mas por outro, o país do Carnaval é também conotado com o país do crime organizado, da violência, do malandro, da sexualidade exacerbada, do fosso entre ricos e pobres das favelas, da exclusão social. A partir de um retrato sócio-económico do país, não há dúvida de que essas imagens são também uma realidade, mas é preciso ter-se muito cuidado e responsabilidade na forma como se veiculam as notícias, uma vez que elas têm impacto na construção social da realidade. O jornalista é esse mediador do espaço público, com a responsabilidade em desmistificar, desconstruir estereótipos, preconceitos, imagens erradas de um determinado contexto, contrapor fatos e diferentes visões, cumprindo a missão do pluralismo.

O Brasil, país de Língua Portuguesa, com cerca de 190 milhões de habitantes, grande indústria cultural, é hoje considerado um dos países mais prósperos da América Latina, a terra de promessas,

conforme o denominou a revista britânica *Economist* (2007), onde trabalham milhares de portugueses e onde fervilha uma grande dinâmica dos negócios com Portugal, como a PT, EDP, Azeite Gallo, vinhos portugueses, EFACEC, etc. Ou seja, além da língua comum e dos óbvios laços históricos que eleva o Brasil à condição de país-irmão, a realidade brasileira interessa estrategicamente a Portugal como valor-notícia.

Talvez por isso, o Brasil seja uma predileção para os órgãos de comunicação para os quais trabalhei. Se, por um lado, tinha liberdade para escolher alguns temas de abordagem, por outro deparava-me ora com constrangimentos de orçamento que impediam a realização de determinado trabalho, ora com pedidos editoriais muitas vezes desajustados da realidade onde me inseria. E isso, apercebi-me, muitas vezes porque as agências noticiosas estavam *a marcar a agenda*. Recordo, por exemplo, de um episódio que um editor me pediu para fazer um trabalho de uma manifestação na Avenida Paulista, em São Paulo, a 5 metros da casa onde eu morava, porque a agência Lusa estava a falar dela. Fui averiguar e assegurei que era apenas uma dúzia de pessoas sem grande expressão que já estavam a começar a dispersar. O editor não acreditou e respondeu: “Mas está na Lusa”. Contra-argUMENTEI garantido que não ia fazer uma notícia que não existia só porque a Lusa estava a noticiar, quando tinha ido ao terreno verificar de que não era nada que merecesse destaque.

Tive, por estas e por outras, de argumentar muitas vezes, por que razão alguns pedidos não faziam sentido; até porque alguns enquadravam-se no leque de pedidos estereotipados, de percepções erradas e repetidamente veiculadas pelos órgãos de comunicação social. Lembro, a título de exemplo, de um editor me solicitar uma reportagem sobre o Carnaval e de eu sugerir para abordarmos o tema com um ângulo diferente daquele que era repetidamente abordado, ano após ano. Sugeri o Carnaval de rua, que os cariocas consideram como o verdadeiro Carnaval do Rio de Janeiro. Essa abordagem contrariava a ideia de que o verdadeiro Carnaval brasileiro é o da Avenida Sapucaí, o Sambódromo, que vemos todos os anos através da televisão. A resposta que obtive foi que “a notícia não vendia”. Argumentei dizendo que, precisamente, por ser um ângulo diferente seria uma novidade que contribuiria para, eventualmente, desfazer equívocos, mostrando o que é o tal Carnaval verdadeiro da cidade, conforme asseguravam os moradores locais.

Outro exemplo: as notícias sobre política, corrupção e crime organizado nas favelas. A certa altura, apercebi-me de que, muitos dos meus argumentos e propostas de trabalho se situavam na tentativa de contrariar estereótipos em relação ao Brasil e aos brasileiros. Mas isso não me isenta de responsabilidade de

também ter eventualmente ter veiculado estereótipos. Há uma linha muito tênue e inconsciente para o uso de estereótipos, apercebi-me. Talvez devessem existir regras editoriais que contrariassem o uso de palavras estereotipadas, como: a cidade do Carnaval, o bandido da favela, país da alegria, guerra entre traficantes.

Recordo-me, ainda, de uma percepção errada que uma editora tinha sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, uma organização social de inspiração marxista que existe em todo o Brasil e que luta pelo direito à reforma agrária. Em primeiro lugar, sempre que algum editor se referia a este movimento referia-se aos Sem Terra. Falácia. Há várias organizações sem Terra no Brasil, o MST é a mais conhecida e também polémica, por tomar conta de terras que foram expropriadas ilegalmente. Depois, a ideia equivocada de que a Amazónia é uma terra sem lei, desprotegida, onde só há índios.

Foi portanto com o objetivo de desmontar alguns destes estereótipos que desenvolvi durante os anos de 2009 e 2010 dois trabalhos de grande reportagem: um sobre a Amazónia e outro sobre o verdadeiro crime organizado no Rio de Janeiro. E é sobre este último trabalho que me vou debruçar, mais adiante, dando pormenores do guião de reportagem da TSF (O lado B do Rio), nessa minha busca pela verdade, pela desmistificação de estereótipos. Ainda que, eventualmente, o resultado não possa ser considerado um arquétipo (até porque parte de uma análise pessoal, subjetiva), podendo ele próprio ser matéria de críticas, e que eu, também, não tenha analisado o impacto que essas reportagens tiveram, penso que representa, dentro do contexto deste relatório, exemplo dessa tentativa.

3.2. Desenvolvimento da questão a aprofundar

O papel do Jornalismo

O jornalista “artesão” da realidade (moldável)

Se o Jornalismo pode ser uma atividade legitimadora de estereótipos, coadjuvando na construção social de uma realidade, (MCGARTY ET AL. 2002, cit. por IBROSCHEVA e RAMAPRASAD, 2013:1) em que medida o meu trabalho de correspondente serviu para os legitimar ou desconstruir? O trabalho dos correspondentes, enquadrados num contexto intercultural, é um repercutor de imagens pré-concebidas com raízes colonialistas? (PAGANOTTI, 2007) De que forma os correspondentes no Brasil são “artesãos” reprodutivos de um imaginário coletivo? Existe uma “imagem fixa” (PAGANOTTI, 2007) sobre os brasileiros no imaginário português, legitimada através dos meios de comunicação social portugueses? Que imagens são essas veiculadas pelos correspondentes portugueses? Parece-me basilar perceber de que forma os estereótipos são usados pelos correspondentes e qual a responsabilidade desses jornalistas para os contrariar.

Num primeiro momento irei procurar respostas na literatura existente sobre este tema. Posteriormente, complementarei o enquadramento teórico traçado com casos específicos da minha experiência profissional e com a análise de um guião de grande reportagem sobre o crime organizado no Rio de Janeiro.

3.2.1. Enquadramento e Fundamentação Teórica

Se “toda a realidade social é construída” (BALANDIER, 1992) e se o jornalista é considerado um mediador da realidade do espaço público, molda, por isso, através dos media, a realidade social. Ele não reflete o mundo de forma empírica mas re(a)presenta-o através de formas particulares de entendimento da realidade (BERGER & LUCHMANN, 1967). Ou seja, as representações não são o espelho da realidade, mas sim versões hiper-simplificadas da realidade (CABECINHAS, 2004). As representações nunca são neutras, pois dependem mais do observador do que do objecto, já que este *define* primeiro e *vê* depois. (CABECINHAS, 2004).

Nessa construção do espaço público, “a ciência associada à tecnologia, a comunicação e os seus media poderosamente equipados de jogos de palavras e imagens, tornam-se agora os artesãos principais, dominantes, da apresentação do real” (BALANDIER, 1992:129). Em rigor, “a informação a que temos acesso é a que os media querem que tenhamos acesso” (CHAMPAGNE, 1998). Eles atuam no momento, na instantaneidade, e fabricam coletivamente uma representação social, aquilo a que a psicologia social designa por marcar a agenda, i.e., mesmo num mundo global, a influência das minorias sobre as maiorias é grande através dos media (CHAMPAGNE, 1998).

Nessa linha de pensamento, alguns autores defendem que os media não nos dizem o que pensar, mas sobre o que devemos pensar, definindo, desta forma, a nossa agenda, que influencia a construção de uma visão sobre um determinado tema. A essa teoria chama-se agenda-setting, desenvolvida por Max McCombs e Daniel Shaw (1968). “A hipótese do agenda-setting não defende que os mass media pretendam persuadir [...]. Os mass media, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo sobre que é necessário ter uma opinião e discutir. O pressuposto fundamental do agenda-setting é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media» (Shaw, 1979: 96, 101, cit. WOLF, 1999: 62).

Consequentemente, a forma como ouvintes, leitores, telespectadores, consumidores de conteúdos de órgãos de comunicação social recebem uma determinada notícia é, em certa medida medida, responsabilidade do jornalista, um “novo cão de guarda”, (HALIMI, 1997), se considerarmos que ele é um agente de socialização. Tal premissa impõe a lógica de que há aqueles que têm poder sobre a informação, controlando-a, e aqueles que a recebem, dominados pela imposição de quem veicula. Os recetores da mensagem são, por isso, incapazes de se exprimir dentro das formas requisitadas pelos média: o público que na sua maioria não pode conhecer a situação das suas periferias, retira dos media uma representação vaga, alicerçada num enfoque desmesurado pelos media num acontecimento excecional (CHAMPAGNE, 1991).

O jornalismo contribui, então, de forma direta para a aprendizagem social, afetando a leitura que o recetor da mensagem faz da realidade. O jornalista tem, por isso, uma responsabilidades: “Every journalist must have a personal sense of ethics and responsibility – a moral compass. (Pew Reaearch Center)⁵

Numa forma mais lata, o jornalista tem três responsabilidades basilares (Hazra, 2009): social,

5 Principles of Journalism: <http://www.journalism.org/resources/principles-of-journalism/>

jurídico-legal e, claro, profissional, procurando o equilíbrio da informação, o bom senso e não tomar partido de acordo com as suas crenças pessoais, ideais ou religião, pois “a primeira obrigação do jornalista é para com a verdade” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2001: 36). Esta questão, no entanto, levar-nos-ia à discussão do que é a objetividade, porque “já partimos [para terreno] com certas ideias preconcebidas (KOVACH e ROSENSTIEL, 2001: 37), embora isso não impeça que procuremos sempre a exatidão, a imparcialidade e a verdade.

É por isso que a profissão é regida por um código deontológico, que enfatiza esse compromisso com a verdade e a força dos fatos a comprovar: “O jornalista deve relatar os fatos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade. Os fatos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso. A distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público.”⁶ No limite, o jornalista é responsável pelas escolhas e posições políticas que se fazem no dia a dia, pois o Jornalismo, enquanto ferramenta escrutinadora dos valores democráticos serve para munir o cidadão de informação que lhe permite tomar decisões. É um elemento importante da organização da vida quotidiana.

Conforme analisa Jorge Pedro Sousa (2002) de alguma forma, as notícias, “entre múltiplas outras funções, participam na definição de uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não o é; proporcionam pontos de vista sobre a realidade, possibilitam gratificações pelo seu consumo, podem gerar conhecimento e também sugerir, direta ou indiretamente, respostas para os problemas que quotidianamente os cidadãos enfrentam.” (SOUSA, 2002: 49). Tal pressupõe que as notícias têm, por isso, efeitos a nível pessoal, social e cultural (SCHUDSON, 1988). O jornalista, autor de uma notícia, traduz aquilo que testemunha na realidade interpretada para um produto que será partilhado com o público. Não obstante, a forma como se organiza determinada informação e uso da linguagem que formam o discurso jornalístico influenciam a forma como a notícia é recebida/percepcionada/interpretada.

Num sentido mais restrito, o jornalista é pois um tradutor da realidade. “Para definir mi oficio, el calificativo que más me gusta es el de traductor. Pero no de una lengua a outra, sino de una cultura a otra” (KAPUSCINSKI, 2004: 32). O desafio, continua o jornalista polaco Kapuscinski, é o de “lograr que sus relaciones no se fundamenten en principios de dependencia y subordinación, sino de entendimiento mutuo y diálogo entre iguales”. (KAPUSCINSKI, 2004: 32)

O emissor e o receptor de uma mensagem não são, porém, uma tábua rasa. São indivíduos enquadrados num determinado contexto social, herdeiros de uma história, de valores e de tradições, modos de fazer, filhos de uma determinada formação. Todas estas variáveis vão influenciar, igualmente, a forma de receber a mensagem, neste caso a notícia, por vezes carregada de estereótipos. Neste contexto, o repórter polaco traça, na minha perspectiva, um retrato bastante fiel do papel do jornalista: *“Todo el lado humanista de nuestra escritura de reporteros radica en el esfuerzo de transmitir la imagen del mundo autentica, verdadera, y no una colección de estereotipos. Es una de las misiones que tienes encomendada la literatura. Y el arte. Toda manifestación de la cultura. El estereotipo, justamente porque no es fruto de conocimientos sino de emociones, es muy peligroso. Nos imposibilita toda tentativa de llegar al otro, de comprender sus razones; por eso es u mal, muy extendido ademas. No paro de toparme con él, siendo como es mi trabajo intercultural, y percibo mi misión de escritor – si se me permite usar esta expresión – como un intento de vencer los estereotipos. Mucho me temo, sin embargo, que todo lo que nos rodee, en especial los medios de comunicación, actúa ya avanza em dirección contraria: hace lo posible por fijarlos.”* (KAPUSCINSKI, 2004: 54)

As audiências de media são, hoje, participantes ativos no fluxo de informação global e estão altamente expostas a múltiplas mensagens dos meios de comunicação de massa, acumulando, direta ou indiretamente, grandes quantidades de imagens, sons e novos *bits* (IBROSCHEVA e RAMAPRASAD, 2008). Essa em *overdose* de informação que os consumidores acreditam ser a realidade, sobretudo acerca de pessoas, eventos e assuntos de uma natureza global é baseado numa percepção pessoal (IBROSCHEVA e RAMAPRASAD, 2008). Uma técnica cognitiva que congrega e sintetiza toda essa informação que chega diariamente até ao consumidor é, precisamente, o uso de estereótipos, isto é, um conjunto de percepção e crenças sociais sobre determinados grupos externos, ambos cultural e socialmente distanciados de outros grupos, (MCGARTY ET AL. 2002). ou seja que não fazem parte do universo quotidiano do recetor da mensagem.

Numa análise etimológica, a palavra “estereótipo” vem do grego: *stereós*, «sólido» + *týpos*, «molde». Conforme analisa Rosa Cabecinhas (2004), num estudo sobre Lippmann, “o termo «estereótipo» já existia desde 1798, mas o seu uso corrente estava reservado à tipografia (CABECINHAS, 2004: 4), onde designava uma chapa de metal utilizada para produzir cópias repetidas do mesmo texto (STROEBE E INSKO, 1989, cit. CABECINHAS, 2004: 4).

Conforme afirma Lippmann (1965), os estereótipos são imagens (fixas) na nossa cabeça que nos ajudam a distinguir rapidamente determinados grupos sociais de outros. “In figurative speech, it is a conventional, formulaic and usually oversimplified conception, opinion and belief about a person, group, event or issue considered to typify that object” (LIPPMANN, cit. por IBROSCHEVA e RAMAPRASAD, 2008:2).

Por isso, nessa sua função de síntese, os estereótipos podem ser ferramentas úteis aos jornalistas – que lutam sempre contra o tempo e espaço para veicular ou publicar as suas notícias – para sintetizar uma determinada informação. Apesar disso, na maioria dos casos, os estereótipos, usados como atalhos mentais, em vez de facilitar a comunicação, simplificam um contexto social, político ou cultural mais complexo (PICKERING 1995). Não obstante, “um dos motivos que explicaria o caráter «fixo» dos estereótipos seria precisamente a necessidade do indivíduo proteger a sua definição da realidade” (CABECINHAS, 2004:6).

Nesse sentido, os estereótipos, como expressão simultânea de processos cognitivos e experiências sociais tornam-se instrumentos para formar um sentido de pertença e um grau de distinção entre grupos de dentro e grupos de fora (IBROSCHEVA e RAMAPRASAD, 2008). Ou seja, eles permitem manter um sistema de valores individuais e um status quo. É talvez por isso que os estereótipos dificilmente são abalados por informação incongruente com os mesmos (IBROSCHEVA e RAMAPRASAD, 2008).

Nessa linha de raciocínio, Lippman (1968) estende a questão para o que denomina de “profecias auto-confirmatórias’ (MERTON, 1949/1968, cit. CABECINHAS, 2004: 6), amplamente demonstradas pelos estudos em cognição social (HAMILTON, 1979, cit. CABECINHAS, 2004: 6). Segundo analisa Cabecinhas (2004) isso significa que na hipótese de um membro de um determinado grupo agir de forma que contrapõe o estereótipo, esse membro é uma exceção e o estereótipo mantém-se intato. “Este só é abalado se o indivíduo ainda tiver alguma flexibilidade de espírito ou se a informação incongruente for demasiado impressionante para ser ignorada” (CABECINHAS, 2004: 6).

3.2.2. O Brasil no imaginário português

Há diversos autores que têm salientado o papel dos media na construção, manutenção e mudança dos estereótipos sociais, nomeadamente, os referentes a grupos étnicos (DINES E HUMEZ, 1995; WILSON E GUTIERREZ, 1995). É sobre esse enquadramento que me debruço, salientando a questão do Brasil.

A primeira imagem que os portugueses tiveram desta realidade foi através da Carta de Achamento do Brasil, de Pêro Vaz de Caminha, no século XVI. Segundo Eneida Leal Cunha (1996), esse documento é “um lugar primordial de leitura das significações plasmadas pelo imaginário português que darão existência discursiva e simbólica a 'essa terra nova'” (CUNHA, 1996: 4).

Através dessa carta, considerada o primeiro relato-reportagem, é possível reconhecer alguma estereotipia que ainda hoje se verifica. (CUNHA, 2006. “São estruturas de percepção e de constituição de imagens do Brasil que maquinalmente ainda estão se repetindo em nossos dias, nos modos como concebemos o país: a compulsão do olhar exteriorizado, plano e generalizante; a incapacidade de interlocução com a diversidade; a vontade de tudo integrar numa harmonia redutora. A diferença entre Caminha e o nosso tempo está em que já não é possível o álbi, legítimo naquelas suas circunstâncias, de um Outro desconhecido e surpreendente.” (CUNHA, 1996: 3).

É que muitas das percepções que compunham o olhar quinhentista e colonial português, significativamente exteriorizado e documentado por Caminha (CORTESÃO, 2000), ainda parecem subsistir no universo simbólico que estrutura as representações do Brasil em Portugal, não raramente consubstanciadas na relação dicotômica Nós (civilizados) / Outros (exóticos, selvagens) sustenta Wellington Lisboa (2009). “A ênfase nas dimensões territoriais, isto é, na surpreendente «grandeza da terra», e nas características (exóticas) vegetais e animais do Brasil, outrora designado Terra de Vera Cruz, desvela, por exemplo, a componente mítica que atualmente modela as representações do Brasil no imaginário português, tanto entre os adultos quanto entre os jovens daquela ex-metrópole imperial.”(LISBOA, 2009: 58).

Segundo Lisboa (2009), é ainda muito presente a estereotipia colonialista no imaginário português sobre a realidade brasileira, uma vez que as relações histórico-culturais entre o Brasil e Portugal constituem uma das principais perspectivas a partir da qual a identidade brasileira foi sendo construída no pensamento social português. “Entre outros movimentos transatlânticos relevantes nesse processo de (re)configuração identitária, a mediação de produtos culturais brasileiros caracteriza-se como uma dinâmica que influi no universo de representações coloniais ainda partilhadas no senso comum português” (LISBOA, 2009: 53).

Com base em metodologias desenvolvidas pelos estudos britânicos e latino-americanos da recepção mediática, Lisboa (2009) constata que, em Portugal, tanto os adultos com baixa escolaridade, quanto os

jovens universitários, “partilham as representações enviesadas do Brasil e dos brasileiros, revigorando estereótipos identitários oriundas de um imaginário histórico-colonial”. (LISBOA, 2009: 59). O estudo fala num “substrato imaginário de mitos e narrativas de outrora, centenárias” (LISBOA, 2009: 65) e, ainda que a nova geração seja mais formada academicamente e possa ter acesso a mais informações atualizadas acerca do Brasil e dos brasileiros, “também reproduzem essencialismos de uma suposta identidade brasileira em Portugal”. (LISBOA, 2009: 65).

Nesse contexto, o processo de legitimação da comunicação jornalística sobre a identidade brasileira em Portugal “justifica-se” (LISBOA, 2009), se a considerarmos como um conjunto de textos sócio-históricos a partir dos quais as audiências portuguesas revisitam um antigo imaginário colonial e acedem, localmente, a distintas referências brasileiras, posicionando comunidades simbólicas de sentido e partilha (LISBOA, 2009). Segundo o estudo de Lisboa (2009) essa propagação maciça de determinados tipos de informação sobre o Brasil em Portugal parece acompanhar o excesso de expectativas e representações (LOURENÇO, 2009) que, há séculos vêm sendo partilhadas pela sociedade portuguesa a respeito do seu grande ex-libris colonial. “E é justamente neste ponto nodal que podemos inferir que, tanto entre os adultos portugueses quanto entre os jovens universitários portugueses, as representações do Brasil encontram-se eivadas de narrativas de origem histórico-colonial e de suas múltiplas reconfigurações coletivas, impulsionadas, particularmente pela mídia televisiva local e pelas indústrias culturais brasileiras atuantes em Portugal” (LISBOA, 2009: 63).

De acordo, com Hall, o imaginário sobre uma identidade cultural nacional é construído com base na “narrativa de ação” (HALL, 2001: 52). Então, para “imaginar uma cultura” é necessário construir narrativas sobre a representação dessas identidades como as tradições e os mitos fundacionais – os denominados “*founding fathers*” e o “destino manifesto” norte-americanos ou a triade “indígenas, europeus e negros” da formação do povo brasileiro.

Conforme observa Machado, há, também, uma predominante percepção dos portugueses sobre a violência e criminalidade no Brasil, imaginado como um fecundo celeiro de criminosos (MACHADO, 2003) , que tende a coadunar-se aos discursos mediáticos portugueses (LISBOA, 2009) e que não raramente procedem a uma hiper-exposição de notícias e comentários de cunho negativo sobre as questões sociais do Brasil (VITORIO, 2007). Nesse sentido, observa Burke (2006), as representações na mídia cinematográfica e jornalística (tanto nacionais quanto estrangeiras) podem ser divididas entre visões do Brasil como “paraíso –

seja turístico, sexual, - dos “criminosos em fuga” ou da “democracia racial”, da corrupção e, principalmente, da violência (BURKE, 2006).

Os textos dos correspondentes internacionais também participam na construção de um imaginário coletivo estrangeiro sobre os temas e os locais que tratam (DOTA, 2005:1). É à luz dessa premissa que este Relatório Crítico de Atividade Profissional se enquadra. Eu, jornalista correspondente, no Brasil, durante 5 anos, certamente contribui positiva ou negativamente para reforçar a imagem que os portugueses têm do Brasil.

Conforme analisa Paganotti (2007), os correspondentes estrangeiros no Brasil veiculam algumas imagens estereotipadas sobre a realidade brasileira. A partir da análise de 1244 textos publicados de correspondentes internacionais no Brasil, entre 2002 e 2005, o pesquisador da Universidade de São Paulo traçou um perfil das imagens e estereótipos mais utilizados para representar uma identidade nacional. A pesquisa centra-se na análise do discurso de textos publicados no *The New York Times* (EUA), *El Mundo* (Espanha), *Diário de Notícias* (Portugal), *The Guardian* e *The Observer* (ambos da Inglaterra), *Página/12* e *El Clarín* (ambos da Argentina). “A temática e os processos de estereotipia predominantes foram organizados em quatro grupos de representações de diferentes «Brasis»: um «verde», sobre a preservação e a depredação ambiental; outro «de lama», corrupto e pobre; um «sangrento», sobre a violência e as drogas; e outro «de plástico», rico, carnavalesco e à venda para os turistas.” (PAGANOTTI, 2007:1). A saber:

Brasil Verde – centrado na beleza natural da paisagem, da flora e da fauna brasileiras. Durante a colonização tratava das possibilidade de exploração das terras, como os primeiros relatos sobre o pau-brasil e o uso das terras para a agricultura (FERRAZ, 2002:10, cit. PAGANOTTI, 2007: 7). Não obstante, esse enfoque foi por muito tempo deixado num segundo plano– talvez retomando a sua força com a discussão atual sobre o agro-negócio e os biocombustíveis. A maioria das notícias desse grupo aborda a ameaça ambiental e os desafios ecológicos da preservação das florestas e dos povos que dela vivem.

Brasil “de lama”: Nessa categoria inserem-se textos sobre a (corrupção) política, o subdesenvolvimento e a pobreza endêmica – frequentemente inter-relacionados ou acompanhados pela “violência”. Como definido por Hamid Mowlana (196), “a corrupção no terceiro mundo é representada como sistemática, assim como as violações de direitos humanos” (MOWLANA, 1986: 49-50).

Brasil “de sangue”: Foca-se na violência, que engloba o tráfico de drogas, e origina um cenário de insegurança generalizada. Essa violência comumente é justificada por fatores estruturais, como a omissão/corrupção do governo, a pobreza e a exclusão social (conforme citados na representação do “Brasil de lama”). A representação de um país “sangrento” também evidencia que ninguém está seguro, pois a violência é aberta e onipresente (MOWLANA, 1986: 49-50, cit. por PAGANOTTI, 2007: 7).

Brasil “de plástico”: No lado mais otimista e de exaltação das representações, está uma visão excessivamente publicitária do país: é a nação das festividades carnavalescas, da liberdade sexual (seja qual for a orientação), dos negócios, da alta sociedade e seus caprichos. Frequentemente trata da cultura como um produto para exportação – ou aluguer turístico. Extremo oposto das outras duas representações anteriores (“de lama” e “sangrento”), também envolve os mitos do crescimento económico e do desenvolvimento tecnológico que colocariam o país entre uma das nações “do futuro”, incluindo as reportagens sobre empresas brasileiras “bem-sucedidas”. (PAGANOTTI, 2007: 7)

Neste enquadramento, poderíamos integrar, ainda, uma subcategoria que encontra eco no estudo de Lisboa (2009): o imaginário português sobre as mulheres brasileiras, que “figuram como a mais evidente personificação dessa essencialização erotizada da identidade brasileira em Portugal, encontrando nos ritmos, cantores e danças do axé, por exemplo, elementos simbólicos para a cristalização dessa identidade enviesada.” (LISBOA, 2009). Nesta ótica, tais formações discursivas (PÊCHEUX, 1995; FOUCAULT, 1997) tendem a enclausurar as mulheres brasileiras em imagens, há séculos, bastante conhecidas no senso comum português, e difundidas quer na literatura de viagens, quer na literatura oitocentista daquele país: imagens da nativa sensual e dócil ou da mulata depravada que corrompe a vida do homem português. Essas ‘destruidoras de lares’, como foram designadas pelas portuguesas envolvidas no manifesto Mães de Bragança⁷, desvelam, pois, o teor sexualizado e feminizado que molda o núcleo central das representações do Brasil no imaginário português contemporâneo. (LISBOA, 2009). Essa imagem fixa está plasmada no imaginário português tanto entre adultos quanto entre os jovens portugueses (LISBOA, 2009). “As representações do Brasil e de seus nacionais consubstanciam múltiplas estereotipias identitárias, ligadas a uma componente predominantemente exótica.” (LISBOA, 2009: 61).

7 O movimento Mães de Bragança surgiu em Maio de 2003, na cidade de Bragança, na região Norte de Portugal, quando quatro portuguesas, alegando que os respectivos maridos as trocaram por ‘meninas brasileiras’, fizeram circular um abaixo-assinado na referida cidade, com o fim de acabar com a ‘invasão’ de brasileiras, alegadamente dedicadas à prostituição. Como demonstra Vitorio, as criadoras do auto-denominado movimento “Mães de Bragança” despertaram a atenção no país sobre a prostituição de imigrantes, alimentando a agenda mediática e incentivando a acção policial e do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (Vitorio, 2005: 68).

O Brasil tem a exclusiva identidade de país tropical, subdesenvolvido e selvagem, situando-se, portanto, numa paisagem imaginada distinta e distante da pretensa Europa civilizada. Segundo Lisboa (2009), é importante ainda referir que, nomeadamente na conceção dos adultos portugueses, são exatamente essas representações atreladas à barbárie, à permissividade e a uma suposta ausência de regras nas dinâmicas de sociabilidade que sustentam ‘uma das mais marcantes características do Brasil’: a criminalidade, conforme já foi referido anteriormente (LISBOA, 2009).

Apesar de não se versar sobre a questão dos estereótipos, em concreto, mas sim sobre a imagem que a imprensa portuguesa veicula sobre o Brasil é pertinente referir, ainda, a pesquisa desenvolvida por Jorge Pedro Sousa (2002) sobre o tema. O estudo baseou-se numa análise quantitativa do discurso, com categorias definidas *a priori*, construída por uma amostra representativa de jornais e revistas portuguesas de grande circulação, publicados em 1999. Sousa concluiu que os principais protagonistas e fontes de informação sobre o Brasil são os próprios jornalistas e que parte da informação com menção ao Brasil na imprensa portuguesa de grande circulação é gerada em Portugal, o que pode indiciar um certo “etnocentrismo no fabrico dessa informação” (SOUSA, 2002: 46).

Ele comprovou a hipótese a que se propôs analisar: “se existe, na atualidade, uma convergência de interesses entre Portugal e o Brasil e se existe um aumento recíproco do interesse que os seus habitantes nutrem uns pelos outros, então os meios jornalísticos não poderão deixar de fazer eco dessa situação.” (SOUSA, 2002: 1). Não obstante, nessa altura, em números absolutos, a imprensa portuguesa providencia pouca informação sobre o Brasil. Já em números relativos difunde uma quantidade de informação significativa, “demonstrando que existe algum interesse em Portugal por aquilo que o Brasil é, pelo que por lá se passa e pelas relações que os dois povos, unidos, por uma língua e antecedentes históricos comuns podem estabelecer.” (SOUSA, 2002: 16).

Sousa (2002) observou ainda que o ponto de vista dominante da informação com menção ao Brasil é tendencialmente positivo para a imagem deste país e, também, tendencialmente positivo para o desenvolvimento profícuo das relações luso-brasileiras. E, afinal, quais são as principais conclusões sobre esta imagem do Brasil? Eis a análise de Jorge Pedro Sousa (2002)?

- “País de música, de televisão, mais precisamente de telenovelas e de futebol, mas, mais do que

isso, projeta a ideia de que o Brasil é um grande país que tem a capacidade de produzir e exportar (bons) conteúdos musicais e televisivos, (bons) futebolistas e até (bons) pregadores, como o Padre Marcelo Rossi (objeto de várias das peças publicadas);

- A imprensa portuguesa de grande circulação projeta a ideia de que o Brasil é um país de oportunidades económicas, cuja economia é extremamente importante, quer no contexto mundial (oitava economia do mundo), quer no que respeita às estratégias de internacionalização das empresas portuguesas.

- A grande imprensa portuguesa não se interessa muito pela política brasileira e mesmo pelas relações políticas entre os dois países, que é, segundo o autor «quase residual», faltando investir nessa área;

- Falta à imprensa portuguesa falar das atividades académicas (nomeadamente os projetos de pesquisa comuns), as várias facetas da imigração brasileira em Portugal que vai dos profissionais qualificadíssimos aos profissionais inqualificados, que se sujeitam a qualquer tipo de trabalho), os «restantes» produtos culturais em língua portuguesa.” (SOUSA, 2002: 45)

Sousa (2002) conclui ainda que os temas que mais interessam à imprensa portuguesa de grande circulação são economia, música, televisão e futebol; os que menos interessam são política, relações políticas e diplomáticas. “Se a imprensa, de alguma forma, representa acontecimentos que sucedem na realidade e, ao mesmo tempo, indicia o que sucede nessa realidade, ajudando a construir novos referentes sobre a realidade e participando, ao mesmo tempo, e por consequência, na construção social da realidade (ou de uma nova realidade social), parece-me que existe algum perigo numa realidade onde a economia e até o entretenimento se sobrepõem à política e às grandes questões sociais” (SOUSA, 2002: 45)

Realizado este enquadramento parece-me pertinente passar da teoria à prática, através de alguns casos retirados da minha experiência jornalística.

3.2.3

Os meus estereótipos -

Brasil lama, Brasil sangue, Brasil Verde, Brasil plástico?

[Contributos para enquadrar e problematizar a questão em análise]

Na página online do Diário de Notícias, fazendo uma pesquisa pelo meu nome, como jornalista, encontrei 64 notícias sobre o Brasil que alegadamente incluem Notícias Sábado e Notícias Magazine. No site da TSF deparei-me com 23 referências de peças e reportagens. Estes são apenas números indicadores e não exaustivos: por um lado porque a identificação em artigos de jornalistas em ambos os sites é algo mais recente e, por outro, porque me apercebo de que há muitos outros textos (alguns até que, por lapso, foram publicados online sem assinatura), peças e diretos que não estão aqui contemplados, como por exemplo os diretos em dias de eleições presidenciais, as peças jornalísticas para o Programa Especial Última Hora. Não pretendo, por isso, fazer uma análise exaustiva dos artigos e peças jornalísticas, mas sim de alguns que considero uma amostra significativa. E para a seguinte análise de alguns estereótipos/imagens do Brasil identificados, baseei-me na abordagem de Paganotti (2007).

No decorrer do meu trabalho como correspondente para o Diário de Notícias, Notícias Sábado e Rádio TSF, colaborando para diversas editoriais, essencialmente como Cultura, Política, Economia e Sociedade, essencialmente, deparei-me com o problema da falta de espaço, a demora nas respostas por parte dos editores às propostas apresentadas, cujos trabalhos poderiam ter sido melhor planeados, do que “encomendados”⁸ em cima da hora, como se verificou em muitos casos. Por exemplo no caso de abordagem de questões sensíveis, onde há pouco tempo para verificação como aborto, crime organizado e polémicas políticas. São temas que pela sua natureza exigem atenção redobrada e verificação rigorosa. Sabemos que a pressa é inimiga da perfeição e neste caso muitas vezes inimiga do compromisso com a verdade e do rigor informativo.

Como consequência, tanto a pressa e como a instantaneidade da produção noticiosa, terreno pisado diariamente pelo Jornalismo, podem ser igualmente legitimadores de estereótipos. Ora num contexto de pressa e prazos apertados será sempre mais fácil usar uma síntese de um imaginário, como já vimos, para melhor enquadrar um contexto, uma notícia, uma reportagem.

⁸ Este termo foi usado na maioria das vezes pelos editores do DN, TSF, NS e NM

Durante o período em que colaborei desde o Brasil para a TSF, Diário de Notícias e Notícias Sábado fiz cobertura jornalística sobre diferentes assuntos relacionados com os perfis dos “vários Brasis” referidos pelo estudo de Paganotti (2007) sobretudo: O Brasil da Lama (trabalhos sobre corrupção política, subdesenvolvimento, direitos humanos) e Brasil de sangue (violência e tráfico de drogas); Brasil de plástico (nação das festividades) e Brasil Verde (centrado na beleza natural). Darei alguns exemplos mais adiante.

Admito que primeiro, nessa época, não tinha nem percepção dessa estrutura de Paganotti (2007) – que à luz da análise crítica deste relatório me parece fazer todo o sentido -, nem intenção de veicular quaisquer estereótipos. Pelo contrário tentava sempre ter cuidado minucioso na forma como veiculava determinado assunto. Mas o fato de tentar não significa, evidentemente, que não o tenha feito.

Todavia, perdi também muitas vezes o controlo de edição dos meus trabalhos que por razões de espaço eram alterados pelos editores. Isso significou que algumas palavras foram mudadas, bem como títulos e subtítulos, numa livre interpretação do editor, de acordo com as suas referências mentais, para que o texto melhor encaixasse no espaço concedido. Recordo-me por exemplo, num texto de **“Brasil de Lama”** sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - "Preferimos morrer a desistir de lutar pelo direito à terra", publicado a 22 de Novembro de 2009 (ver anexo IX), onde tive o cuidado de usar a expressão que se refere ao MST, por extenso, para que não se confundisse MST com Sem Terra em geral, pois há vários grupos Sem Terra no Brasil e o MST é apenas um deles.

Em rigor, a alteração para essa palavra estereotipada não foi a mais correta. Na época adverti para a questão e a resposta do editor foi que, em Portugal não se sabia essa diferença, logo não era grave. A questão é que a expressão continuava a não ser a correta e um jornal, como agente de socialização que é, tem o dever e a obrigação, igualmente, de educar, sendo fiel à verdade.

Outro exemplo para contrariar um estereótipo comum sobre o Brasil e a alegada insegurança na região amazónica, em geral - de que é “terra sem lei”-, propus uma reportagem sobre os “Guerreiros de Selva” publicada a 4 de Junho de 2011 (ver anexo XVII), que são os soldados de elite do exército brasileiro, treinados na adversa Amazónia e considerados pela Organização das Nações Unidas como os melhores do mundo. Eles são destacados para os pelotões de fronteira para defender a região e são os responsáveis diretos pela vigilância da Amazónia, controlo de fronteira, demarcação de limites, resgate de desaparecidos,

resolução de conflitos, missões humanitárias nacionais e internacionais, e claro são soldados de guerra e entram em combate se necessário.

No que concerne, por exemplo, à cobertura de assuntos relacionados com corrupção política (Brasil Lama), realmente um tema muito presente no espaço público brasileiro, recorro para este relatório dois trabalhos um para o Diário de Notícias, outro para a TSF. O primeiro caso diz respeito a uma notícia publicada a 5 de Julho de 2009 a propósito de um escândalo sobre o presidente do Senado brasileiro, José Sarney: “Corrupção e impunidade abalam o Senado brasileiro” (ver anexo VIII). Por vezes o próprio espaço público brasileiro contribui para a cobertura de temas que são considerados estereótipos da imagem de um Brasil, mas tornam-se temas inevitáveis porque são de interesse público.

“Ao DN, Fabiano Angélico revela que «casos de uso indevido do dinheiro público no Senado são comentados há anos». Um estudo da Transparência Brasil demonstra que «o mandato de um senador custa, por ano, mais de 30 milhões de reais», dez milhões de euros.

«É um absurdo! O Senado é muito pouco transparente.» E, neste caso, o que está em causa, realça Fabiano, é uma «evidente disputa política pela presidência do Senado» e uma «luta antecipada pelas eleições presidenciais de 2010, pois a oposição quer dificultar a vida de Lula no Congresso».

Fabiano Angélico fala em «impunidade» dos políticos brasileiros, alimentada pelo «mau funcionamento do sistema judicial no Brasil», e diz que, apesar de paradoxal, "as consequências deste caso são positivas". Isto porque «revela que a sociedade está a participar mais».

O segundo trabalho é uma entrevista, também com o especialista em transparências e direitos humanos Fabiano Angélico para o Programa Última Hora, da TSF - que passava entre as 23h e 0h. Nessa entrevista, o então responsável pela Agência Transparência Brasil analisou a questão da corrupção no Brasil. Num primeiro momento, no sentido de contextualizar, esclareceu quais “as raízes” da corrupção no Brasil. Depois deu exemplos concretos do que está a ser feito para promover mais transparência e democracia. Essa entrevista, veiculada em época de eleições presidenciais no Brasil foi uma proposta minha para contextualizar o ouvinte português quando aos esforços que o país tinha vindo a fazer para combater a corrupção política, essencialmente, como o programa Ficha Limpa, que disponibilizava a qualquer cidadão o acesso a informações sobre todos os políticos candidatos às eleições.

Relativamente à abordagem do estereótipo **“Brasil Verde”**, não me foram solicitados muitos trabalhos sobre esta temática. A única altura em que surgiu esta oportunidade foi quando viajava pela Amazónia brasileira num projeto profissional de reportagens que iniciei em Agosto de 2009 que intitulei de Sinais da Gente (www.sinaisdagente.com), com textos, fotografias e sons, relatando essa viagem de 4 meses. Na época vivia há 3 anos no Brasil e a Amazónia brasileira parecia-me um mistério por explorar, resgatando um certo estímulo romântico do repórter aventureiro, da descoberta e da liberdade de investigação.

A Amazónia é partilhada por nove países, mas a maior extensão está no território brasileiro e representa 61% do território, abrangendo nove estados (Acre, Rondônia, Roraima, Pará, Amazonas, Amapá, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão). A maior parte das notícias que chegavam sobre a região ao espaço público brasileiro, através da imprensa, era de tensões e conflitos agrários, violência, mundo indígena, um local atrasado mas, ao mesmo tempo, a esperança de um lugar exótico e paradisíaco.

Todo esse imaginário motivou-me a desenvolver um projeto pessoal de reportagens na região. Durante o ano de 2008 juntei dinheiro para poder viajar por quatro meses pela Amazónia brasileira e no ano seguinte parti à descoberta. A minha ideia era perceber que Amazónia era essa na atualidade e fazer um retrato vívido de uma região tão fustigada e que quase não cabia nas notícias em Portugal. Outra ideia era perceber como viviam as comunidades da Amazónia, o dia-a-dia, o que as preocupava e ir atrás do legado português na região.

Eu pretendia ir mais além das imagens-cliché que chegavam da Amazónia. Para isso comecei por fazer alguns contatos com organizações não governamentais que desenvolvessem projetos de desenvolvimento local. Contatei, ainda, a Força Aérea Brasileira e o Exército que desenvolvem missões cívico-sociais na região. Dessa forma fui-me aproximando das fontes, das comunidades e de algumas histórias que acabei por contar. Dormi em rede em comunidades ribeirinhas no rio Tapajós, no Médio Amazonas, acompanhei o barco Abaré do Projecto Saúde e Alegria nesse mesmo rio, fiz parte das missões da Força Aérea Brasileira em Santa Maria do Boiaçu, em Roraima, que auxiliam, semanalmente, essa comunidade com médicos especialistas e medicamentos, pois o único acesso dessa comunidade à cidade mede-se em dias de barco; conheci o dia-a-dia dos índios Mura, que foram dados como extintos pelos historiadores; estive num acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Algumas dessas histórias foram contadas, semanalmente, de Agosto de 2009 a Fevereiro de 2010, no Diário de Notícias. Neste período a única restrição foi de falta de espaço, porque em termos temáticos tive total liberdade editorial. Esse espaço de reportagem permitiu-me pôr em prática algumas das aprendizagens da Licenciatura em Comunicação Social, como técnicas de jornalismo de investigação e uso da narrativa de *new journalism*, até então técnica inexistente ao longo do meu percurso profissional.

Ainda que essa “liberdade” fosse circunscrita a uma página semanal ao Domingo “Mundo em Português”, considero que foi um dos períodos de maior crescimento enquanto jornalista, mas também de resistência pessoal, pois trabalhei em ambientes inóspitos e adversos – como no sudeste do Pará, um lugar tenso, de pistoleiros e ameaças de morte, onde prolifera ainda o trabalho escravo, a exploração e expropriação ilegais de terras.

Recordo de um cenário particularmente tenso: a tentativa de fazer reportagem sobre o Acampamento João Canuto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Esperei quatro dias para ter uma resposta dos membros do MST em Marabá, pois eles suspeitam da imprensa em geral. Esse acampamento fica a 40 quilómetros de Eldorado de Carajás, onde se deu o massacre de 19 trabalhadores do MST em 1996.

No regresso dessa viagem, percorrendo a estrada PA-150, considerada pelas autoridades brasileiras como uma das estradas mais perigosas da região, não só porque está num estado de conservação precário, mas também porque aí há muitos assaltos, homicídios e queimadas ilegais para desmatamento, assistimos a uma tentativa assalto.

O condutor da pick-up onde eu seguia, o advogado do MST Manoel Silva, parou o carro no sentido contrário à nossa marcha porque havia um carro capotado do outro lado, com os faróis e as luzes de dentro ligadas. Quando Manoel saiu do carro, dois homens em tronco nu e armados saíram da mata densa, junto ao carro, que era a única fonte de luz na estrada, e começaram a ameaçar disparar.

Nessa altura já Manoel e Gilberto, que viajava connosco na pick-up, entraram rápido na viatura em que seguíamos. Rapidamente Manoel inverteu a marcha para se pôr em fuga. Eu, que tentava gravar em vídeo o sucedido, só me apercebi que um homem nos seguia a correr de arma em riste. Perguntei a Manoel o

que se estava a passar. Ele respondeu-me que tinha sido uma tentativa de assalto e que este era um cenário habitual na região.

Além das reportagens e crônicas que fui publicando, semanalmente, no Diário de Notícias, propus à TSF uma grande reportagem sobre a Amazónia brasileira, veiculada apenas 22 de Março de 2012 - a reportagem esperou mais de um ano no congelador-, tentando fazer um retrato contemporâneo da região e empenhada em desfazer alguns equívocos ou dados adquiridos sobre a região. Por exemplo: o fato de ser considerada “terra de impunidade”, “pulmão humano”, e outros chavões usados para se referirem à Amazónia.

A razão pela qual a reportagem esperou tanto tempo para ver a luz do dia, deve-se ao fato de prioridades editoriais, uma vez que o programa de grande reportagem é quinzenal, dividido com a transmissão de futebol. Depois porque o editor considerou que faltava o gancho de atualidade oportuno para veicular a reportagem. Essa oportunidade veio na época da votação das sete maravilhas do mundo: a Amazónia foi nomeada. No entanto, o texto de justificação da reportagem que se encontra online não é da minha autoria e foi alterado pelo editor e eu não concordei com algumas partes como a afirmação de ser o maior pulmão do planeta:

“Ninguém tem dúvidas que, em Setembro, a Floresta Amazónica será escolhida uma das sete maravilhas naturais do mundo. Mas o maior pulmão do planeta não é apenas uma floresta húmida. A repórter Vanessa Rodrigues percorreu durante quatro meses uma selva ameaçada pelo homem, carregada de mitos e de desafios para os exploradores.”⁹

Esta reportagem inicia com uma breve contextualização da região. Segue abordando temas como a cultura cabocla, a herança portuguesa, quem lá vive, o que preocupa os habitantes da Amazónia, quem a defende, a questão da religião, também de herança portuguesa, a cultura de tradição oral, a questão da saúde, da cultura indígena, dos conflitos agrários, do desmatamento e de uma explicação do que é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e respetiva luta pela Reforma Agrária.

As minhas preocupações na abordagem dos assuntos foram: desmistificar a ideia da Amazónia como terra de impunidade, de cultura primordialmente indígena e dar voz a outras culturas como a cabocla, abordar a herança portuguesa na região como o Carimbó e o Círio de Nazaré, desfazer equívocos de que é

9 Reportagem disponível em: <http://goo.gl/GBbA7Z>

terra sem lei, apesar dos conflitos agrários e dos problemas, do tipo de crimes ambientais e desmatamento, dando a conhecer os Guerreiros de Selva, responsáveis pela segurança e vigilância da Amazónia; partilhar parte da cultura oral da região e dar voz ao povo indígena Mura, a Faculdade que estão a criar em parceria com a Universidade do Amazonas, os desafios por que passam e a cultura.

Outro exemplo desse “Brasil Verde” que abordei foi precisamente numa lógica oposta, num artigo feito no terreno sobre a poluição (desconhecida) na Amazónia: “Amazónia, o 'pulmão do mundo', é também o paraíso que mais polui”, publicado a 24 de Janeiro de 2010 (ver anexo VI). Em síntese: As termoeléctricas da região emitem por ano seis milhões de toneladas de dióxido de carbono.

“Para as centenas de famílias que ali vivem, a luz trouxe ‘o progresso’, a cerveja ‘gelada’, os congelados e, sobretudo, a telenovela. Há, ainda, centenas de outras comunidades, algumas a dias de viagem das cidades mais próximas, ao longo da Amazónia, que, ou racionam a energia dos geradores ou nem sequer sabem o que é ter luz.

Só que a conta ambiental que se paga pela electricidade na região, vinda das termoeléctricas, é demasiado alta para a Amazónia, para o Brasil, e beneficia um propalado aquecimento global: os geradores das termoeléctricas usam gásóleo. Aquele fumo espesso, escuro; aquele cheiro azedo a queimado: mais de seis milhões de toneladas de dióxido de carbono são despejados pelas cerca de 300 centrais termoeléctricas que dão luz a sete estados da Amazónia. São estes números, menos conhecidos, além do desmatamento, que engrossam a conta do Brasil como o quinto maior poluidor do mundo.”

in Diário de Notícias, Globo, 24 de Janeiro de 2010

Sobre o “**Brasil de plástico**”, também não desenvolvi muitos trabalhos sobre o tema, porque ou não propus, ou quando eram solicitados tentava contrapor com a abordagem por outro ângulo. Recordo-me por exemplo de um episódio em 2011. A Notícias Sábado tinha-me pedido um trabalho sobre o Carnaval e eu propus abordar o negócio do Carnaval, os patrocinadores que influenciam nos sambas enredos, isto é a performance de samba que é ensaiada e preparada especialmente para o Carnaval, e que normalmente tem um tema: Amazónia, Camões, etc. Entreguei conforme pedido e, à ultima da hora, o então editor da NS enviou-me um e-mail a dizer que o “Especial” desse mês tinha tido mais publicidade do que o habitual e tiveram que “tirar peças”. Consequentemente, a diretora-executiva enviara o meu texto para publicação no

Diário de Notícias. O texto nunca chegou a ser publicado. A ideia era desmistificar, precisamente, o glamour do Carnaval de “plástico”. O título do trabalho era: “O Carnaval do Rio está à venda? Na rua tem preço de saldo” (Ver anexo X). Na época escrevi esta entrada de texto:

«Há sambas-enredos impostos por patrocinadores a servirem de temas, negócio de milhões, fantasias turísticas para desfilar, e a Globo a impor refrões. Lado B: por trás do pano mediático há a geografia do Carnaval de rua e, este ano, a classe média sobe às favelas pacificadas».

No caso da cobertura do crime organizado, **“Brasil de Sangue”**, posso afirmar que foi, a par da política, o tema que mais cobri. Mas neste enquadramento gostaria de realçar um período significativo: Novembro de 2010 no Rio de Janeiro. Nesse mês, membros da facção criminosa Comando Vermelho entraram em confronto com a polícia militar, para protestar contra a implementação de Unidades de Polícia Pacificadora. As UPP's são uma política de segurança pública com a implementação de unidades policiais nas favelas, para controlar as comunidades onde há provas e suspeita influência de facções criminosas. Recordo que as editorias do Diário de Notícias e da TSF pediram-me reportagens de terreno, alegando que os dados duros, ou questões “mais oficiais” seriam retiradas através do que estava a ser transmitido quer pelas agências noticiosas, quer pelos media brasileiros.

Concentrei-me, portanto, mais no terreno e nas pessoas, para tentar fazer um retrato fiel do que se estava a passar no Rio de Janeiro. Ao reler alguns desses trabalhos reconheço, por exemplo, o meu próprio contributo involuntário para a proliferação de eventuais estereótipos, pelo uso de algumas palavras como “traficantes” para falar dos “criminosos” das favelas do Rio, e nada indica que todos os criminosos sejam “traficantes”, o que pode induzir à “legitimidade” do estereótipo da criminalização das favelas. Ou por exemplo o título “Vencida a batalha, mas não a guerra”, numa notícia de 30 de Novembro de 2010 (ver anexo XI), que é parte do discurso do então secretário de segurança do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame sobre a “reconquista” do Complexo do Alemão pelas forças militares. Tal reprodução parcial de um discurso oficial primeiro pressupõe e enfatiza a ideia de que o Rio está em guerra, o que não era verdade, depois, porque soa a propaganda e como jornalista reconheço que fui bem instrumentalizada para o efeito.

Outra notícia que merecia maior verificação era “Criminosos do Rio fogem para São Paulo”, publicada no Diário de Notícias a 26 de Dezembro de 2010 (ver anexo XV). É uma suspeita e não uma informação

rigorosa, uma vez que carece de averiguação mais detalhada de que esse movimento estaria realmente a acontecer. Baseei-me numa investigadora, na imprensa brasileira e nas redes sociais, mas não houve real confirmação. Reproduzo parte da notícia:

“Após o fim das operações policiais e militares no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, São Paulo estremeceu. Redes sociais como Facebook e Twitter passaram palavra de que membros do Comando Vermelho (CV) tinham fugido para São Paulo, acolhidos pelo PCC- Primeiro Comando da Capital. É a maior facção criminosa. Em Maio de 2006 espalharam o pânico pela maior metrópole brasileira matando polícias à queima-roupa. Queimaram autocarros. Houve recolher obrigatório”

Há, no entanto, também exemplos de tentativa de “desmistificar” o contexto social do Rio de Janeiro, desconstruindo a ideia de que havia um Rio de Janeiro em guerra quando a Polícia Militar entrou no conjunto de favelas do Complexo do Alemão para implementar uma Unidade de Polícia Pacificadora, que faz parte da Política de Segurança Pública do Governo do Rio de Janeiro, para controlar a criminalidade. Um dos exemplos é a notícia “Portugueses no Rio de Janeiro preocupados mas sem medo” (ver anexo XVI), publicada no Diário de Notícias a 28 de Novembro de 2010.

“Ao mesmo tempo que a zona norte viveu os últimos dias num inferno de tensão, ao som de balas e tanques estrondosos, na zona sul, nas turísticas orlas do Leblon, Ipanema e Copacabana, a melodia é outra. Passos apressados no calçadão na caminhada matinal, corpos dourados, surfistas a cavalgar ondas, homens de calções-cueca a jogar voleibol, quiosques recheados de turistas com água de coco e cerveja na mão, pipos, lula à dorê na esplanada, máquinas fotográficas a imortalizar os morros da Cidade Maravilhosa, ao longe, e o verde-mar a chamar para o banho. E ontem o sol veio. Desmistificamos: há um Rio de Janeiro que segue a rotina, apesar dos conflitos. “O Rio é uma cidade dividida e, às vezes, situações como estas acontecem, mas não podemos pensar que estamos barricados em casa, seguimos a vida normal”, desdramatiza ao DN a escritora portuguesa Mónica Marques, autora de “Para Interromper o Amor” (Quetzal), que mora na cidade maravilhosa há dez anos.”

Para melhor explorar o meu objeto de análise, debruço-me de seguida sobre o guião da grande Reportagem veiculada na rádio TSF sobre o “Brasil de sangue”, crime organizado, onde tentei desmistificar a ideia da criminalização das favelas.

3.3. A tentativa de explicar além dos estereótipos

Reportagem TSF O Lado B do Rio

Na tentativa de desfazer os estereótipos relacionados com o crime organizado no Rio de Janeiro, sobretudo a questão da “criminalização das favelas”, discurso reconhecidamente utilizado pelos media nacionais e internacionais, propus uma grande reportagem a rádio TSF, O Lado B do Rio¹⁰. Essa iniciativa foi em parte motivada pela minha experiência da cobertura jornalística sobre o assunto em Novembro de 2010, quando o conjunto de favelas do Complexo do Alemão foi alvo da intervenção da polícias civil e militar, num confronto com membros da facção criminosa Comando Vermelho, para a implementação de uma Unidade de Polícia Pacificadora, a chamada Polícia de Paz. Nessa reportagem, que desenvolvi com total liberdade e independência, sem quaisquer pressões ou cortes editoriais, agarrei a ideia de que o Rio de Janeiro tem um segundo lado, muito além da imagem de cidade maravilhosa e turística e, muito além do estereótipo de que crime organizado é um exclusivo das favelas.

Nesse sentido, quis responder às seguintes questões:

- O que se entende por crime organizado e violência no Rio de Janeiro?
- Como vive e convive a cidade e seus moradores com a ideia de “violência”?
- Em que medida a violência é, também, a criminalização da favela e da pobreza?
- Em que medida o crime organizado está nas favelas?
- O que preocupa as pessoas que vivem no Rio de Janeiro em relação ao tema?
- Qual a relação das milícias com o crime organizado?
- Qual a relação da polícia e política com o crime organizado?
- O que são as Unidades de Polícia Pacificadora e seu impacto?

Duração da investigação, entre viagens (São Paulo, Rio de Janeiro, Cidade del Este) e pesquisa, entrevistas: **8 meses**

Contexto de veiculação de reportagem: **rescaldo da ocupação do Complexo do Alemão que compreende várias favelas.**

¹⁰ http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=917979&audio_id=1878834

Fontes primárias entrevistadas:

1. **Marcelo Freixo**, relator da Comissão Parlamentar de Inquérito das Milícias do Rio de Janeiro, Ativista de Direitos Humanos, político do Partido Socialismo e Liberdade;
2. **Andrés Colman Gutiérrez** (jornalista de investigação sobre crime organizado na América Latina do jornal Última Hora, editor regional de Cidade del Este, Paraguai)
3. **Capitão Glauco Schortz**, Polícia Militar do Rio de Janeiro, responsável pela Unidade de Polícia Pacificadora do Morro da Providência
4. **Capitão Carlos Alberto**, Polícia Militar do Rio de Janeiro, responsável pela Unidade de Polícia Pacificadora da Favela Cidade de Deus
5. **Rogério Menezes**, coordenador da ONG Afroreggae na Prisão de Segurança Máxima de Bangu, ex-trafficante e ex-membro do Comando Vermelho e um dos mediadores das negociações entre traficantes e polícia na tomada do Complexo do Alemão em Novembro de 2010
6. (3) **Moradores de Cidade de Deus** (Genilda Oliveira, Felipe Brum,
7. (2) **Moradores do Morro da Providência**
8. **Igor Lago**, morador do Rio de Janeiro

3.3.1 Análise do guião da Grande Reportagem TSF

Para análise neste relatório transcrevi parte do guião da reportagem em causa, inclusive a transcrição da resposta dos entrevistados, sempre que relevante. As palavras sublinhadas representam ideias que podem ser consideradas como qualificativas, estereotipadas, algumas que usei de forma intencional, para me referir quer socialmente, quer geograficamente ao contexto que estava a analisar, outras que nesta análise considero que possam dar uma ideia-estereotipada.

A organização da reportagem teve intencionalmente uma lógica de contextualizar um “estereótipo”, desconstruindo-o logo depois com a voz de fontes discordantes, dando vários ângulos sobre um mesmo tema. A construção das minhas próprias questões, considero, foram pensadas para intensificar essa ingenuidade na exploração do lado “verdadeiro”, como veremos mais adiante.

Na primeira parte da reportagem há a contextualização geográfica, sócio-económica, numa breve

alusão ao imaginário coletivo sobre Rio de Janeiro. Começo com música do Caetano Veloso “Cidade Maravilhosa”, misturando depois a mesma letra mas para melodia de samba, numa clara alusão ao Carnaval e está estabelecido o contexto geográfico. Logo de seguida o meu *voice over* a marcar a ideia dessa construção estereotipada para chamar a atenção rápida do ouvinte, o estereótipo como síntese de uma ideia de instantânea associação:

01-VANESSA RODRIGUES - RIO DE JANEIRO, CIDADE MARAVILHOSA... MULHERES DE CORPO DOURADO, IPANEMA, COPACABANA... A PRAIA, O SAMBA... O LADO A DE UM PARAÍSO A CONTORNAR A COSTA DO BRASIL... AS CURVAS DOS MORROS, O PÔR-DO-SOL NO ARPOADOR... GEOGRAFIA DE PAZ, UM PARAÍSO...

Crio uma imagem sonora, para de seguida a desconstruir com outra ideia: a de que o Rio tem duas faces: a face turística e a face da criminalidade. A música é, pois, minha coadjuvante: uso o Rap que mistura Funk, e que é produzido de forma artesanal nas favelas do Rio de Janeiro e com recurso a sons eletrónicos. Em 2006 desenvolvi um trabalho para a revista Pública sobre os Hinos das fações criminosas, por isso tenho conhecimento desta realidade e das diferenças entre organizações. Estas músicas são usadas como uma forma de expressar revolta entre os jovens das favelas e um “ethos guerreiro” socialmente aceite (ROCHA, 2003: 7).

Dessa forma eu estava consciente da música específica que queria usar “RAP DAS ARMAS”, onde se ouve : “A a a Rocinha/Complexo, Complexo/A a a Rocinha/Complexo, Complexo/ A família é uma só”. Rapidamente esta letra indica que tanto o conjunto de favelas do complexo do Alemão, que em Novembro estava a ser alvo de intervenção policial, como a do conjunto de favelas da Rocinha, nos planos futuros de intervenção da Segurança Pública do Rio de Janeiro, são da mesma liderança, “a família é uma só”, Comando Vermelho. A música entre em mistura com o som do noticiário da rede Globo, veiculado em Novembro:

005- SOM DE NOTICIÁRIO: *“Fim de semana começou com som de tiros na zona norte do Rio por causa de uma guerra entre traficantes de uma favela. A polícia ocupou a região e os bandidos reagiram incendiando ônibus em outros bairros”*

Quis passar a ideia de que a cidade maravilhosa é um lugar tenso, também, e a própria imprensa considerada de referência fala em “guerra entre traficantes de uma favela”.

**02-VANESSA RODRIGUES- ... MAS... ENTRANHADA NESTA CIDADE MARAVILHOSA HÁ UM LADO “B”.
UMA SEGUNDA CAMADA DE PELE INFERNAL, UM PODER PARALELO¹¹, CRIMINOSO...COMBATIDO COM
CONTINGENTE DE GUERRA, MEDO, TENSÃO, MORTE e.... UMA MELODIA PESADA....**

Reforço neste discurso a ideia de um lado B que os noticiários nos comunicam sobre a realidade carioca. Um outro Poder em Cena tendo como pano de fundo o Rio de Janeiro. Um poder paralelo, como é considerado, por se confrontar com o poder instituído; um poder que impõe a violência através do uso e porte de armas militares, disseminando o medo e a morte.

Depois refiro-me à “melodia pesada”, pela música que se ouve como tapete de fundo, com graves e ruído, que representa, simbolicamente, um hino de louvor às fações criminosas do Rio de Janeiro. “Melodia pesada”, pois uma dupla conotação: o fato de sonoramente ser pesada à audição, porque ruidosa, remetendo de imediato para o contexto que pretendo representar; por outro para o fato de ser um fardo pesado para o Rio de Janeiro e seus moradores conviverem com esta realidade. E é por isso que, de seguida, dou voz a um morador na cidade, testemunha da situação que se vive.

A- IGOR LAGO- RIO DE JANEIRO ACOSTUMOU-SE A VIVER COM VIOLÊNCIA

“Como morador nascido e criado no Rio de Janeiro eu já estou ambientalizado, acostumado com este tipo de situação. É um perigo eminente que nós vivemos”

(VOICE OVER) 03- VANESSA RODRIGUES - UM COMPLEXO B, UM ESTADO COM A MÃO NO GATILHO

Ou seja, segundo as palavras do morador a violência já faz parte do discurso diário, do quotidiano da vida dos cariocas e, por isso, as entidades de segurança pública vivem alertadas. Por outro lado, considero que a palavra “complexo B” foi infeliz neste contexto, pois não creio que tenha passado a mensagem que pretendia: queria dar a entender que é algo entranhado, um complexo de inferioridade que a cidade do Rio vive, personificando-o. Se fosse hoje teria simplificado: algo como “um Rio que convive com a violência”...E,

conforme retrata o morador Igor Lago com a exclusão social – o tal “Brasil de Lama” com tema, conforme ressalva o estudo de Paganotti (2007).

B- IGOR LAGO- CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS....DESIGUALDADE SOCIAL...

“As consequências disso são consequências sociais, fruto de uma extrema desigualdade social. Que exista desigualdade social isso é um fenómeno natural, natural do próprio capitalismo, o que não pode haver é o que está ocorrendo hoje: são poucos com muito e muito com muito pouco. Por isso é que está tendo esse conflitos. Acaba a droga entrando, porque acaba gerando uma economia; a pessoa que está sem trabalhar acaba enveredando por esse caminho e, enfim, está quase que havendo uma guerra civil, porque as pessoas precisam de dinheiro, de dinheiro para sobreviver, então precisam de fazer alguma coisa, seja para o bem ou seja para o mal.”

Este é uma resposta que deve ser analisada com alguma cautela, pois parece simplificar a complexa questão do crime organizado e da violência no Rio de Janeiro. Optei por usá-lo pois dá voz ao que muitos cariocas dizem quando questionados para justificar o que se passa no Rio: o fosso entre ricos e pobres, a desigualdade social. Além disso, estas palavras do morador carioca Igor Lago, que entrevistei perto da estação de Comboios, Central Brasil, numa lógica de vox pop, é uma síntese, também, do discurso que irei “desconstruir” ao longo da reportagem (o de que o verdadeiro crime organizado não é apenas uma criminalização das favelas), ouvindo várias fontes sobre o assunto.

Deve ter-se em consideração que o próprio morador usou as palavras “guerra civil” para se referir ao que se passava no Rio naquele contexto, com “ataques” do Comando Vermelho como forma de protesto contra a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora. Ou seja, “a cidade maravilhosa tem no seu cotidiano uma “legitimação” do discurso da violência.

04- VANESSA RODRIGUES – A CIDADE MARAVILHOSA ACOSTUMOU-SE À LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA...COMO SE FOSSE JÁ HOJE UMA ESPÉCIE DE ADN, HEREDITÁRIO.... O SOM DAS BALAS PERDIDAS... O NARCOTRÁFICO... OS HOMICÍDIOS... OS ASSALTOS....A GEOGRAFIA CRUA DA SOBREVIVÊNCIA A TODO O CUSTO E QUE ILUSTRA OS CLICHÉS CINEMATOGRAFICOS. UM CARTÃO POSTAL COM VERSO NEGRO, PESADO. O PERIGO ESPREITA NA ESQUINA, NO CALÇADÃO, A VER-O-MAR, NO

MORRO. VAMOS SUBI-LO...

Depois de abordar o contexto da entrada das forças de segurança no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro prossigo com o desenvolvimento e contextualização do que são as UPP's. Só se entendendo a realidade do crime organizado do Rio de Janeiro e tendo percepção do que representava o Complexo do Alemão na geografia do crime organizado se poderá perceber o que esses dias de Novembro representaram para o Estado do Rio de Janeiro. Foi isso que tentei ressaltar, com cautela na linguagem.

Acredito que pelo fato de viver no Brasil há alguns anos me deu competências para o partilhar melhor do que qualquer colega que tivesse sido destacado para cobrir o assunto, sem especialização ou conhecimento prévio do contexto. Afirmo-o sem pretensiosismo e por uma razão pragmática: conhecia os meandros em causa, como tive acesso privilegiado a informações dentro da prisão de Bangu, de onde vinham parte das ordens do Comando Vermelho.

Neste trabalho de reportagem, tento fazer a ponte para um outro lado dessa ação, numa lógica, reconheço, de desconstrução da realidade dada de simples “guerra civil” entre criminosos e polícias. Procuro, acredito, partilhar a estrutura que compõe esta anatomia, como é o caso do testemunho do ativista de direitos humanos Marcelo Freixo.

06- MARCELO FREIXO

“O problema do Rio de Janeiro não vai-se resolver no complexo do alemão, o problema da segurança pública, não vais-e resolver no complexo do Alemão, nós não temos uma outra polícia a partir do complexo do alemão, enfim o que você tem aqui no Rio é uma necessidade de uma polícia de segurança pública que seja mais pública, que seja mais debatida, esse não é o dia D do Rio de Janeiro, esse é um dia de Desespero, mas não dia D de decisão.”

Há, sem dúvida, uma questão que não expliquei involuntariamente e que se fosse hoje teria incluído para melhor se entender esta análise de Freixo: que tem que ver com as críticas às forças de Segurança Pública no Rio de Janeiro, considerada muito violenta e pouco profissionalizada e que muitos analistas políticos e sociólogos apontam de corrupta também. É também nesse sentido que Marcelo Freixo adverte na necessidade de uma polícia de segurança pública que seja “mais debatida” e “pública”. Nesta altura, a

imprensa brasileira já adiantava que efetivamente o próximo “império” a “dominar” era a Favela da Rocinha, igualmente conhecida como reduto de tráfico e crime organizado. Usei a mesma “tendência” no discurso desta reportagem.

Com a devida distância para análise crítica parece-me que as palavras “dominar” e “império” são uma forma mais “fácil” de remeter o ouvinte para o contexto, mas de certa forma carregam o estereótipo de que o jogo da segurança pública é apenas entre dominadores e dominados contra um império de “tráfico”. Dessa forma multiplico o imaginário coletivo pactuando com as imagens-clichés criadas.

VANESSA- DEPOIS DO COMPLEXO DO ALEMÃO, FALTA AGORA DOMINAR UM OUTRO IMPÉRIO: A FAVELA DA ROCINHA.... MUDAMOS DO RAP INTERVENTIVO PARA O FUNK...HINOS DE GUERRA...MELODIA DA PESADA...?

Um dos pontos que considero cruciais na reportagem, para desmistificar a ideia de um Rio de Janeiro a saque e, ainda, de que é “impossível” a desvinculação com o crime organizado, é a conversa gravada com Rogério Meneses, ex-membro do Comando Vermelho e atualmente coordenador a organização não governamental Afroreggae. Essa conversa deu-se em Bangu, Sistema Prisional de Segurança Máxima, a 15 quilômetros do centro carioca e onde, alegadamente, terá começado a ordem para as rebeliões no Rio de Janeiro.

É nessa prisão que estão alguns líderes das maiores facções criminosas do Rio de Janeiro. O que é curioso é que nenhum jornalista tentou ir ao cerne desta rebelião para tentar perceber as razões. Talvez porque, ou porque era “demasiado perigoso”, pensariam eventualmente, ou porque, por vezes, fazemos parte de uma realidade que nos ofusca a percepção, tirando-nos a capacidade de ver/percepcionar o óbvio. Ao mesmo tempo que escrevo isto, recordo-me, a propósito, de como os amigos do Rio chegaram a entrar em pânico quando disse que iria fazer reportagem a Bangu.

Nessa altura, por coincidência, tinha solicitado autorização para conhecer alguns dos projetos do Afroreggae nas prisões. Pelo fato de o Rio de Janeiro se encontrar a ferro e fogo não consegui entrar na ala masculina, pois os membros da organização não governamental Afroreggae temiam pela minha vida e pela dos membros da ONG caso entrasse. O próprio membro que me recebeu, Rogério Meneses estava tenso.

Ainda assim, toda esta tensão e o que estava a acontecer no Rio, bem como esta limitação de entrada pareceram-me jornalisticamente relevantes e demonstrativas não só da tensão que se estava a viver, como também, do cenário de medo que tomava conta do Rio por aqueles dias e que a mim me anestesiava. Honestamente não houve de minha parte sensação de perigo, nem sinto que, alguma vez, me tenha colocado em risco, ainda que alguns amigos cariocas me advertissem do contrário.

Em rigor, há muitas coisas que não se aprende na faculdade de Jornalismo, e uma delas é a ser-se jornalista; e nem mesmo toda a teoria sobre o que é ou não valor-notícia. Há alturas, como estas em que nos valem da intuição e de sermos rápidos suficientes a carregar no botão para ligar o gravador. É evidente que a minha atitude é eticamente discutível.

Porém, uma vez que tinha autorização para ali estar, em Bangu, não vi por que razão não haveria de ligar o gravador mesmo antes de sair do táxi. Para além de ter ambientes sonoros, para a reportagem, poderia antecipar momentos espontâneos de discurso e situações, como a entrada na prisão. Essa decisão prévia permitiu-me ter o testemunho seguinte de Rogério, registando toda a tensão e medo que ele estava a sentir. Mais tarde, por exemplo, quando lhe pedi que desenvolvesse algumas das questões que afirmou- e já consciente de que estava a gravar - hesitou e o discurso não saiu nem tão espontâneo, nem tão articulado. Honestamente, fui-me apercebendo, há questões que só mesmo a intuição e alguma experiência impõem em contexto de reportagem.

Neste caso, a espontaneidade do entrevistado deram força ao testemunho. Um ex-membro do Comando Vermelho, mediador de conflitos entre polícia e criminosos, estava tenso, revelando muito do que esse estava a passar no Rio.

011- VANESSA – ESTAVA TUDO COMBINADO PARA ENTRARMOS...QUEREMOS ESTAR DO OUTRO LADO... CONHECER A MAIOR PRISÃO DE SEGURANÇA MÁXIMA DO RIO. UMA CIDADE INVISÍVEL, DE 15 MIL PRESOS, QUE NÃO VEM NOS GUIAS TURÍSTICOS. MAS O RIO, NESSES DIAS DE NOVEMBRO, ESTÁ TRANSFORMADO NUM BARRIL DE PÓLVORA COM A AMEAÇA DO COMANDO VERMELHO... A IMPRENSA É PRESA FÁCIL... (Manter som ambiente: Tapete...)

A002- ROGÉRIO MENEZES

“Eu sei como é que estão os boatos, eu sei o que está escrito na carta que compromete o Afroreggae, entendeu, eu já estive em várias rebeliões; é porque eu também não posso estar passando do que eu já sei, já tive rebeliões do Comando Vermelho que eles mandavam a imprensa entrar, entendeu, justamente para entrar para fazer a imprensa de reêm, então eu não posso. Os presídios todos querem uma oportunidade para fazer um movimento nos presídios, são quase cem internos, para um agente tomar conta e é trancado”

É uma fonte primária por excelência e que me ajudará não só a perceber o contexto, como também, apontar caminhos de investigação e compreensão do fenômeno criminal do Rio de Janeiro, coadjuvando nessa tentativa de desmistificar estereótipos relacionados com o crime organizado.

A007-ROGÉRIO MENESES-POR QUE ENTRAM CRIME ORGANIZADO– (0'16 ATÉ 0'46"...)

“Eu acredito que entram para o crime organizado, até por não ter uma oportunidade, por falta de oportunidade, que a pessoa não tem de um trabalho, a carência que tem, a carência que tem de um familiar, entendeu?, a necessidade de um alimento, de uma condição melhor, de condições melhores, muitas das vezes não tem um bom estudo; às vezes não tem uma própria educação, então essa pessoa acaba enveredando pelo mundo da criminalidade.”

Ao longo desta reportagem, vários indícios demonstraram que o crime organizado faz parte da personalidade do Rio de Janeiro, tornando-se quase “um caminho inevitável”. Mais uma vez coloco-me no papel de tentar entender quais as alternativas, uma vez que o meu compromisso é em informar e esclarecer o ouvinte, tentando antecipar dúvidas que ele possa ter, questões que ele possa querer ver esclarecidas.

É por isso que no voice over seguinte uso novamente o recurso do estereótipo. Eu sei, como narrador onisciente, de que o crime organizado não é um problema das favelas, mas sim das milícias – que explico mais à frente de que se trata. Porém, socorro-me dessa ideia pré-concebida no imaginário coletivo para fazer o “jogo” narrativo da contraposição. Será que, assim a desmistificação da ideia não ganha mais força? Será que o ouvinte não fica a pensar: ele contrariou a pergunta da jornalista. É com essa intenção que provoço na pergunta: “Vamos à raiz do problema: as favelas e o crime organizado”, que de seguida o ativista de direitos humanos, Marcelo Freixo, desmonta dizendo que “o papel das favelas não pode continuar sendo o papel da criminalização das pobreza”.

VANESSA – IMPÕE-SE A ESPERANÇA...MUDAR O RIO. MUDAR O LADO... VAMOS À RAIZ DO PROBLEMA,...AS FAVELAS E O CRIME ORGANIZADO... MARCELO FREIXO É ACTIVISTA DE DIREITOS HUMANOS...TRABALHOU NAS PRISÕES DO RIO... CONHECE A REALIDADE.

01-MF- RELATOR DA CPI DAS MILÍCIAS NAS FAVELAS

“A gente tem que debater o papel das favelas do Rio, não pode continuar sendo o papel da criminalização da pobreza, o papel único e exclusivo da ação do Estado, através das forças militares, a favela tem que ser entendida como protagonista, com outro papel de concepção de cidade do Rio, esse debate não entra nunca em pauta porque quando você sai da crise, a segurança pública deixa de ser assunto, a segurança pública só é assunto quando tem morte, copros, então você não consegue aprofundar o debate, porque é sempre o debate à luz da crise, né, então que fazer agora no Rio, o amanhã ninguém debate.”

VANESSA – MARCELO FREIXO, QUE É TAMBÉM DEPUTADO DO PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE NO RIO DE JANEIRO CONTINUA PÔR A MÃO NA FERIDA...

01-MARCELO FREIXO – Papel sistema prisional, ligação com corrupção, superlotação

“O debate que a gente tem de fazer é qual o papel do sistema prisional. O Rio não é, assim como o Brasil, não é o país da impunidade, se prende muito, mas se prende mal. A maior parte das pessoas no Brasil é presa por crime leve, e os crimes mais violentos não necessariamente tem a solução. O Rio de Janeiro tem 5% ou menos do que isso de taxas de resolução de homicídio. Então na verdade o nível de investigação que se tem é muito frágil, agora as prisões estão lotadas, porque são formas de você criminalizar essa pobreza, são formas de você deter quem sobrou hoje numa sociedade de mercado, então é um verdadeiro caos o sistema prisional, são 70% de reincidentes, as pessoas que voltam a cometer crimes depois de entrarem nas prisões, as prisões são lugares muito caros para tornar as pessoas piores.”

VANESSA – O TAMBÉM RELATOR DA COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO DAS MILÍCIAS DO RIO E POR ISSO AMEAÇADO DE MORTE TODOS OS DIAS PEDE UM DEBATE MAIS PROFUNDO, CONSISTENTE, QUE ULTRAPASSE AS PROMESSAS POLÍTICAS...

MAS AFINAL QUAL É A RELAÇÃO DA FAVELA COM O CRIME ORGANIZADO?

Nesta última frase tento desconstruir uma possível ideia pré-concebida, ligada ao estereótipo da relação das favelas com o crime organizado, que o deputado Marcelo Freixo, de seguida, esclarece. A ideia de que a Favela é apenas um bode expiatório para as organizações criminosas, uma vez que essas estruturas altamente organizadas têm um projecto de poder, e que, por isso, é preciso ser-se mais rigoroso e justo na análise contra a criminalização da pobreza que é, precisamente, o lado perverso do estereótipo veiculado pelos média.

02-MARCELO FREIXO - CRIME ORGANIZADO...MUITA ARMA E MUITA DROGA..

“O crime organizado é onde tem dinheiro e onde tem poder. Não são nos lugares pobres. Na favela tem muita arma, muita droga e tem muita miséria, essas coisas não combinam com a ideia do crime organizado. O narcotráfico é um crime internacional dos mais lucrativos, isso não pode ser organizado, por quem mal tem a quarta série, por quem que estudou só três anos, por quem, enfim, não te sequer perspectivas de vida, nunca teve vida organizacional, nunca teve carteira assinada, nunca trabalhou. O crime organizado tem dinheiro e busca de poder. Para enfrentá-lo tem que ir no lucro, tem que ter inteligência, tem que ter produção de inteligência, não é com repressão somente que você atinge o crime organizado.”

VANESSA- HÁ UMA IRONIA AGUÇADA NA VOZ DE FREIXO... OS MÉDIA TÊM, ENTÃO, MOSTRADO O LADO ERRADO?... UMA IMAGEM CLICHÉ? O CRIME ORGANIZADO DO RIO NÃO ESTÁ NAS FAVELAS?

A partir do testemunho de Marcelo Freixo percebemos que, ele próprio, insiste em desmistificar ideias erradas sobre as favelas, conotadas como antros de crime organizado. Ele dá a entender que a questão é muito além disso. Agarro essa premissa para no próprio voice over chamar a atenção do ouvinte com as palavras: “ironia aguçada”, “imagem cliché”; “o crime organizado do Rio não está nas favelas?”. Ele, ato contínuo, explica, então, o que é o “verdadeiro” crime organizado, levando a pressupor que há uma “falsa ideia de crime organizado”. Mas esta aqui é uma ilação minha. Contudo, se o deputado Marcelo Freixo fala em “verdadeiro”, em teoria é porque existe o “falso”, uma falaciosa ideia de outro crime organizado que não o verdadeiro. Arrisco a afirmar, depois de toda a argumentação que foi já exposta pelas fontes entrevistadas, de que ele se refere à ideia errada desse estereótipo que tenho vindo a tentar desconstruir: que é o de que o crime organizado é uma exclusividade das favelas do Rio de Janeiro.

03- MARCELO FREIXO

“As milícias representam o verdadeiro crime organizado no Rio de Janeiro, as milícias elas são agentes públicos da área de segurança, dominando territórios, hoje uma quantidade de territórios, compatível com o domínio do varejo da droga. Saiu uma pesquisa recente do [Paulo] Storani, que é um pesquisador, mostrando que as áreas dominadas pelas milícias, são áreas do tamanho, ou maiores, do que o varejo da droga. Os índices de homicídios são muito concentrados na área de milícias, fundamentalmente, e você tem nessa organização miliciana, projecto de poder, ao contrário do varejo da droga: eles dominam territórios com alta lucratividade, eles dominam várias atividades económicas, transportes alternativos, distribuição de gás, muito mais lucrativo do que o varejo da droga.”

VANESSA – CORRUPÇÃO. UMA PROMISCUIDADE ENTRE POLÍCIA E POLÍTICA...

Marcelo Freixo esclarece a origem de alguns erros para deter o crime organizado, deixando uma crítica clara às opções políticas em matéria de segurança, que segundo ele “criminaliza”, a pobreza. Com o risco de o discursos se tornar demagógico e demasiado político faço uma pausa por aqui, para perceber o que quer ele dizer com as operações que “não são feitas” na Baía de Guanabara. Para isso, precisei de viajar até à Tripla Fronteira, zona franca, conhecida como “Paraíso Fiscal”, e onde se diz que o Comando Vermelho, uma das mais poderosas facções criminosas do Rio de Janeiro, tem “base” e por onde importa armas que vão para as favelas do Rio de Janeiro, como é já oficialmente conhecido em documentos públicos. Entrevisto um jornalista paraguaio, o também escritor Andrés Colman.

Mais adiante uso o som de balas do filme Cidade de Deus, do realizador Fernando Meirelles e a entrada da fala do Zé Pequeno. Quero fazer uma ponte entre o filme e a vida real da comunidade Cidade de Deus, hoje pacificada com uma Unidade de Polícia Pacificadora. A ideia? Perceber onde começa e acaba a ficção desse cliché cinematográfico, respetiva relação com o crime organizado, de que forma está a ser feita essa pacificação e de que forma está a ser recebida pela comunidade. Perceberei mais tarde que “há testemunhos esquivos” e “alguns problemas nessa pacificação”.

VANESSA- EM 2002... O REALIZADOR FERNANDO MEIRELLES LEVOU AO GRANDE ECRÃ O FILME

QUE MOSTRAVA PARTE DESSA SEGUNDA PELE DO RIO DE JANEIRO... CIDADE DE DEUS AGARRAVA A HISTÓRIA DO ESCRITOR PAULO LINS E EXPUNHA UM RIO MARGINAL... ERA O CRIME ORGANIZADO COMO NEGÓCIO... O CLICHÉ DA VIOLÊNCIA A GANHAR FÔLEGO. É O BRASIL DA DÍVIDA SOCIAL E DOS EXCLUÍDOS...

NA CIDADE DE DEUS DA VIDA REAL VEMOS UM AMONTOADO DE BARRACOS...PARECEM PEÇAS DE LEGOS A DESFAZEREM-SE... ESGOTO A CÉU ABERTO E A GEOGRAFIA ARMADA...., COMO LEI.

AQUI IMPÕE-SE A VOZ DO CAPITÃO CARLOS ALBERTO DA POLÍCIA MILITAR...

Um outro discurso a que recorro para desconstruir a ideia de favela como “antro apenas criminoso”, mas sim um problema social ao qual é dada pouca atenção governamental, é a música “Eu Sou Favela” remisturada por Seu Jorge, e cuja letra original é de Bezerra da Silva.

MÚSICA

LETRA: “A FAVELA NUNCA FOI REDUTO DE MARGINAL, A FAVELA NUNCA FOI REDUTO DE MARGINAL, ELA SÓ TEM GENTE HUMILDE E MARGINALIZADA, E ESSA VERDADE NÃO SAI DO JORNAL, A FAVELA É... UM PROBLEMA SOCIAL...”

VANESSA – A COMUNIDADE CIDADE DE DEUS FOI CONSTRUÍDA NA DÉCADA DE 60 DO SÉCULO VINTE...COM AS ENCHENTES DA ÉPOCA, SERVIU PARA ALBERGAR DESALOJADOS.... A POBREZA FOI-SE MULTIPLICANDO.... SURGIRAM CONSTRUÇÕES ILEGAIS, DEMASIADO LIXO, CRIME...ERAM ATIRADOS CORPOS PARA A LAGOA, VINHAM OS CROCODILOS....A AUSÊNCIA DO ESTADO DURANTE 50 ANOS TRANSFORMARAM A COMUNIDADE NUM REDUTO DE TRÁFICO E MISÉRIA...

MAS HÁ, AGORA, COM A POLÍCIA DE PAZ, UMA CIDADE DE DEUS MAIS SERENA, MAS AINDA A TRANSBORDAR POBREZA, COM UM RIO CINZENTO E MAL-CHEIROSO A ATRAVESSÁ-LA....HÁ, POR ISSO, GRAVIDADE NAS PALAVRAS DO MORADOR FELIPE BRUM...

Nesta fase dedico-me a ouvir os moradores, na lógica de dar voz a quem, normalmente, não tem voz, ouvindo queixas de “ausência do Estado”: falta de saneamento básico, luz, educação; e sobre como estão a reagir à implementação da polícia de paz: por um lado, as crianças podem brincar na rua tranquilamente, antes era “complicado” por causa da criminalidade e do tráfico de droga e da forte intervenção da polícia

militar; por outro houve aumento de pequenos furtos que não existiam e aumento de algum medo em falar com a polícia, pois receia-se que essa UPP não tenha vindo para ficar e que saia, fazendo com que o tráfico volte, conforme aconteceu com projetos anteriores de Segurança Pública.

Por comparação, sigo com o testemunho de moradores de outra comunidade considerada modelo de implementação da UPP, o Morro da Providência, mais no centro do Rio, a favela mais antiga da cidade e uma das primeiras a receber intervenção policial.

VANESSA – HÁ EMPENHO E VONTADE EM MUDAR O RUMO DESSA MARGEM CLICHÉ DA CIDADE DA VIOLÊNCIA...APROXIMAR-SE DA COMUNIDADE PARA EXPULSAR O MEDO NAS FAVELAS PACIFICADAS...

A FALTA DE CONFIANÇA, AINDA SE INSINUA. O OUTRO LADO DE UMA JÁ MEDIÁTICA POLÍTICA DE SEGURANÇA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO... É PRECISO MUDAR AS MENTES, AS OPORTUNIDADES DE VIDA...

A ideia forte nesta parte, além do ponto nevrálgico da história que era desfazer o equívoco da criminalização da favela como palco principal do crime organizado, explicando as teias que o compõem, era esclarecer o trabalho da polícia nestas comunidades e humanizar a ideia que se tem das comunidades/favelas do Rio de Janeiro, através das vozes de pessoas que fazem esse cotidiano. Nesta reportagem ouve-se, também, crianças a falar e a brincar nas ruas, um rádio, televisão, tranquilidade nas favelas, pessoas a varrer, passos em caminhada pelas comunidades, vozes pausadas. É toda esta configuração sonora, com testemunhos fortes que desmontam alguns equívocos sobre a realidade do Rio de Janeiro.

VANESSA – E COMO É QUE SE PERCEBE QUE A POLÍCIA CONQUISTOU O OUTRO LADO, A CONFIANÇA, NUMA FAVELA?

UPP-RJ-Morro da Providência-CAPITÃO GLAUCO

“Eu estou vendo esses resultados. No dia 17 de julho foi o meu aniversário, num sábado, foi o exame de faixa, tive de ir lá prestigiar o evento. Ao término do evento, todos os atletas em forma, e tal, encerramento. Do nada eis que surge um ‘Parabéns para você’; crianças da comunidade, outrora dominada pelo tráfico de

drogas hoje cantando Parabéns para um Policial militar.”

(JÁ COMEÇA A OUVIR-SE A MÚSICA QUE ENTRA COMO TAPETE FINAL ATÉ AO FIM DA REPORTAGEM: “CONVITE PARA A VIDA” - 11 Convite para Vida- DA BANDA SONORA DO FILME CIDADE DE DEUS DE SEU JORGE...)

(28")VANESSA- UMA CIDADE A CAMINHAR A PASSOS LENTOS NA GEOGRAFIA DO CRIME ORGANIZADO... COM REDUTOS INFERNAIS, VIOLENTA, E AINDA A OLHAR DO ALTO, COMO UM CRISTO-REI, UMA MIRAGEM DE PAZ COM PEQUENOS OÁSIS, COMO AS UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA QUE ACALENTAM A ESPERANÇA DE QUE O RIO DE JANEIRO... ENCONTRE AS COORDENADAS DE UM CAMINHO SEM LADOS BÊ. E QUE NA HISTÓRIA CARIOCA SE ESCREVA “CIDADE MARAVILHOSA” COM TINTA DE PAZ, SEM SEGUNDA PELE, SEM DERRAME DE SANGUE, E SEM IMAGENS-CLICHÉ..

Observações

Conforme se constata, o discurso de uma reportagem não é inocente, está carregado de símbolos e conjugação de palavras que ajudam a criar imagens e a incentivar percepções, conforme o fiz. Por um lado, neste discurso usei imagens-clichés e estereótipos, para rapidamente agarrar a atenção do ouvinte, mas de imediato tentava desfazer essas imagens: ora cidade maravilhosa, ora cidade com crime; cidade onde há esforço para mudar a imagem de violenta, mas onde há muitas dificuldades sociais. Afirmei que sim: há crime nas favelas, mas nem todas as pessoas que ali moram são criminosas e vejam: lutam contra dificuldades – foi o que pretendi partilhar. Sem dúvida que existe uma polícia repressora, mas que também ajuda as comunidades a procurar trabalho. Esta flexibilidade do discurso foi com a intenção de mostrar as vozes dissonantes daquela que é considerada uma das cidades mais perigosas e violentas. Não lhe retiro esse contexto, mas exponho também os diferentes ângulos dessa questão. Talvez o título ideal fosse os vários lados B da cidade maravilhosa.

Acredito ter cumprido o propósito a que me comprometi inicialmente de “desconstruir” a ideia de um crime organizado exclusivo da favela, numa lógica de criminalização da pobreza. A minha hipótese de investigação, conforme se constata, foi sempre a de que, apesar do contexto sócio-económico difícil e da existência de facções criminosas nas favelas, a favela não é a raiz do crime organizado. Talvez a minha ligação direta com este trabalho não me tenha permitido o distanciamento necessário para uma análise mais

distante. Não obstante, concluo que é responsabilidade do jornalista usar o discurso com respeito com a verdade, dando voz a todas as partes envolvidas e discordantes. Ao longo desta reportagem, tentei ouvir todas as partes envolvidas nessa tentativa de desfazer o estereótipo. Não obstante, uma análise é certa: não tive retorno de qual o impacto que esta reportagem possa ter tido, nem de que forma poderá ou não ter contribuído para a continuidade ou mudança de percepção sobre o Rio de Janeiro.

Considerações finais

Conclusão

As condições laborais precárias em que trabalha um jornalista freelancer, a falta de apoio da estrutura contratante ao jornalista, o fator de corrida contra o tempo com prazos apertados, o desrespeito pelo trabalho jornalístico, com ressarcimentos muito baixos, por colaboração e a falta de meios físicos e humanos, foram alguns dos problemas com que me deparei ao longo da minha atividade profissional como jornalista. Estas questões agudizam-se sobretudo, num contexto internacional, como foi o meu caso, tendo em conta que havia uma distância geográfica e um fuso horário diferente.

Não obstante, a minha resiliência esteve sempre presente, na tentativa de posicionar estes problemas mais como desafio. Admito, no entanto, que a persistência atual destes respetivos desafios causaram algum desgaste laboral e pessoal. Estou naturalmente menos tolerante às falhas do *modus operandi* da profissão. É certo que ao longo do percurso tentei, sempre, ultrapassar estas questões, muitas vezes com prejuízo pessoal para não pôr em causa nem o meu profissionalismo, nem um Código Deontológico que assiste a todo meu trabalho.

Asseguro que uma Licenciatura em Comunicação Social não treina, nem prepara, nem adverte o estudante para a maioria dos desafios que um jornalista tem que enfrentar no terreno e durante a carreira. Um desses desafios é a constante “negociação” entre o repórter e editor, que por vezes, regido quer por regras de espaço, quer “limitado” pelo próprio conhecimento sobre determinado assunto tende a fazer prevalecer a visão pessoal. Isso resulta, algumas vezes, numa aproximação do assunto de forma estereotipada. Por conseguinte, algumas destas questões enquadram-se numa outra questão mais abrangente que é o estereótipo, polarizado em certa medida em todos os órgãos de comunicação social, mais ou menos dependente da construção social da realidade do jornalista ou editor. Esta questão ganha maiores proporções quando se trata de partilhar informação sobre uma outra cultura, com é o caso do trabalho dos correspondentes.

Então, se o Jornalismo pode ser uma atividade legitimadora de estereótipos, coadjuvando na construção social de uma realidade equivocada, em que medida o meu trabalho de correspondente serviu

para os legitimar ou desconstruir? Essa foi a pergunta que iniciei para centrar o caminho desta reflexão crítica na parte nevrálgica deste relatório crítico de atividade profissional. Para a tentar situar, servi-me ainda das seguintes dúvidas: Será que o trabalho dos correspondentes, enquadrados num contexto intercultural, é um repercutor de imagens pré-concebidas com raízes colonialistas? De que forma os correspondentes no Brasil são “artesãos” reprodutivos de um imaginário coletivo? Existe uma “imagem fixa” sobre os brasileiros no imaginário português, legitimada através dos meios de comunicação social portugueses? Que imagens são essas veiculadas pelos correspondentes portugueses?

Os estudos sobre os quais me debrucei no respetivo enquadramento e fundamentação teórica confirmaram a minha experiência enquanto jornalista, enquanto correspondente internacional, expondo que os meios de comunicação social continuam a ser veiculadores de imagens estereotipadas da sociedade brasileiras, centrando-se, principalmente em quatro eixos que representam exclusivamente exclusão social, libertinagem sexual e festividade, crime e violência, paraíso exótico: Brasil de lama, Brasil de plástico, Brasil de sangue e Brasil Verde.

Ou seja, vários investigadores analisam que as notícias têm efeito na percepção da realidade e que os correspondentes ao veicularem e publicarem determinada notícia ou fazerem determinada cobertura jornalística podem moldar a ideia que se forma de um determinado contexto, ajudando a desconstruir, construir ou legitimar um estereótipo. E os diretos é onde menos controlo se tem sobre o discurso.

Se, por um lado, os correspondentes têm a responsabilidade de desconstruir estereótipos, por outro a falta de conhecimento do contexto e a necessidade de informar rapidamente sobre um assunto, podem induzir ao uso de uma síntese sobre o contexto, onde o estereótipo pode funcionar como ferramenta de comunicação rápida, como no caso da cobertura de temas como violência e crime organizado, onde muitas vezes se criminaliza a favela como local de excelência para falar da questão.

A análise de alguns trabalhos profissionais por mim realizados para o Diário de Notícias, a Notícias Sábado e mais especificamente para a rádio TSF mostram que a maioria dos temas abordados se centra nesse eixo de 4 pontos essenciais que moldam o assunto recorrente sobre o Brasil e que se enquadram na ideia de um certo Brasil. Por essa mesma razão, também houve uma tentativa de minha parte de mostrar o outro lado dessas imagens mais cliché do Brasil como sejam as de violência, crime organizado, Carnaval. A

resposta à pergunta inicial e então que por um lado o meu trabalho poderá ter contribuído para desfazer equívocos, mas por outro, constato, poderá ter dado continuidade a alguns, uma vez que eu própria me socorri de estereótipos. Nesse sentido, concluo que teria de existir um trabalho mais centrado em evitar o uso de estereotipia sobre o Brasil e ainda uma maior abertura para outras temáticas sobre a realidade brasileira como a Educação, as relações diplomáticas e culturais entre os dois países, não só por parte dos jornalistas, como dos editores.

Reflexão

Mais do que refletir sobre a questão dos estereótipos e a responsabilidade do correspondente internacional em os legitimar, criar ou desfazer, tema que analisei ao longo deste relatório, interessa-me refletir sobre o papel dos correspondentes nos dias de hoje. Isso na medida em que é a inquietação que mais me apela ao chegar ao fim deste relatório.

Durante um ano, após já ter deixado o Brasil, a TSF e o DN, apesar das respetivas direções terem sido avisadas da minha decisão de regressar a Portugal, continuei a receber chamadas de colegas a pedirem-me reportagens sobre a realidade brasileira. Até hoje, continuo a ser solicitada para disponibilizar contatos e sugerir nomes para serem fontes de consulta para determinados assuntos, quando há algum valor-notícia relacionado com o Brasil.

O meu regresso chegou a ser equacionado dentro do grupo Controlinveste, numa lógica de integração de grupo TSF, DN e NS com avença, mas essa questão nunca chegou a concretizar-se numa proposta específica. O que é certo é que, até à data, depois do meu regresso a Portugal, nem a TSF, nem o Diário de Notícias, destacaram correspondente para o Brasil e as notícias que são veiculadas e publicadas são reproduzidas das agências noticiosas ou dos media brasileiros.

Continuo a ter a tentação de analisar as seções de informação internacional de alguns jornais e informar-me através da rádio e da TV sobre o que se passa no Brasil. O que percebo, muito honestamente, é que nesta matéria, apenas o jornal Público mantém uma produção frequente e de qualidade, com produção exclusiva inclusive. Em matéria de Economia o Diário Económico também mantém produção frequente, já que o Brasil Económico faz parte do mesmo grupo de media. Vendo e ouvindo as notícias da RTP/RDP

percepciono um Brasil-cliché, conforme a estrutura analítica de Paganotti (2007), pois os temas são quase sempre os mesmos. Uma lacuna que noto, por exemplo, da minha experiência, é a cobertura jornalística sobre as atividades dos portugueses no Brasil – desde teatro a negócios.

A comunidade portuguesa no Brasil, por exemplo, não tem voz e não aparece nas notícias. Falta reportagens de fundo e correspondentes no Brasil. Os meios de comunicação recorrem cada vez menos aos correspondentes, pelos vistos uma tendência mundial (ARCHETTI, 2013), recorrendo cada vez mais às agências noticiosas. Essa tendência poderá resvalar naquilo a que se chama Churnalism (Davies, 2008: 59), isto é, quando os press releases são mascarados de notícias, devido ao fato de existir cada vez menos profissionais nas redações.

Fred Hiatt (2009), editor do Washington Post, e que já foi correspondente em Tóquio, escreveu num editorial, que os correspondentes internacionais estão a desaparecer. “Maybe the old model just can't work anymore. Though The Washington Post has managed to maintain its stable of 20-plus foreign correspondents, no newspaper, including The Post, is insulated from the pressure of Internet competition for advertising dollars. Nor are the television networks, which have cut way back on their foreign bureaus as well.”

Todavia, se por um lado o avanço de novas tecnologias reconfigura o cenário do trabalho dos correspondentes internacionais, ameaçando a continuidade da profissão, uma vez que coloca ao dispor das redações uma panóplia de ferramentas e plataformas que permitem o fácil acesso à informação, por outro podem possibilitar o acesso a novos ângulos das histórias. E, para isso, a experiência de um repórter no local continua a ser basilar, para produzir histórias exclusivas.

Há, no entanto, uma questão que persiste agora que chego ao final desta minha análise: a convicção de que os próprios cursos de Jornalismo têm que ser adaptados aos novos desafios que se impõem, dotando os futuros jornalistas de ferramentas críticas que os ajude a perseguir uma informação rigorosa, original, isenta de estereótipos. Em concomitância, parece-me basilar fomentar a educação para os media para termos cidadãos mais exigentes para com a informação que é veiculada, exigindo maior qualidade e sendo voz ativa na informação.

Contribuições e limites

Considero que atingi os objetivos a que me propus no início deste relatório. Ainda assim, reconheço-lhe algumas limitações ao nível da investigação. Se no início da redação deste relatório tivesse conhecimento de todo este processo, dos caminhos a que me levaria esta crítica, teria, possivelmente, estendido a análise da minha experiência profissional à dos meus colegas correspondentes portugueses no Brasil – contrapondo experiências e desafios– através, por exemplo, de um inquérito para melhor comparar a questão dos estereótipos e relação com os editores em relação a este tema. Seria interessante, parece-me, comparar o cenário deles com o meu, sendo uma jornalista freelancer, percebendo eventuais limitações, entre outras questões. Depois porque sendo esta uma análise do meu próprio trabalho, uma auto-análise, põe em causa per si o não distanciamento necessário, pois estou demasiado ligada ao que pessoalmente produzi.

Considero, no entanto, que este trabalho percorreu, analisou e estendeu-se de forma crítica, situando diversas problemáticas da atividade jornalística, do trabalho freelancer em contexto internacional, aprofundando a questão “estereotipia dos correspondentes no Brasil”. Sobre esse tema existe alguma bibliografia luso-brasileira, porém já seria pertinente um estudo atual sobre a imagem que os correspondentes portugueses veiculam sobre o Brasil e respetivo impacto na percepção da sociedade portuguesa.

Em certa medida, este trabalho tentou dar algumas respostas nesse sentido, mas sobretudo lançar o debate sobre a estereotipia versus correspondentes e questionar o que deve e pode ser feito para que o discurso não seja afetado pela continuidade de antigos padrões coloniais e percepções equivocadas da realidade brasileira. Recordo por exemplo, recentemente, a conversa que tive com um colega sobre o Brasil. Ele, pessoa instruída e cineasta jovem, afirmava que “os brasileiros são um pouco lentos e burros” e que o Brasil é um país “muito violento”, tendo ele apenas estado uma semana no nordeste brasileiro. Mais: já cheguei a ouvir afirmações de pessoas que nunca viajaram para o Brasil, mas que dificilmente o farão porque para elas “o Brasil é muito perigoso”, mas deve ser um “paraíso”.

É por isso que procurei com este trabalho - além de explanar o meu percurso profissional e experiências enquanto correspondente e, por isso, com responsabilidade acrescida sobre a imagem que veiculo sobre a realidade brasileira – lançar o debate, na expectativa de que ele não cesse neste relatório.

Sugestões para futuras pesquisas

Há, sem dúvida, muitas questões que foram levantadas ao longo deste relatório e que poderiam perfeitamente suscitar outros ângulos de investigação. Considero pertinente analisar-se, por exemplo o discurso de todos os correspondentes de órgãos de comunicação social no Brasil, se há diferença no discurso por serem portugueses, brasileiros ou de outras nacionalidade, caso exista. Explorar em que medida os interesses pessoais dos jornalistas influenciam as escolhas de reportagem também me parece ser um tema pertinente de análise.

Outra ideia seria perceber e analisar que tipo de alterações são feitas ou sugeridas pelos editores aos textos e/ou peças jornalísticas dos editores e razões. Ocorre-me ainda a análise sobre o mesmo tema de correspondentes de órgãos de comunicação social portugueses e estrangeiros: que tipo de imagens constroem sobre um determinado tema, bem como a frequência da presença do Brasil dos média internacionais e respectiva análise do discurso, bem como que tipos de estereótipos ou não são veiculados.

Embora este relatório tenha incidido especificamente sobre a minha experiência enquanto correspondente, seria, parece-me, igualmente pertinente analisar o discurso veiculado sobre o Brasil a partir de notícias de agências e mesmo de órgãos de comunicação brasileira, analisando a notícia primária e o resultado. Suspeito, aliás, - a partir da minha experiência no Brasil e de uma percepção notória do ênfase que é dado a assuntos sobre corrupção política e crime organizado - que o espaço público brasileiro também poderá ser co-responsável na imagem que é traduzida para os média internacionais. Poderá ser até a questão que mais fica na minha percepção como entusiasmo para futuro trabalho de investigação.

Bibliografia

- Amancio, Tunico. (2000) *O Brasil dos gringos: imagens no cinema*. Niterói: Intertexto
- Balandier, Georges (1999) *O poder em cena*, Coimbra, Minerva
- Berger, P. L. and T. Luckmann (1999), *A Construção Social da Realidade*, Um livro sobre a Sociologia do Conhecimento, Lisboa, Dinalivro
- Burke, Peter. (2006) "Os turistas aprendizes". *Jornal Folha de S. Paulo*, 17/12/2006. Caderno Mais! p.12.
- Champagne, Patrick (1998) - *A ruptura com as pré-construções espontâneas ou eruditas*.
- Cabecinhas, Rosa (2004). *Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais*. Actas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 21-24 de Abril
- Cabecinhas, Rosa (2002) *Media, etnocentrismo e estereótipos sociais*. In *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século*. Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação. Lisboa: Vega (pp. 407-418)
- Cortesão, J. (2000) *A carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda
- Cunha, E. L. (2002) 'O Brasil no imaginário português', *Revista Semear*, no 6, http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/6Sem_11.html, acesso em Julho de 2013
- Davies, Nick (2008), *Flat Earth News*, Chatto and Windus
- Dines, G. e Humez, J.M. (Ed.) (1995). *Gender, Race and Class in Media: A Text-Reader*, Sage
- Dota, Maria Inez Mateus. (2005) "Aspectos políticos do Brasil: uma análise de notícias do New York Times". In: *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom,
- Ferraz, Oséias Silas. (2002) "Nota Preliminar". In: CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei Dom Manuel*. Belo Horizonte: Crisálida
- Esteves, João Pissarra, (2005) "O Espaço Público e os Media", **Edições Colibri**
- Foucault, M. (1997) *A arqueologia do saber*, Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Galtung, J. e Ruge, M. H. (1965) - The structure of foreign news. *Journal of International Peace Research*, n.o 1.
- Goldstein, Ilana Seltzer. (2003) *Brasil best seller de Jorge Amado*. São Paulo: Editora Senac
- Halimi, Serge (1997) "Os Novos Cães de Guarda", Celta
- Hall, Stuart (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Hall, S. (2003) Da diáspora: identidades e mediações culturais, organização Liv Sovik, Tradução Adelaide La Guardiã Resende et al., Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil

Hamilton, D. L. (1979). A cognitive-attributinal analysis of stereotyping. In: L. Berkowitz (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 12, New York, Academic Press

Hazra, Pranab (2009). Responsibility of Journalist, <http://www.ojr.org/p1647>, acesso a 27 de Outubro 2013

Hiatt F (2007) The vanishing foreign correspondent. *Washington Post*, 29 January. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/01/28/AR2007012801050.html>, acesso em Outubro 2013

Ibroscheva, Elza & Ramaprasad, Jyotika (2008) Do media matter? A Social construction Model of stereotypes of foreigners, *Journal of Intercultural Communication*, issue 16, April 2008 [<http://www.immi.se/intercultural/abstracts/ibroscheva-abs.htm>]

Kapuscinski, Ryszard (2009) *The Other*, Verso Books

Kapuscinski, Ryszard (2004), *El Mundo De Hoy (Autorretrato De Un Reportero)* ("Compactos"), Anagrama

Kapuscinski, Ryszard (2008), *Viajes Con Herodoto* ("Compactos"), Anagrama

Kovach, Bill & Rosenstiel, Tom. (2004) "Os Elementos do Jornalismo", O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir, Coleção Comunicação 7, Porto Editora

Lisboa, Wellington Teixeira (2009) "Memória, nostalgia, midiatização: o Brasil e os brasileiros no imaginário português contemporâneo". In *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Universidade do Minho, Portugal

Lisboa, Wellington T. (2010) "Narrativas midiáticas e o processo da recepção simbólica: comunicação e cultura na arena do debate". In: Centro de Altos Estudos da ESPM (org.). *Arenas da comunicação com o mercado: articulações entre consumo, entretenimento e cultura*. São Paulo: Alameda Casa Editorial

Lisboa, Wellington Teixeira (2009) "Imagens do Brasil em Portugal: mitos e mídia na construção de identidade". In *Revista Estudos da Comunicação*, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), jan./jun., 2009. <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/COMUNICACAO?dd1=175>

Lourenço, E. (1999) *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa: Gradiva

Machado, I. J. R. (2003) 'Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal', tese de doutoramento, Universidade de Campinas, [<http://www.ufscar.br/~igor/public/carcere%20publico%204.pdf>], acesso em Julho de 2013].

Martín-Barbero, J. (1997) *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, traduzido por Ronald Polito e Sérgio Alcides, Rio de Janeiro: Editora UFRJ

Martins, Moisés de Lemos (2011) "Crise no Castelo da Cultura, colecção Comunicação e Sociedade, Grácio Editor

Merton, R. (1949/1968). Contribuições à teoria do comportamento do grupo de referência. In *Sociologia – Teoria e Estrutura*. São Paulo: Ed. Mestre Jou

Meneses, João Paulo. (2003) Tudo o que se passa passa na TSF...Para um Livro de Estilo, Edição Jornal de Notícias, Porto

McCarty, C., Yzerbyt, V. Y., & Spears, R. (2002). *Stereotypes as explanations: The formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge: Cambridge University Press.

Moscovici, S. (2003) Representações sociais: investigação em psicologia social, editado em inglês por Gerard Duveen, traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi, Petrópolis: Vozes.

Mowlana, Hamid. (1986) *Global information and world communication – new frontiers in international relations*. New York: Longman,

Paganotti, Ivan (2007) Uma certa libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado — o Brasil dos correspondentes internacionais [Trabalho de Conclusão de Curso]. São Paulo: ECA-USP

Paganotti, Ivan (2007) Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais. RUMORES – Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias 1, 1

Pêcheux, M. (1995) Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, Campinas: Editora da UNICAMP

Pickering, M. (1995). The politics and psychology of stereotyping. *Media, Culture & Society*, 17, 691-700.

Ribeiro, Darcy (1995) O povo brasileiro: *a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras

Ribeiro, M. C. & Ferreira, A. P. (orgs.) (2003) Fantasma e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo, Porto: Campo das Letras.

Sousa, Jorge Pedro (2002), AS NOTÍCIAS E OS SEUS EFEITOS, AS “TEORIAS” DO JORNALISMO E DOS EFEITOS SOCIAIS DOS *MEDIA* JORNALÍSTICOS, Universidade Fernando Pessoa

Sousa, Jorge Pedro, (2000) Imagens Actuais do Brasil na Imprensa Portuguesa de Grande Circulação, http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-jorge-pedro-imagens-brasil.html#_ftn1

Schudson, M. (1988) Porque é que as notícias são como são? Comunicação e Linguagens, 8: 17-27

Tuchman, Gaye (1978) - *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press

Vitório, B. S. (2005) Imigração brasileira em Portugal. A identidade cultural nas margens do dizer, Pesquisa de Pós-Doutorado, Instituto de Estudos Jornalísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Wilson, Clint C. & Gutiérrez, Félix (1995). Race, multiculturalism, and the media: from mass to class communication, Sage Publications

Wolf, Mauro. Teorias da Comunicação (2006) Coleção Texto de Apoio – Nova Série, Editorial Presença

Anexos

Anexo I

ORGANOGRAMA – NOTÍCIAS SÁBADO (SET'2011)

Direcção Notícias Sábado

Catarina Carvalho – **Directora executiva**

João Ferreira – **Editor executivo**

Secretaria de Redacção – Madalena Marques Pinto

Redacção – Ana Pago, Carla Amaro, Catarina Pires, Célia Rosa, Ricardo Rodrigues

Copy Desk – Elsa Rocha, J. Leitão Baptista

Arte – Rui Leitão – Director, Pedro Botelho – Director adjunto, Vitor Costa, Ana Faleiro, Carla Oliveira, Rute Cruz

Anexo II

TSF - Organograma

Conselho de Administração:

Joaquim Oliveira - Presidente

Rolando Oliveira

Gabino Oliveira

Jorge Carreira

João Viegas Soares

Manuel Soares

Direcção Editorial:

Paulo Baldaia (Diretor) paulo.baldaia@tsf.pt

Arsénio Reis (Diretor-adjunto) arsenio.reis@tsf.pt

Pedro Pinheiro (Subdiretor) pedro.pinheiro@tsf.pt

Edição Online:

João Paulo Meneses jpm@tsf.pt

Coordenação Online:

Teresa Alves teresa.alves@tsf.pt

Direção Comercial:

Inês Picciochi ines.picciochi@tsf.pt

Diretor Geral de Marketing:

Alexandre Nilo Fonseca

Direção de Tecnologias e Sistemas de Informação:

José Galvão (Diretor) , António Santos (Diretor-adjunto), Hugo Vicente (Diretor Criativo), Miguel Caldas, (Marketing), João Lemos (Gestão de Operações), Ana Teixeira (Tráfego)

Anexo III

Estatuto Editorial da TSF¹²

1. A *TSF-Rádio Jornal*¹³ é uma estação privada de radiodifusão que se orienta pelos princípios da liberdade, do pluralismo e da independência e se subordina à deontologia da Comunicação Social.
2. A *TSF-Rádio Jornal* privilegia, no seu conteúdo, a informação isenta, rigorosa e maximamente objectiva, que possibilite e garanta a expressão e o confronto das diversas correntes de opinião, no respeito pelas pessoas e pelo interesse nacional.
3. A *TSF-Rádio Jornal* assume-se como independente de qualquer doutrina ou ideologia, do poder político e autárquico, de partidos ou associações políticas patronais, sindicais e profissionais, bem como de identidades económicas e financeiras, apenas respondendo perante a empresa de radiodifusão de que dimana.
4. A *TSF-Rádio Jornal* respeita as leis de mercado, mas nos seus compromissos comerciais salvaguardará sempre os valores deontológicos que persegue.
5. *TSF-Rádio Jornal* procurará, para garantir a autonomia e por efeito da capacidade criativa, técnica e de gestão, obter a maior audiência possível na sua zona de cobertura radiofónica.
6. A *TSF-Rádio Jornal* compromete-se a contribuir, pela totalidade dos seus conteúdos, para o reforço da identidade cultural do país.
7. A *TSF-Rádio Jornal* obriga-se, dentro do respeito pelos princípios constitucionais e legais, a exercer a sua actividade com sentido de responsabilidade e espírito de tolerância, atendendo às exigências do pluralismo e ao direito de expressão das minorias (de harmonia com a respectiva dimensão), e sempre que isso constitua um imperativo de consciência, mas com exclusão de qualquer incitamento à prática de crimes ou à violação dos direitos fundamentais e rejeição de comunicações inequivocadamente pornográficas.
8. A *TSF-Rádio Jornal* reconhece o direito de resposta, nas condições legais, a qualquer pessoa cujo bom nome e reputação se possam considerar afectados por facto inverídico ou erróneo veiculado nas suas emissões.
9. A *TSF-Rádio Jornal* produzirá uma informação que distinga entre notícias e opinião e dê voz às partes em confronto, mediante a aplicação de critérios jornalísticos pela respectiva Redacção e, em particular, pelo respectivo chefe, que será nomeado, pelo Conselho de Administração, de entre jornalistas profissionais com mais de 5 anos de actividade.
10. A *TSF-Rádio Jornal* observará, na linha de orientação da actividade informativa, as normas deontológicas do Estatuto do Jornalista, respeitando as competências que a lei fixar ao Conselho de Redacção.
11. A *TSF-Rádio Jornal* apreciará anualmente, em assembleia geral convocada para votar o Relatório de Contas do Conselho de Administração, um relatório sobre o conteúdo da informação difundida no ano anterior, elaborado conjuntamente pelo Director da Estação e pelo Chefe de Redacção.
12. O cumprimento deste Estatuto será também objecto de análise numa reunião mensal do Conselho de Administração com o Director da Estação, de maneira a obter-se constantemente a maior proximidade possível entre os princípios definidos e a sua prática.

12 Trata-se do primeiro e único, até agora, Estatuto Editorial aprovado pela Direcção da TSF. O Estatuto Editorial da TSF não se encontra disponível online, este foi retirado integralmente do livro do jornalista João Paulo Meneses, Tudo o que se Passa passa na TSF...Para um "Livro de Estilo", 2003

13 Como entidade jurídica a "TSF-Rádio Jornal" já não existe, tendo sido substituída pela "TSF Rádio Notícias"

Anexo IV

Diário de Notícias

Ficha Técnica

DIREÇÃO: Diretor: João Marcelino; Diretora Adjunta: Filomena Martins

Sub-directores: Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Saraiva e Pedro Tadeu

REDAÇÃO:

Redator principal: Ferreira Fernandes

Director de Arte: Paulo Freitas

Editores executivos adjuntos: Ana Mafalda Inácio (Sociedade), Artur Cassiano (Política), Gonçalo Pereira (Segurança), Helena Tecedeiro (Digital/Artes/Globo), Nuno Galopim (Quociente de Inteligência), Pedro Sequeira (Sport)

Política: Paula Sá (editora) e João Pedro Henriques (editor adjunto)

País/Sociedade: Pedro Vilela Marques (editor) e Marina Almeida (editora adjunta)

País/Segurança: Carlos Ferro (editor), David Mandim (editor adjunto)

Digital/Artes/Globo: Ricardo Simões Ferreira e Patrícia Viegas (editores)

Sport: Nuno Fernandes (editor), Rui Frias e Bruno Pires (editores adjuntos)

Grandes repórteres: Céu Neves, Eurico de Barros, Fernanda Cância e João Céu e Silva

Departamento de Arte: Vítor Higgs (diretor adjunto), Eva Almeida e Marta Rocha (coordenadores)

Infografia: Cristina Santos (coordenadora)

Fecho de Edição: João Galamba Pinto (editor)

Secretaria de Redacção: Carla Silva Lopes e Susana Alves

Notícias Magazine: Catarina Carvalho (diretora executiva), Paulo Farinha (editor executivo)

Notícias TV: Nuno Azinheira (editor executivo)

Conselho de Redacção: Ana Bela Ferreira, Carlos Rodrigues Lima, Filipa Ambrósio de Sousa, Miguel Marujo, Patrícia Jesus, Rui Marques Simões, Rui Pedro Antunes

Anexo V

Estatuto Editorial Diário de Notícias e Notícias Sábado

Estatuto Editorial do DN

Nos termos da legislação em vigor, publicamos na íntegra o Estatuto Editorial do *Diário de Notícias*:

1. O DN é um jornal centenário, ao serviço do País, que tem como principal objectivo assegurar ao leitor o direito a ser informado com verdade, rigor e isenção;

2. O DN constitui, sem prejuízo da sua vivacidade jornalística, um traço de união entre todos os portugueses, independentemente das suas opiniões políticas ou crenças religiosas, desempenhando um papel moderador dos conflitos que se manifestam na sociedade portuguesa;

3. O DN concilia a sua vocação de órgão de grande informação com o seu papel tradicional de jornal de referência com responsabilidades na formação da opinião pública;

4. O DN respeita o normativo da Constituição da República, segundo o qual o exercício dos direitos de liberdade de expressão e informação "não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura", entendendo-se por censura a sonação ilícita de informações, por razões políticas ou outras, e não a necessária e legítima selecção de notícias e artigos de opinião.

5. O DN assegura, nas suas páginas, a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião existentes no País, mas não esquece que o bom jornalismo se faz com o trabalho dos jornalistas e dos colaboradores dos jornais;

6. O DN verifica, escrupulosamente, as fontes noticiosas utilizadas e procura identificá-las com precisão, reservando-se o direito de analisar, caso a caso, as circunstâncias excepcionais que possam justificar o recurso, nos termos da lei, à respectiva confidencialidade, constituindo-se o jornal em garante da sua autenticidade;

7. O DN estabelece, rigorosamente, a distinção entre notícias e comentários, na base do princípio de que "os factos são sagrados, os comentários são livres", sem prejuízo da necessidade de ordenar, relacionar e explicar os acontecimentos relatados;

8. O DN assume a responsabilidade de emitir opinião própria, através de editoriais sempre de acordo com uma linha que se define pelas seguintes características:

– liberdade crítica e autonomia em relação a quaisquer entidades ou forças políticas, económicas ou de outra natureza;

– vinculação aos princípios democráticos nos domínios político, económico, social e cultural;

– respeito pelas normas consagradas na Constituição da República e na Declaração Universal dos Direitos do Homem;

– defesa dos valores culturais próprios do quadro nacional português, sem prejuízo do reconhecimento dos particularismos regionais e locais;

– rejeição sistemática da intolerância política ou religiosa, e da segregação racista;

– defesa de uma perspectiva de desenvolvimento económico e justiça social para a sociedade portuguesa, tendo em vista a correcção das desigualdades mais flagrantes entre pessoas, grupos sociais e regiões;

– combate e denúncia das violações dos direitos fundamentais do homem universalmente consagrados;

9. O DN hierarquiza o seu noticiário segundo critérios de natureza jornalística, procurando avaliar a sua importância relativa, com a objectividade possível, e não consoante apriorismos ideológicos;

10. O DN preza um conceito de seriedade jornalística e não cede ao apelo fácil do sensacionalismo, que procede através do empolamento do escândalo político, do crime e do sexo, apesar de ter perfeitamente conhecimento dos benefícios possíveis em termos de mercado de leitura;

11. O DN rejeita o jornalismo do tipo confidencial, que não hesita perante a devassa à intimidade da vida privada dos cidadãos, do mesmo modo que se recusa a conduzir campanhas com o objectivo de denegrir a reputação de pessoas ou instituições;

12. O DN consagra particular atenção, na linha que lhe é tradicional, ao noticiário e à divulgação cultural, e procura manter as colunas abertas à colaboração das personalidades de maior relevo da cultura portuguesa;

13. O DN garante aos seus profissionais de jornalismo o pleno respeito dos princípios éticos da imprensa consagrados pelo Estatuto do Jornalista e no Código Deontológico da profissão, e reconhece a importância da acção do Conselho de Redacção para a respectiva salvaguarda;

14. O DN segue a orientação definida, nos termos da Lei de Imprensa, pelo seu director e por este Estatuto Editorial, tendo como limites os princípios consagrados na Constituição. ■



A primeira página do primeiro DN:
29 Dezembro de 1864

Anexo VI

CÓDIGO DEONTOLÓGICO DO JORNALISTA

Aprovado em 4 de maio de 1993, em assembleia-geral do Sindicato dos Jornalistas

1. O jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade. Os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso. A distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público.
2. O jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como graves faltas profissionais.
3. O jornalista deve lutar contra as restrições no acesso às fontes de informação e as tentativas de limitar a liberdade de expressão e o direito de informar. É obrigação do jornalista divulgar as ofensas a estes direitos.
4. O jornalista deve utilizar meios leais para obter informações, imagens ou documentos e proibir-se de abusar da boa-fé de quem quer que seja. A identificação como jornalista é a regra e outros processos só podem justificar-se por razões de incontestável interesse público.
5. O jornalista deve assumir a responsabilidade por todos os seus trabalhos e atos profissionais, assim como promover a pronta retificação das informações que se revelem inexata ou falsas. O jornalista deve também recusar atos que violentem a sua consciência.
6. O jornalista deve usar como critério fundamental a identificação das fontes. O jornalista não deve revelar, mesmo em juízo, as suas fontes confidenciais de informação, nem desprezar os compromissos assumidos, exceto se o tentarem usar para canalizar informações falsas. As opiniões devem ser sempre atribuídas.
7. O jornalista deve salvaguardar a presunção de inocência dos arguidos até a sentença transitar em julgado. O jornalista não deve identificar, direta ou indiretamente, as vítimas de crimes sexuais e os delinquentes menores de idade, assim como deve proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor.
8. O jornalista deve rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função da cor, raça, credos, nacionalidade ou sexo.
9. O jornalista deve respeitar a privacidade dos cidadãos exceto quando estiver em causa o interesse público ou a conduta do indivíduo contradiga, manifestamente, valores e princípios que publicamente defende. O jornalista obriga-se, antes de recolher declarações e imagens, a atender às condições de serenidade, liberdade e responsabilidade das pessoas envolvidas.
10. O jornalista deve recusar funções, tarefas e benefícios suscetíveis de comprometer o seu estatuto de independência e a sua integridade profissional. O jornalista não deve valer-se da sua condição profissional para noticiar assuntos em que tenha interesse.

Notícias

Anexo VII

Diário de Notícias | Brasil

Amazónia, o 'pulmão do mundo', é também o paraíso que mais polui»

por VANESSA RODRIGUES, 24 janeiro 2010

As termoeléctricas emitem por ano seis milhões de toneladas de dióxido de carbono

Se não se ouvisse este barulho, ensurdecador e contínuo, de um motor que parece querer roncar, mas não chega a fazê-lo, a comunidade Novo Céu, a cinco horas de Manaus, estaria no breu, quando a noite cai. São dois geradores a funcionar o dia todo, a desafiar a lei do ruído, que saem da termoeléctrica para garantir que haverá televisão, frigorífico e luz em todas as casas, por ali, durante todo o dia.

Para as centenas de famílias que ali vivem, a luz trouxe "o progresso", a cerveja "gelada", os congelados e, sobretudo, a telenovela. Há, ainda, centenas de outras comunidades, algumas a dias de viagem das cidades mais próximas, ao longo da Amazónia, que, ou racionam a energia dos geradores ou nem sequer sabem o que é ter luz.

Só que a conta ambiental que se paga pela electricidade na região, vinda das termoeléctricas, é demasiado alta para a Amazónia, para o Brasil, e beneficia um propalado aquecimento global: os geradores das termoeléctricas usam gásóleo. Aquele fumo espesso, escuro; aquele cheiro azedo a queimado: mais de seis milhões de toneladas de dióxido de carbono são despejados pelas cerca de 300 centrais termoeléctricas que dão luz a sete estados da Amazónia. São estes números, menos conhecidos, além do desmatamento, que engrossam a conta do Brasil como o quinto maior poluidor do mundo.

A floresta amazónica é considerada um dos "pulmões do mundo", um laboratório de biodiversidade; com características geográficas peculiares, um paraíso ambiental. Só que é, também, uma das regiões mais poluentes, que não produz gásóleo para alimentar as termoeléctricas de que dependem milhares de famílias. Imagine-se um labirinto de rios e afluentes e tem-se uma ideia do que é a Amazónia. Então, como consegue chegar esse derivado de petróleo?

O rio Amazonas é rio-mar, extenso, profundo, por isso, mensalmente, conseguem atracar, em Manaus, pelo menos cinco petroleiros carregados de 180 milhões de litros de gásóleo para as abastecer. De onde vêm? Percorrem mais de seis mil quilómetros, em 15 dias (na melhor das hipóteses porque a oscilação de cheias e secas dos rios pode tornar a viagem num périplo desgastante) do Sudeste brasileiro até Manaus, numa operação que custa cerca de quatro milhões de euros, por mês. Às vezes, também, é importado da Venezuela, Coreia do Sul, Índia e EUA.

De Manaus, o petróleo segue para outras regiões em camiões e barcos. Há trajectos pesados e morosos, como o que vai até Cruzeiro do Sul, no Acre, em 25 dias, e que tem mais quatro mil quilómetros de viagem de barco pelos rios sinuosos da região. As condições chegam a ser adversas e contraproducentes: dependendo do destino do petróleo pode chegar a gastar-se dois litros de combustível para transportar cada litro que vai alimentar a termoeléctrica. A viagem é longa, cara, criou já uma dependência e a maioria dos moradores da Amazónia precisa racionar a energia, por si também, onerosa, para ter luz o mês todo.

Só que se não for o barulho ensurdecador do gerador, com esse cheiro a gásóleo queimado, não haverá luz na Amazónia. Dizem os especialistas que é "difícil" mudar o cenário. A densa floresta galgada por rios muito largos torna "impossível" instalar linhas de distribuição; há pouco vento para eólicas e os projectos de energia solar, a energia limpa mais viável para a região, não saem do papel.

Anexo VIII

Escândalo

Corrupção e impunidade abalam o Senado brasileiro¹⁵

por Vanessa Rodrigues, São Paulo 05 julho 2009

Denúncias trazem à tona vícios da política e mostram como o Governo receia perder um dos principais aliados para as eleições de 2010

Nada de novo, dizem os cientistas políticos sobre o último escândalo no Senado brasileiro, que envolve directamente o seu líder, José Sarney, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). O Presidente Lula da Silva tem feito de tudo para que este não seja afastado, irritando o seu próprio Partido dos Trabalhadores (PT) e testando a paciência da oposição.

O caso envolve 663 "actos secretos" de corrupção e ilegalidades na gestão desse órgão público entre 1995 e 2009. Depois, abre velhas feridas da crise institucional que endurece o "descrédito" nos representantes políticos brasileiros, diz Karen Fernandez, cientista política em São Paulo.

O escândalo no Senado tem vindo a agravar-se desde Fevereiro, com uma crise ética, manchando a instituição com o espectro da "promiscuidade" para servir interesses privados.

Depois, Sarney, que aparece mencionado nesses "actos secretos" com supostas benesses familiares, já ganhou as eleições "fragilizado numa disputa pelo controlo da presidência contra o PT", diz Fabiano Angélico, da organização não governamental Transparência Brasil, que investiga casos de corrupção na política brasileira.

Foi, portanto, "a velha luta política de partidos pelo poder" que originou uma onda de revelações sobre os "vícios" da casa, trazendo à tona "pagamentos de horas extraordinárias, criação de cargos de direcção, uso indevido de imóveis da função pública por directores e má utilização de verbas de indemnizações".

A lista é extensa. Para juntar ao rol, Sarney terá, supostamente, ocultado da justiça eleitoral uma casa particular avaliada em quatro milhões de reais - o equivalente a 1,3 milhões de euros. Sarney tem-se defendido das acusações e já demitiu os directores por "irregulares".

Ao DN, Fabiano Angélico revela que "casos de uso indevido do dinheiro público no Senado são comentados há anos". Um estudo da Transparência Brasil demonstra que "o mandato de um senador custa, por ano, mais de 30 milhões de reais", dez milhões de euros.

"É um absurdo! O Senado é muito pouco transparente." E, neste caso, o que está em causa, realça Fabiano, é uma "evidente disputa política pela presidência do Senado" e uma "luta antecipada pelas eleições presidenciais de 2010, pois a oposição quer dificultar a vida de Lula no Congresso".

Fabiano Angélico fala em "impunidade" dos políticos brasileiros, alimentada pelo "mau funcionamento do sistema judicial no Brasil", e diz que, apesar de paradoxal, "as consequências deste caso são positivas". Isto porque "revela que a sociedade está a participar mais".

Na mira da opinião pública

O escândalo coloca o Senado numa situação delicada. A opinião pública fala em "clubes restritos de amigos", já que as denúncias revelam que todo o sistema estaria envolvido, num "pacto de silêncio".

Na Internet, nos blogues, no Twitter e também na rede social Facebook escreve-se: "Fora, Sarney! Basta de farra às nossas custas! Vamos provar que a nossa geração não tolera a falta de carácter e incompetência dos nossos administradores públicos."

É que a crise estrutural no Senado arrasta-se desde 2007, com as "denúncias de corrupção do então presidente do Senado, Renan Calheiros (membro do PMDB)", recorda Fernandez.

15 <http://goo.gl/gQLoZr>

No fim de Abril deste ano, outras denúncias envergonharam esse órgão público: a utilização pessoal de passagens aéreas por senadores e deputados para familiares.

Durante a última semana, Sarney aguentou-se numa fina corda bamba: foi destaque nas primeiras páginas dos jornais, foi defendido por Lula e Dilma Rousseff (chefe da Casa Civil, que a doença pode afastar das presidenciais do próximo ano), e segurou-se num impasse de pressão psicológica sobre se deveria ficar ou afastar-se. Para Lula, Sarney está a ser alvo de "uma campanha pessoal" e a hipótese de afastamento não deve sequer ser cogitada.

É que ele é um "forte aliado do Presidente", analisa ainda Fabiano. "O PT retirou o apoio a Sarney, mas para Lula da Silva seria melhor que ele ficasse no cargo. Se o vice-presidente do Senado, Marconi Perillo, da oposição (é membro do Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB), assumisse o Senado, dificultaria a vida do Governo nos próximos meses até ao fim da legislatura

Anexo IX

Diário de Notícias | Globo | Movimento dos Sem-Terra

"Preferimos morrer a desistir de lutar pelo direito à terra"¹⁶

por VANESSA RODRIGUES, em Marabá 22 novembro 2009

A desconfiança reina na sede do MST em Marabá. Talvez porque muitos "companheiros" vivam sob ameaça de morte

A polêmica estrada trans-amazônica, que corta a cidade de Marabá, no Sudeste do Pará, no Brasil, passa em frente ao hotel Porto Bello. Em redor, bombas de gasolina, mecânicos, terra cor de cobre, alagada e malcheirosa, como se estivesse há muito com as feridas abertas, em putrefação. É uma região "perigosa", "tensa", que leva o apelido de "Marabala", por ser "terra de pistoleiros", ainda.

São 09.00 e Giselda, do Movimento dos Sem-Terra (MST), ainda não devolveu a chamada do dia anterior. Dois dias depois viria a autorização para conhecer o trabalho e a "luta" social do MST "pela terra", no Acampamento João Canuto, a três horas de viagem pela precária estrada PA-150, mais a sul.

Há um clima de desconfiança na sede do MST. Palavras breves e a pergunta constante: "Está a gravar?" Giselda tem razões para desconfiar. Alguns membros do MST vivem sob ameaça de morte. Ela já viu "muitos companheiros" assassinados. "Os responsáveis continuam impunes", diz, como quem diz que continuam à solta para continuar a matar. Depois, o MST tem "fama de corrupto", "violento" e "perigoso", sobretudo porque "ocupa" grandes fazendas, apropriadas "ilicitamente".

Para Mercedes Queiroz, de 27 anos, responsável pela coordenação estadual do MST, é uma "imagem construída" pela "imprensa burguesa". "Reivindicamos um direito garantido pela Constituição: a terra. E somos oprimidos por fazer cumprir a lei."

A semana passada, por exemplo, integrantes do MST de Marabá foram "acusados" de terem destruído plantações na fazenda de Daniel Dantas, um famoso banqueiro brasileiro. O cenário de "opressão" a membros do MST, ressalva Mercedes, repete-se "constantemente", por todo o Brasil. Mas nesta região o conflito pela terra é ainda "mais intenso". Para Mercedes, as autoridades "fecham os olhos". Mais do que "a luta pela terra", completa, o MST reivindica uma "reforma agrária popular".

O que isso significa? "É a transformação da sociedade a partir de uma reforma agrária." É essa a "luta" do "Índio", como é conhecido no Acampamento João Canuto. Magro, moreno, com rugas ao redor dos olhos, ele não muda o tom de voz, cerimonioso e seco para contar como "quase" morreu com seis balas no corpo.

Em Abril, ele e outros "companheiros" foram apanhados numa "armadilha" na Fazenda Espírito Santo, do Daniel Dantas. "Os jagunços [capangas] da fazenda", conta, "fizeram alguns companheiros nossos reféns e disseram que queriam conversar connosco", conta. Ele e "outros" foram "em marcha" até à Fazenda. Quando chegaram, "um canal de televisão" estava lá. "Ouvimos o gerente da Fazenda dar ordem para atirar e começaram a chover balas. Não tivemos forma de nos defender. As nossas únicas armas são a foice para trabalhar a terra", desabafa. A maioria dos seus companheiros morreu no "massacre".

O Índio foi "salvo" por um jornalista desse canal. "Ele disse ao pistoleiro que queria falar comigo. Deve ter tido remorsos e pediu para me socorrerem." Ele diz que quer "conquistar" a terra "pela paz". "Preferimos morrer a desistir de lutar por esse direito."

16 <http://goo.gl/N2IJ4X>

Anexo X

Notícias Sábado – Reportagem a enviada Fevereiro 2009 e não publicada

O Carnaval do Rio está à venda? Na rua tem preço de saldo

Há sambas-enredos impostos por patrocinadores a servirem de temas, negócio de milhões, fantasias turísticas para desfilar, e a Globo a impor refrões. Lado B: por trás do pano mediático há a geografia do Carnaval de rua e, este ano, a classe média sobe às favelas pacificadas

Por Vanessa Rodrigues

Antecipamos-lhe os próximos dias de Carnaval, caso ligue a televisão: primeiro ouve retumbantes e aceleradas batucadas, confetes coloridos como se fossem chuva abundante, milhares de pessoas aos saltos, com pé no samba; mulheres de corpos generosos, em panos reduzidos, sedutores. Haverá lágrimas, plumas e lantejoulas, carros alegóricos, imponentes, e suor a escorrer dos rostos quando a câmara chegar aos grandes planos. Aí saberá: está no coração da mítica Avenida Sapucaí, o sambódromo, que se transformou no templo sagrado do Carnaval carioca, cartão-postal do Brasil. Pelo menos, aquele que se fez cliché, e que entra em casa pela televisão, para todo o globo, como síntese da maior, e mais cara, festa brasileira. “Mas esse é o Carnaval do Rio encenado, que protagoniza um Carnaval comercial e que tem desgastado a essência da verdadeira festa”, diz à NS o carioca Cláudio Renato, que recorda o tempo em que a festa era só na rua, nos bairros, e ao som das “marchinhas” como “Sassaricando”. “O Carnaval da Sapucaí é um negócio, empolado pelos média, ao nível empresarial, onde tudo se vende”. Lógica mercantilista, contrapõe Cláudio, em relação ao Carnaval que começou a ser resgatado nos últimos dez anos, organizado em blocos de rua. São grupos mascarados, com enredos especiais e nomes engraçados, como “Suvaco de Cristo”, e que lotam a cidade com programação específica, durante toda a semana, até ao dia oficial. E este ano, pela primeira vez em muitos anos, a classe média vai subir os morros das favelas pacificadas pela polícia militar, através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Estratégia que começou há dois anos pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro para preparar terreno: o Mundial de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016. Como por exemplo, no recém-pacificado Complexo do Alemão, conhecido reduto do crime organizado. “Há uns meses se me dissessem que a classe média poderia subir ao Alemão, sem problema, para a feijoada de Carnaval e roda de samba eu diria que era piada”, lembra o fotógrafo Leonardo Dias, que vai lá passar a festa.

Sambando no negócio

São diferentes coordenadas da geografia carnavalesca da cidade, mais conhecida pelos desfiles majestosos das Escolas no Sambódromo, em competição pelo melhor samba-enredo. Durante todo o ano as maiores como a Portela, Mangueira, Grande Rio, Beija-Flor e Mocidade Independente de Padre Miguel, entre outras, preparam com altos picos de nervosismo e stress os 30 minutos em que têm de convencer o júri que são os melhores. Organizam-se em várias alas com centenas de participantes, convidam famosos - cuja maioria só aparece no dia de desfile - para dar visibilidade à Escola e, durante o ano, andam à cata de patrocinadores de peso. Só a Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA) dá em torno de três milhões, cerca de 1,3 milhões de euros.

Segundo Noca, da Portela, de 72 anos, e mais de 40 em Carnaval, “uma escola de samba precisa de, no mínimo, quatro milhões de reais [cerca de 1,7 milhões de euros] para desfilar e fazer um Carnaval bonito”.

Nos últimos anos, essa assumida promiscuidade entre Escolas de Samba, patronos e lógica de mercado tem gerado polémica.

Muitos patrocinadores foram já protagonistas dos sambas-enredo; as fantasias, caras, atraem turistas do mundo inteiro, a Rede Globo já impôs motes para as canções (como aconteceu o ano passado com a Escola de São Paulo, Rosas de Ouro, com a propaganda da “Cacau Show” no refrão). Também a política entrou já em cena: a Portela exaltou o governo Lula; a Beija-Flor recebeu dinheiro de Brasília, o ano passado, para contar a história da cidade, e acabou envolvida no escândalo do mensalão dos Democratas.

O Carnaval está, então, à venda? “O patrocínio é um mal que é para o bem. Não tem outra saída”, defende Hirani Araújo, historiador da LIESA. Exemplos: a Grande Rio gritou num mesmo samba: “Lá em nosso ninho tem amor especial” e “Moça o teu doce é saboroso”, anunciando os Leites Ninho e Moça da Nestlé.

Fala-se, então, em “perda de autonomia das escolas de samba”, mesmo porque os desfiles, pela quantidade de participantes, “já se transformou mais numa caminhada do que um cortejo de samba”, diz Cláudio Renato, que já cobriu, como jornalista, mais de vinte carnavais.

Mas o júri não gosta dessa “promiscuidade” e costuma penalizar. E, o ano passado, blindou-se o regulamento de desfile, proibindo as manifestações directas de patrocinadores. Envereda-se, assim, pela subtileza: as parcerias. Este ano por exemplo, a Mocidade, patrocinada pela Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária (CNA), agarrou o tema rural: “Parábola dos Divinos Semeadores”. A CNA é presidida pela senadora Kátia Abreu, política polémica do lobby latifundiário e apelidada de Miss Desmatamento. Sobre a questão, a revista brasileira “Caros Amigos” escreve na edição de Junho de 2010: “Desde já fica a dúvida quanto à abrangência do desfile da Padre Miguel”.

A mesma ideia liga-se a episódios como o de automóveis da Honda sobre o carro alegórico da Mocidade, o ano passado, ou mesmo máquinas de lavar da patrocinadora Elecrolux, numa alusão à crítica de lavagem de dinheiro. O tema foi, coincidentemente, “Paraíso do Consumo”. Ou seja, as escolas de samba, adaptam os enredos e o cenário aos patrocinadores.

Cidade do Samba em alvoroço

Se por esta altura a grande festa já é notícia, este ano, a dose reforçou-se: as altas chamadas ameaçaram boicotar o Carnaval. No início do mês, a assessoria de imprensa da Portela entupiu os e-mails dos jornalistas para dar conta dos estragos do incêndio que consumiu alguns barracões na Cidade do Samba, onde as escolas guardam os cenários, figurinos e material do desfile. Houve risco de várias não desfilar, mas três milhões de reais extra, cerca de 1,3 milhões de euros, saíram dos cofres dos principais patrocinadores como salvação da honra: Bradesco, Nestlé, Procter & Gamble, SchinCariol, Supermercados Guanabara e Tim. Só a Grande Rio, com 98% do trabalho perdido, recebeu 1,5 milhão de reais, cerca de 660 mil euros. “Isso só prova o peso e a importância que o desfile das escolas de Samba têm para a cidade, como factor síntese de uma apoteose que tem de acontecer, independentemente de tudo”, dá conta Clarice Silveira, que já desfilou pela Portela.

Esta semana, a assessoria da Portela voltava a invadir os e-mails: “Ainda tem fantasias das alas comerciais à venda”. Destaque: “Mesmo perdendo fantasias no barracão, após o incêndio na Cidade do Samba, a Portela tem quatro alas com vagas para foliões. A 'Ala da Paz 1' tem 20 fantasias de centuriões romanos, enquanto a 'Ala da Paz 2' tem 30 de Guerreiros Gregos à venda, ambas por R\$ 600”. Por 270 euros, qualquer um de nós ainda pode desfilar, fantasiado pelo samba-enredo, numa das maiores escolas de samba.

Esse é, aliás, outro dos negócios rentáveis da folia que atrai, todos os anos, milhares de turistas. Uma realidade, aliás, longe da essência das escolas de samba, que começaram a aparecer entre 1910 e 1920, participando em pequenas competições com os blocos de rua. “Não tinham intenção competitiva. Eram pura brincadeira”, resgata da memória Cláudio Renato, que também tem

um blogue sobre história do samba e bossa nova.

Se formos mais longe à procura da “essência” carnavalesca, encontramos referência a folias, feitas por ex-escravos, com batucadas da tradição africana, conforme refere no livro “Carnaval e Samba na cidade de São Paulo”, Maria Aparecida Urbano. E com a presença colonial portuguesa, o Brasil começou a celebrar o Entrudo de forma violenta: as brincadeiras incluíam atirar pó, ovos, e outros líquidos uns aos outros. A burguesia brasileira quis livrar-se do passado e começou a celebrar a festa à maneira parisiense com máscaras e carruagens.

Carnaval pacificado

Mas se a marca oficial do Carnaval carioca é o de um produto capitalista, que se afastou do genuíno, este ano houve um movimento diferente. Mesmo a Mangueira, que é conhecida pelos sambas-enredos comerciais, desta vez sem patrocínio, vai homenagear o conhecido sambista Nelson Cavaquinho.

A carioca da gema Ana Paula Nogueira, 36 anos, que já desfilou pela Mangueira, acha que “já está batida essa noção” do Carnaval comercial. Que não interessa. Propõe, então, um outro foco sobre o tema, “mostrando que ainda é possível pular Carnaval com pouco dinheiro e que a festa popular ainda resiste, graças à criatividade e ao espírito carnavalesco do povo”. Acrescenta que “mesmo do lado de fora do sambódromo tem o Tereirão, um lugar só de povão, mas que já é uma das melhores rodas de samba”. O ressurgimento dos blocos de rua, nos últimos dez anos aliviou o bolso dos que queriam comemorar o dia do “adeus à carne” (pela tradição católica) sem o luxo imposto pelas Escolas de Samba e, por isso, “houve uma rebelião silenciosa”, sintetiza Cláudio Renato. “As classes médias e populares perceberam que, com 30 reais por dia [13 euros] poderiam fazer a festa”. Ou seja, perambular pela cidade, improvisando, levando a própria bebida, ouvir sambar e dançar, “redescobrimo as ruas nesse território da alma carioca.”

O mesmo está a acontecer nas favelas pacificadas pelas UPP. Os morros cariocas, berço do samba, entraram no circuito da classe média do Rio. Alguns jovens da zona sul (Leblon, Copacabana, Ipanema) vão já, uma vez por semana, ao morro Dona Marta, à roda de samba organizada pelo bloco “Spanta Neném”.

Este ano, muitos foram ao ensaio técnico da escola Imperatriz Leopoldinense no Complexo do Alemão, sob os olhos atentos dos militares, que marcam o ponto na área, ainda no rescaldo da ocupação de Novembro, que reconquistou território ao crime organizado. A escola abriu o ensaio com o samba-enredo “Liberdade, Liberdade”, que deu a vitória à Imperatriz em 1989 e cujo tema se tornou o hino do Complexo do Alemão.

Para Cláudia Trindade, que faz parte da organização do bloco “Bagunça meu coreto”, a burocratização dos blocos mostra a importância que esses grupos têm assumido nas ruas da cidade, para organização da “bagunça”. Mas podem surgir alguns espontâneos, entre amigos, que mostram o lado “gratuito” da festa, se desmarcando da Sapucaí. “É importante que você diga em Portugal que esse Carnaval da televisão, onde tudo parece que é mercadoria, é falso, anda esmorecendo e que, na rua tem preço de saldo.”

Anexo XI

Diário de Notícias | Globo | Rio de Janeiro

Vencida batalha mas não a guerra¹⁷ por VANESSA RODRIGUES, 30 novembro 2010



Complexo do Alemão, onde polícia e militares concentraram forças, equivale a 300 campos de futebol

No último domingo à noite no Leblon, bairro nobre na zona sul do Rio de Janeiro, enquanto explorava via iPhone a geografia do Complexo do Alemão, na zona norte, pelo Googlemaps, um rapaz espantava-se entre amigos: "Gente, olha só o tamanho deste negócio, é uma cidade autêntica. Representa uma grande parte do Rio. Como é que a polícia consegue controlar uma área assim?"

Ele não exagerava na surpresa. O Complexo do Alemão, onde a polícia e militares concentraram as forças nos últimos dias, para forçar os criminosos à rendição, tem o tamanho de cerca de 300 campos de futebol. Estão ali concentrados mais de 400 mil moradores que é impossível contabilizar com rigor. Todos os meses, surgem novas casas ilegais.

Vista de cima, a região, situada na zona norte, parece um puzzle de cimento e tijolo. Um formigueiro de casas. Treze favelas. O bairro foi construído sobre a serra da Misericórdia, formada de morros e nascentes, hoje quase destruída pela construção do Complexo.

A dimensão não permite que a polícia possa fazer, por agora, um balanço da operação das forças de segurança. Casas continuam a ser vasculhadas. Equipamento, droga e armas continuam a ser apreendidos. Criminosos continuam foragidos. "Vamos ficar no Complexo do Alemão por tempo indeterminado, a área vai permanecer policiada", afirmou, num balanço da operação árdua de domingo, o secretário de segurança do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame.

Uma reconquista de território que estava há 30 anos sob o jugo do crime organizado. "Venceu-se uma difícil batalha, mas não se venceu a guerra", reconhecia Beltrame, salientando que o Alemão era o "coração do mal". Isto é, o quartel-general do tráfico, do crime organizado, do Comando Vermelho, por isso uma bomba pronta a explodir a qualquer momento no quotidiano da antiga capital do Brasil.

Não se pensava que se poderia dominar a região tão cedo. Com o Mundial de Futebol em 2014, no Brasil, e os Jogos Olímpicos em 2016, no Rio, a estratégia de reconquistar o Complexo estava já traçada. Mas ainda não havia data marcada. Assim se vira uma página na história da violência do Rio. Mais uma bandeira branca pela paz, seguindo a política de segurança pública de há dois anos, com a instalação, em seis meses, de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no Complexo do Alemão, conforme garantiu o governador do Rio, Sérgio Cabral. Trata-se de um contingente de homens armados da Polícia Militar que, além de vigiarem e manterem a segurança da comunidade, promovem projectos sociais, tal como aconteceu na favela Cidade de Deus, hoje pacificada, e, por exemplo, também, no Morro da Providência. "Hoje, a população procura-nos para pedir conselhos. Organizamos bailes e partidas de futebol, além do apoio social, com indicações de cursos e acesso ao primeiro emprego", explica ao DN Glauco Schorcht, comandante nessa UPP. Desde que a polícia tomou conta do Complexo, o centro social da área foi reactivado, fechado há anos, e resgata-se a esperança de se acabar com o tráfico no Rio.

17 <http://goo.gl/ffZU1E>

Anexo XII

Diário de Notícias | Globo | Rio de Janeiro¹⁸

O lado B da operação policial no Complexo do Alemão

por VANESSA RODRIGUES, no Rio de Janeiro 08 dezembro 2010



No Rio de Janeiro teme-se que criminosos voltem às ruas após ocupação das favelas.

Quando o som do helicóptero se aproximou da orla carioca, as cabeças ergueram-se algo receosas. Mais confrontos? Na semana passada a cidade ainda vivia o rescaldo das acções policiais e militares na região norte do Rio de Janeiro, que libertaram as comunidades do Complexo do Alemão do jugo do crime organizado. Por que motivo, então, aquela máquina voava tão baixo na praia, agitando as ondas do mar? No céu, um militar saudava os banhistas, como quem diz: "Vencemos!"

Na praia, sob um calor infernal, conversas sobre os meandros que não chegaram à imprensa, mais preocupada com o cerco militar. O lado B da operação das forças de segurança no Rio. Diálogos soltos, sotaque carioca, muita gíria.

"Você está sabendo, mané, que houve traficantes que fugiram na cara da polícia lá do Complexo? Tem um amigo meu que fugiu disfarçado de polícia e saiu de ônibus aqui na zona sul, tranquilamente." Conversas depois do banho no mar agitado pelo helicóptero. "Sei, cara. Mas teve muito traficante que fugiu com a ajuda da polícia. Um deles mora no meu prédio e fazia uns serviços para o tráfico. Deram um Toyota Corolla para ele. Maneiro! E até chegar o BOPE, muitos polícias limpavam tudo."

Decorrem investigações para apurar as denúncias: polícias militares terão ajudado criminosos a fugir em troca de subornos. Marcelo Freixo, o deputado no Rio do Partido Socialismo e Liberdade (Pasol), jurado de morte pela máfia depois de ter encabeçado a comissão de inquérito parlamentar contra as milícias, envolvendo políticos, polícias e funcionários públicos, legitima ao DN esses diálogos.

"As milícias são uma das bases do crime organizado no Brasil e o seu braço económico não esmorece nas comunidades carentes. São currais eleitorais. Por isso é que o problema da violência no Rio não é tão simples assim." Traduzindo, as últimas operações continuam a ser a gota de água que agitam o vasto oceano de poder paralelo. As fronteiras, de onde vêm as armas, precisam de um maior controlo. As classes média e média alta alimentam o negócio da droga.

Outro lado B: depois da operação, muitos moradores denunciaram a força bruta, violação de direitos fundamentais e extorsão de dinheiro pela polícia. A varredura da máfia carioca.

Na mesma praia, receios. "E agora, o que vai ser dos traficantes que fugiram do Complexo?", questiona Ana Bastos, que mora no Rio há dez anos. "O tráfico dava trabalho a mais de 16 mil homens. Agora, expulsos da base, onde eles vão ter dinheiro? Com certeza as ruas vão voltar a ser mais inseguras: arrastões e assaltos." Ao lado, Roberto Landini tem pressa em falar. "Isso aconteceu agora no ônibus. Uma senhora foi assaltada de arma na cabeça. Só percebemos quando o cara saiu. Fazer o quê?"

O receio pulveriza-se pela cidade desde que as Unidades de Polícia Pacificadora se instalaram nalgumas comunidades perigosas. "O crime está crescendo nas cidades em redor do Rio, antes sossegadas", explica Roberto. "Os traficantes tinham de fugir para algum lugar fora do foco de atenção da polícia." Foram para os subúrbios. O taxista Venâncio Sousa já foi assaltado cinco vezes este ano. "A polícia não pensou nas consequências. Não basta ocupar. É preciso cuidar do problema no todo."

18 <http://goo.gl/w5Gda9>

Anexo XIII

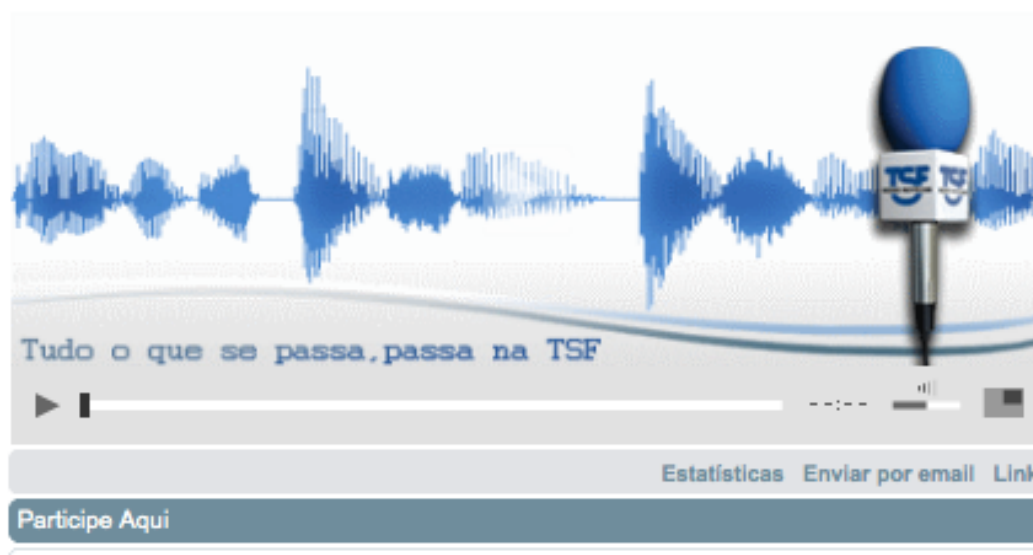
TSF | Amazônia Labirinto Infinito ¹⁹

Reportagem TSF: Labirinto Infinito

22 MAR 12

Ninguém tem dúvidas que, em Setembro, a Floresta Amazônica será escolhida uma das sete maravilhas naturais do mundo. Mas o maior pulmão do planeta não é apenas uma floresta húmida. A repórter Vanessa Rodrigues percorreu durante quatro meses uma selva ameaçada pelo homem, carregada de mitos e de desafios para os exploradores.

«**Labirinto Infinito**» é uma grande reportagem de **Vanessa Rodrigues** com sonoplastia de **Joaquim Dias**.



¹⁹ <http://goo.gl/GBbA7Z>

Anexo XIV

TSF O Lado B do Rio

Reportagem TSFPodcastiTunes

Partilhar Notícia

Share6

Tweet0

inShare0

+1

Gosto14

Patrocínio

Ferramentas

Enviar

Partilhar

Imprimir

Aumentar

Diminuir

Estatísticas
487640 Visualizações
0 Comentários
1187 Envios
182 Impressões

O Lado B do Rio

18 AGO 11

A Reportagem TSF galgou as ruas labirínticas das favelas Cidade de Deus e Morro da Providência, antes asfixiadas pelo crime organizado e hoje com uma Polícia de Paz. Agarrámos a voz de quem dispara desabafos como munição contra o crime e ligámos o microfone à porta da prisão de segurança máxima de Bangu para ouvir as entrelinhas desta cidade-postal. As histórias do submundo implacável do tribunal do tráfico e as confidências de ex-membros do Comando Vermelho, a maior facção criminosa do Rio de Janeiro, revelam uma segunda camada de pele que se insinua na textura do paraíso do samba. **«O Lado B do Rio»** é uma reportagem de Vanessa Rodrigues, com sonoplastia de João Félix Pereira. [Veja também a reportagem multimédia.](#)



Tudo o que se passa, passa na TSF

Anexo XV

Brasil

Criminosos do Rio fogem para São Paulo²⁰

por VANESSA RODRIGUES, 26 dezembro 2010

Primeiro Comando da Capital estará a ajudar membros do Comando Vermelho.

Será que vai rolar alguma rebelião em São Paulo, como aconteceu no Rio?", questionava, receosa, a paulistana Delisiée Marinho, enquanto consultava o Twitter de um amigo com essa informação, via internet no telemóvel, em plena Avenida Paulista. Coração da maior metrópole do Brasil.

Após o fim das operações policiais e militares no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, São Paulo estremeceu. Redes sociais como Facebook e Twitter passaram palavra de que membros do Comando Vermelho (CV) tinham fugido para São Paulo, acolhidos pelo PCC- Primeiro Comando da Capital. É a maior facção criminosa. Em Maio de 2006 espalharam o pânico pela maior metrópole brasileira matando polícias à queima-roupa. Queimaram autocarros. Houve recolher obrigatório.

O temor foi recentemente reforçado nos blogues políticos por Fátima Souza, jornalista e autora do livro PCC, A Facção Criminosa. "Estou recebendo informações de que muitos bandidos do CV, que fugiram do morro do Alemão atravessaram a divisa e estão em São Paulo, onde foram recebidos pelos irmãos do PCC." As duas facções mantêm contacto há mais de oito anos. "Trocamos armas por drogas e, quando a situação fica difícil para alguém do PCC em São Paulo, o CV dá guarida no morro do Alemão, no Rio. E vice-versa."

Depois, a confirmação oficial: uma carta da Secretaria de Segurança Pública, sob o título "Alerta", a que a jornalista teve acesso, resgata uma mensagem veiculada por um membro do CV na rede social brasileira Orkut. Erros ortográficos e abreviaturas, atenuados pelo DN na transcrição: "Aí prà geral, como vocês estão vendo aí na TV ou vendo ao vivo mesmo o bang tá louco, a guerra começou. O Comando vai atacar com tudo. E estamos aqui para avisar que não vai acabar por aqui. Conseguimos mandar alguns membros da nossa facção para São Paulo. Brevemente eles estarão entrando em contacto com os irmãos do PCC para começarmos a fazer nossa rebelião aí em São Paulo. Vamos expandir geral a pedido do nosso líder e de alguns membros da nossa facção que estão em Sampa."

20 <http://goo.gl/ObLbfH>

Anexo XVI

Brasil

Portugueses no Rio de Janeiro preocupados mas sem medo²¹

por VANESSA RODRIGUES (Rio de Janeiro) 28 novembro 2010

Violência dos últimos dias não levou a que turistas e residentes alterassem rotina. Polícia militar fez ultimato a traficantes entrincheirados nas favelas do Complexo do Alemão

O sol não tem sido generoso com o Rio de Janeiro, nublado pelo temperamento meteorológico, e turvado pelo confronto entre as forças militares e o crime organizado.

Ao mesmo tempo que a zona norte viveu os últimos dias num inferno de tensão, ao som de balas e tanques estrondosos, na zona sul, nas turísticas orlas do Leblon, Ipanema e Copacabana, a melodia é outra.

Passos apressados no calçadão na caminhada matinal, corpos dourados, surfistas a cavalgar ondas, homens de calções-cueca a jogar voleibol, quiosques recheados de turistas com água de coco e cerveja na mão, piropos, lula à dorê na esplanada, máquinas fotográficas a imortalizar os morros da Cidade Maravilhosa, ao longe, e o verde-mar a chamar para o banho. E ontem o sol veio.

Desmistificamos: há um Rio de Janeiro que segue a rotina, apesar dos conflitos. "O Rio é uma cidade dividida e, às vezes, situações como estas acontecem, mas não podemos pensar que estamos barricados em casa, seguimos a vida normal", desdramatiza ao DN a escritora portuguesa Mónica Marques, autora de "Para Interromper o Amor" (Quetzal), que mora na cidade maravilhosa há dez anos.

Enquanto falava, ia reforçando a ideia, um pouco incomodada com a tendência da imprensa para amplificar os factos: "Estou na praia, tenho estado sempre na night sem problemas, a curtir o Rio: é isto, estas coisas normais."

Ao lado dela, estavam amigos portugueses que vieram de férias. A editora Sofia Barbosa, 40 anos, reforçou: "Eu nunca me senti tão segura, pois nunca houve tanta polícia na rua. Não há razão para ter receio." Os amigos Pedro Roquette, 42 anos, e Mónica Barbosa, 43, subscreveram, como quem reforça que tem feito tudo a que tem direito na Cidade Maravilhosa.

O engenheiro português José Carranca, também há uma década na cidade do samba, tem recebido alguns telefonemas e mensagens de amigos preocupados com as notícias de violência que têm chegado a Portugal. Já sabe que a naturalidade é o tom do discurso a adoptar.

"Os conflitos estão localizados, existem dois Rio de Janeiro, realmente, e eu não conheço ninguém que tenha mudado a sua rotina pelo que está a acontecer aqui." Salvaguarda: "É preocupante, claro, há pessoas que morreram, ainda não acabou, e os meus filhos vêem televisão e ficam assustados, mas em nenhum momento senti que a minha família estivesse em perigo."

Vamos ao centro: ouve-se uma viola. Pregões. Há venda de DVD ilegais, óculos de marca falsificados. Ruas a formigar de gente apressada. Atropelam-se nas passeadeiras. Correm para o metro. Há olhares de quem tem a cabeça ocupada com outros problemas. Viver o quotidiano.

"Claro que há um receio, de bala perdida, de estar no lugar errado no momento errado, mas estamos habituados a este clima de confronto. Eu não tive medo de andar de ônibus. A vida segue normal", diz Júlio Peba, que trabalha numa banca de T-shirts e mora na região norte. Tem medo de que possa piorar? "Não, a polícia e o governo agora estão a tomar conta da situação. Estamos seguros."

Ontem à tarde, a polícia militar estava a negociar a rendição dos traficantes barricados nas favelas do Complexo do Alemão. Caso recusem entregar-se e ceder ao ultimato da polícia militar, esta vai invadir as favelas e capturá-los à força. Doa a quem doer.

21 <http://goo.gl/gEYSj3>

Anexo XVII

Notícias Sábado | Guerreiros de Selva

Não dormem, nadam com jacarés, rastejam na mata da Amazônia e sonham com uma onça no peito. A ONU considera-os «os melhores do mundo». A NS' acompanhou-os durante dois dias. Os guerreiros do exército do Brasil fazem mesmo tudo por ela: «Selvaaaa!»

por VANESSA RODRIGUES, em Manaus

Advertência: esta história é só para duros e, mesmo assim, há lágrimas no meio da conversa. Andámos no meio da mata amazônica, e só saímos de lá vivos porque estávamos com um «guerreiro de selva» do exército brasileiro. Entranhamo-nos, por isso, no espírito militar e, mesmo assim, não é logo evidente porque é que o Brasil, sendo um país de paz, tem «guerreiros de selva». Desde a semana passada estão a decorrer manobras conjuntas da marinha, exército e força aérea brasileira, simulando um cenário de guerra na Amazônia como operação de treino, mobilizando 4500 militares. A área é estratégica, considerada pulmão do mundo e cobiçada pelos EUA que por várias vezes tentaram ali comprar terras. Isto numa altura em que o desmatamento sobe 27% na região este ano. Os militares de elite estão preparados para tudo e para o pior - e dificilmente alguém, a não ser eles, estaria preparado para isso. A Organização das Nações Unidas diz que são «os melhores do mundo». São treinados para a guerra na selva da Amazônia, resgatam vidas no meio da mata cerrada, são «negociadores» de conflitos, têm missões secretas; enfrentam rebeldes. Na indefinida fronteira amazônica brasileira eles são os responsáveis por defender os cerca de 11 mil quilómetros de limites (isso é dez vezes a extensão da costa portuguesa), em pelotões especiais infiltrados na selva. Nível de dificuldade: máximo.

Terapia de choque

Todo esse rol de duras missões pode ser, por vezes, uma «terapia de choque». Aos «guerreiros», formados pelo Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), em Manaus, no Brasil, arrancam-se confissões de histórias pesadas, violentas; de heroísmo. Para o capitão Luciano Casagrande, que foi destacado do Rio de Janeiro e é instrutor do CIGS, a estreia como «guerreiro de selva» foi «perturbadora». Estava no aeroporto de Leticia, na fronteira entre o Brasil e a Colômbia, a ajudar a Polícia Federal (PF) nos trâmites de imigração e uma mulher com uma criança ao colo chamou-lhe a atenção. «Tinha uma expressão nervosa como se quisesse esconder alguma coisa», recorda à NS'. Não tirou mais os olhos dela. E ela ficara cada vez mais tensa com o atraso do voo: foi o suficiente para que os oficiais percebessem o que poderia passar despercebido caso já tivesse embarcado. A criança que estava ao colo dela não se mexera nunca. Demoraram alguns minutos até conseguirem «ganhar coragem» para desmascará-la. Era «óbvio», analisa agora friamente Casagrande: a criança, morta, estava a servir de correio para levar cocaína para o Brasil. «O corpo ainda estava morno. Eu não queria acreditar que ela tinha matado o próprio filho para esconder a droga», desabafa, e as lágrimas chegam a aparecer. «Quando me tornei guerreiro de selva sabia que tínhamos sido treinados para o pior.»

Guerra na selva

Mantenha-os sob tensão e canse-os. (Sun Tzu, A Arte da Guerra)

De Manaus até se entrar em «propriedade do exército brasileiro», no meio da floresta amazônica e onde se formam esses guerreiros, são duas horas de estrada municipal. Abre-se a cancela e dali começa uma viagem todo-o-terreno até à base militar Pedro Teixeira. São quarenta minutos de solavancos por causa do piso irregular, num jipe desconfortável e sem janelas, sob um calor assassino. Ao redor: um emaranhado de verde-selva, árvores altas e mata cerrada, rasgada por uma estrada de pó, sinuosa, que vista de cima parece um rasto de serpente. Há onças predadoras escondidas no meio daquele mato inóspito, tarântulas, cobras, e muita humidade (que desidrata o corpo em minutos, mesmo sem grande esforço). E, embora não os víssemos, havia também dezenas de homens derreados, em formação - sem dormir há dias, sem beber há horas -, a simular emboscadas como se estivessem em guerra. Alguns deles estavam a poucos dias de se tornarem «os melhores». Não o sabiam. Esses militares programados há quatro meses pelo CIGS na cultura da guerra, não sabem a quantas andam, a não ser que têm de cumprir ordens, planejar emboscadas, resgatar reféns de guerrilhas e aprender que a fome, a sede e o sono são psicológicos. Imagine-se a fórmula secreta desse ADN militar: resistência de mercenários, sageza de agentes secretos, exímios na arte da guerra. Eles esgarçam o limite da provável capacidade humana. Chegam a andar na selva apenas com um facão e um envelope branco A4 («abrir só em caso de emergência») e estão incessantemente à prova, numa elipse de desorientação, para ficarem «mais racionais e objectivos». Por isso, as primeiras reacções são uma espécie de algozes silenciosos: os instrutores já sabem quem vai ser um guerreiro de selva ou não. «Nós, militares, somos bons observadores», sintetiza Casagrande. «Em guerra você paga muito caro» Uma da tarde: ouvem-se pés a marchar, sons metálicos a roçar fardas, uma voz de comando e homens camuflados repetindo-a. Correm erguidos, apesar do peso. Cantam roucos, alto, repetindo a voz de comando. «Todo o guerreiro tem no peito uma onça/ Que ele carrega em cima do coração/ Se Deus quiser um dia eu vou ter uma/ Para eu chegar lá não vai ser mole não/ Mas essa onça vale muito mais que ouro/ Esse tesouro com meu corpo eu vou pagar/ Não adianta nem carranca, nem alavanca/ Quero ver quem é que tira nós daqui desse lugar.» Param em formação. Olhares suspensos, submissos. Casagrande grita: «Tudo pela Amazônia!» Respondem: «Selvaaaa!» Seguem-se vinte minutos para almoçar. Alvorçam-se. Tiram um prato de metal da mochila. Separam sacos plásticos para envolvê-lo e poderem comer (a louça não é lavada quando se está no meio da selva). Fazem fila. Marcham. Ouve-se o som seco de pés a pisar o chão, alternadamente. Há vozes roucas, graves e forçadas a repetirem, de novo, uma voz autoritária, cantando. A melodia é conhecida: Rap das Armas, da dupla Cidinho e Doca, que fez parte do filme brasileiro Tropa de Elite. «Pa-ra-pa-ra-pa-ra-pa-ra-pa... Perguntem o porquê de eu estar aqui/ Em busca do ideal que tanto persegui/ E para conquistá-lo é preciso mais que fé/ Paguei com sacrifício, só Deus sabe como é/ Só Deus sabe quantos já tombaram nesse chão/ Nunca importando sua origem ou religião/ E viver na selva nem que leve a vida inteira/ Enquanto muitos pensam que a vida é brincadeira/ O maior conselho para os amigos meus/ Para se agarrar na selva tem que ter a fé em Deus/ Tem que ter moral/ E um bom preparo/ A selva quando cobra, você paga muito caro.» Comem em menos de dez minutos. Alinham-se. Esvaziam as balas das armas. O descanso termina e a vigília teria mais 48 horas em missão, no meio da selva.

Quantas horas de selva aguenta?

“A suprema arte da guerra é derrotar o inimigo sem luta” (Sun Tzu)

O contingente do CIGS tem hoje mais de 25 mil homens de todos os cantos do Brasil. À entrada da sala de instrução está uma escultura de madeira, em forma de árvore com galhos altos e baixos, segurando retratos de militares. Na legenda: as horas de selva como atestado de experiência. Casagrande tem mais de mil. Afiança que poderia sobreviver nela dias a fio, que é «amiga» quando se lhe conhece os segredos. «Nenhuma missão é tão difícil que um Guerra não possa cumprir», lê-se nos manuais. E a onça que Casagrande ostenta no peito, o brevet-símbolo da categoria, sobre o camuflado de tecido grosso e pesado - demasiado quente para os mais de quarenta graus da selva - é só para quem «provou merecê-la». O CIGS tem cinco cursos anuais. Os candidatos aprendem a sobreviver na selva (o que comer, como improvisar abrigos, onde encontrar água), desenvolvem a técnica, a estratégia e operações em cenário de guerra na mata da Amazônia. Falta é revelar o fermento essencial que leveda estes homens de resistência implacável: o sacrifício - «a capacidade de esgarçar o limite e superá-lo». Passam quatro meses no meio da mata, sem noção de tempo, sem dormir, a planejar emboscadas; são largados de helicóptero no meio do rio, carregados de equipamento: têm de nadar oito horas só com uma mão, um fusível na outra, vinte quilos às costas mais as botas pesadas, encharcadas, em águas infestadas de jacarés. Tudo isso sem dormir, sem água, sem comer. Casagrande diz que o processo é, «na verdade, bem pior». São levados ao extremo. O stress de guerra pode ser um fosso sem retorno para «os fracos». Além de uma capacidade física «sobre-humana», garante o primeiro-sargento Anderson Gama, «é preciso ter muita força de vontade para se tornar um guerreiro da selva». Tudo por ela. A estratégia sem tática é o caminho mais lento para a vitória. Tática sem estratégia é o ruído antes da derrota. O terceiro-sargento Fernando César está pálido, cansado, a transpirar, e com as mãos e os lábios gretados de desidratação. Estão mais de quarenta graus. Diz que não tem muito tempo para falar da experiência no curso, porque «os superiores» não tardarão a chamá-lo. Ouve atentamente as perguntas, responde assertivo, sem vacilar. «A Amazônia», esse lugar estratégico do Brasil, foi «o motivo» que o levou a querer ser um «guerreiro». Depois, «o prestígio da categoria» em todo o mundo. «Há maior orgulho do que bater no peito e dizer: sou um guerreiro de selva?» Nesta altura da formação, apesar do crónico desgaste e da fadiga, os alunos «já estão a pensar como estrategos», explica o tenente Leriche. Durante todo o curso, os alunos do CIGS são acompanhados por médicos e psicólogos. E o próprio stress infligido pelos instrutores depende do perfil psicológico do militar, traçado antes de a formação começar. «Eles têm de se superar», justifica o tenente. Há dias em que eles podem estar a fazer tudo correctamente. Não importa. Vão levar porrada psicológica como se estivessem a meter o pé na argola. Objectivo: perturbá-los. César preparou-se para este curso durante um ano e meio e, mesmo assim, acha que talvez não tenha sido o suficiente. «O terreno declivoso, as condições inóspitas, a pressão e a falta de água podem levar um guerreiro ao desequilíbrio emocional», desabafa. Ele treinou «muito», sobretudo natação, que é uma das modalidades mais importantes para a Amazônia, cujas estradas são os rios; programou o cérebro para uma inquebrantável motivação; leu vários manuais de estratégia e enfrentou a competição cerrada para ser seleccionado. Muitos não passam a triagem inicial; alguns desistem a meio do curso. Entram em média sessenta, saem quarenta. Por ali também já andaram dois militares portugueses: o capitão de infantaria Hélder Leoneu Pereira Abreu, em 1987, e o alferes Francisco Pereira Leite Bastos, três anos depois. Ser elite da selva amazónica já atraiu, ainda, norte-americanos, angolanos, belgas e sul-africanos. Os mais assíduos são os franceses e os latino-americanos. Quando há «espiões» no curso, graceja Casagrande, dispensam-nos do módulo de estratégia nacional, por razões de «soberania e segurança»: são segredos de defesa, caso a Amazônia seja atacada.

Pôr do Sol

Evitar guerras é muito mais gratificante do que vencer mil batalhas. O rio Negro está calmo e o sol ainda garante quatro horas. O primeiro-sargento Clemilson está intransigente. Grita para que os futuros guerreiros se mexam, porque os barcos vão sair para uma missão, e não é «problema» dele se ficarem em terra. Um rapaz de pele muito branca e o rosto salpicado de acne tem o número 45 cosido no chapéu: vem a apertar o colete salva-vidas. Outros correm, enquanto tentam segurar a pesada espingarda na mão direita. Neste curso ninguém tem nome, só números, para garantir a distância pessoal. Há vários chapéus com algarismos puidos a embarcar como formigas alinhadas. Apenas se ouve o motor do barco. Aqueles homens vão atentos. De vez em quando o silêncio quebra-se. «Primeiro ponto de orientação: casas de ribeirinhos», alerta o número 34. Três pontos depois: os homens silenciosos desembarcam, ruidosos e desconfiados, no povoado ribeirinho do Porto de São Pedro, a uma hora de Manaus, para identificar o terreno. A população foi apanhada de surpresa. Interrogam o líder comunitário: quantas pessoas ali moram; quais os problemas. Nas fronteiras esta actividade é uma forma de controlarem pessoas estranhas à região, normalmente ligadas ao narcotráfico. Outros homens camuflados sobem a encosta para rondar a área. Descobrem muitos terrenos queimados ilegalmente. Identificam-nos no mapa. Seria «imprudente» e desapropriado usarem o GPS. «O Brasil não tem satélites», adverte Clemilson, «não podemos depender da tecnologia dos EUA».

Orientação «fiável» por ali, então: bússola, mapas cartográficos e a natureza (para onde correm os rios; para onde se inclinam as plantas, por exemplo). Para quem não conhece as manhas da mata amazónica, assustadoramente homogénea, de nada serve «a tecnologia». É sem ela que estes «duros da selva» chegam, mesmo assim, onde querem. Prova de fogo: quando o avião da companhia aérea brasileira GOL caiu em plena mata amazónica, em 2007, foram os primeiros a chegar, com a ajuda de uma tribo indígena. Para estes militares das forças especiais na Amazónia, a missão principal é «servir o Brasil e levar cidadania», resume Casagrande. Sobretudo na fronteira. «Há dezenas de brasileiros que moram em zonas tão remotas como as dos pelotões, que não sabem sequer quem é o presidente do Brasil.» O sol está quase a ir-se. Os homens embarcam de novo como formigas. O rio Negro volta como cenário para a meia hora de regresso à base militar. Há barcos de linha, cheios de gente, vindos de cidades remotas da Amazónia, a chegar a Manaus. Demoraram dias. Para muitos dos passageiros está mais perto o descanso. O pôr do Sol já tomou conta do horizonte. Para um «guerra», ele é só «metade da jornada de trabalho». Salvar vidas num pelotão de fronteira. Da primeira vez que liderou um pelotão de fronteira (PF), «os braços mais distantes do Brasil», Luciano Casagrande tinha 26 anos e acabara de formar-se como guerreiro de selva. Com a responsabilidade de liderar trinta homens, diz que a experiência o amadureceu. «Lá temos de ser padres, polícias, médicos, confidentes e psicólogos; porque a ausência do Estado e dos bens essenciais é muito grande.» Estes pelotões, além de vigiarem a fronteira, são um apoio a muitos brasileiros que ali moram. Por isso, como capitão de PF de Ipiranga na fronteira com a Colômbia, Casagrande já teve de resolver muitos conflitos. Por ali não há hospitais nem supermercados nem luz. Os únicos acessos são de avião (com voos militares incertos e para abastecimento, em geral), ou a dias de barco, em plena selva amazónica - todos os 25 pelotões estão isolados. A população que mora em redor «sente-se mais segura», afirma o capitão, «e sabe que à partida nada lhes faltará». Lembra uma história: uma caixa de água caiu em cima da perna de uma criança, por acidente. O médico do pelotão não tinha os meios necessários para o tratar e o miúdo estava a perder muito sangue. Foram horas de agonia, até que conseguiram contactar o Comando Militar da Amazónia que autorizou o envio de um helicóptero para levá-lo para o hospital de Manaus. «Se nós não estivéssemos por lá, ele não se teria salvo.»

Ameaças à Amazônia

- Narcotráfico: influência dos países produtores de droga;
- Exploração mineral:garimpo,empresas mineradoras;
- Crimes fiscais: evasão de dívidas,lavagem de dinheiro
- Problemas de demarcação de terras indígenas: conflitos e invasões;
- Extractivismo ilegal: madeireiros,pescadores,seringueiros,caçadores;
- ONG ilegais :subterfúgios para crimes na Amazônia;
- Zona franca de Manaus: sonegação e evasão fiscal;
- Terrorismo: alianças de guerrilhas,narcotráfico;
- Política:corrupção e lavagem dedinheiro;
- Questões fundiárias: desmatamento e conflitos de terras (apropriação ilegal).

Missões dos guerreiros de selva:

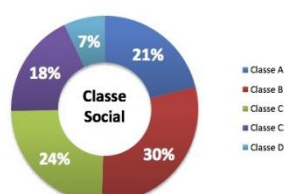
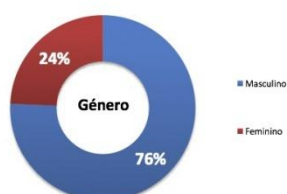
- Vigilância da Amazônia;
- Controlo de fronteira: demarcação de limites,presença;
- Identificação de crimes;
- Resgate de reféns;
- Resgate de desaparecidos na selva amazónica;
- Resolução de conflitos:manifestações, por exemplo;
- Missões humanitárias nacionais e internacionais;
- Soldados de guerra;
- Protecção do Estado;
- Missões secretas

Anexo XVIII

04. PERFIL DO OUVINTE

RÁDIO
NOTÍCIAS TSF

> Perfil do ouvinte da TSF



FONTE: MARKET-BAIREM/RÁDIO 3* VAGA 2012



controlinveste
MARCAS QUE FICAM

Anexo XIX

Este site utiliza cookies. Ao navegar no site estará a consentir a sua utilização. [Saiba mais](#) x

Entrar Registe-se

Entrada Quem Somos Estudos & Serviços **Notícias** Dados Contactos

Like 9

+1 0

Tweet 2



Vaga de Setembro de 2013 do Bareme Rádio disponível



A vaga de Setembro de 2013 (a 4ª vaga do ano) do estudo Bareme Rádio da Marktest já está disponível.

AUDIÊNCIAS DE RÁDIO 
GRUPO MARKTEST, 22 OUTUBRO 2013

Os resultados agora divulgados pela Marktest relativos à vaga de Setembro de 2013, do Bareme Rádio mostram que a Rádio Comercial, do Grupo Media Capital Rádios, se mantém como a estação de rádio mais ouvida em Portugal, com um reach semanal de 30.7%, uma audiência acumulada de véspera de 15.8% e 23.0% de share de audiência.

É seguida pela RFM, do Grupo r/com, que obteve um reach semanal de 27.6%, uma audiência acumulada de véspera de 12.4% e 17.5% de share de audiência.

A Rádio Renascença registou 17.0% de reach semanal, 7.9% de audiência acumulada de véspera e 10.1% de share de audiência.

Por Grupos de estações, o Grupo r/com assegurou 33.0% de share de audiência, com um reach semanal de 46.6% e 23.3% de audiência acumulada de véspera.

As estações do Grupo Media Capital Rádios registaram 33.5% de share de audiência, 42.9% de reach semanal e 23.1% de audiência acumulada de véspera.

As estações do Grupo RTP obtiveram 9.5% de share de audiência, um reach semanal de 16.3% e 7.8% de audiência acumulada de véspera.

A TSF registou 4.9% de share de audiência, com 10.7% de reach semanal e 4.7% de audiência acumulada de véspera.

Notícias recentes

Semana passada

- Marktest Angola apresenta resultados de estudos
- Vaga de Setembro de 2013 do Bareme Rádio disponível
- Compra de automóvel: usados ganham relevância
- Casa dos Segredos em destaque nos social media
- Samsung com mais "likes" no Facebook
- Actuação do Primeiro-ministro avaliada muito negativamente
- Notícias semanais em destaque nas TVs
- Observatório Mcom

Antigas

Era notícia há um ano

- RR online com mais visitantes mas Comercial com mais páginas visitadas

Era notícia há dois anos

- Bareme Rádio: 3º trimestre 2011 disponível

Era notícia há três anos

- Segurança Social online aumenta visualizações em Setembro

Arquivo

[por Temas](#) [por Semanas](#) [por Newsletter](#)

Dossiers

Resultados das Autárquicas 1976-2013

Veja os resultados das eleições autárquicas desde o 25 de Abril de 1974 para todos os concelhos do país.



Bareme Rádio

1. RESULTADOS DA VAGA DE SETEMBRO DE 2013 (4ª Vaga 2013)

GRUPO/ESTAÇÃO	REACH SEMANAL %	AUDIÊNCIA ACUMULADA DE VÉSPERA %	SHARE DE AUDIÊNCIA %
TOTAL RÁDIO	80.8	57.9	100
Grupo r/com (1)*	46.7	23.3	33.0
RFM	27.6	12.4	17.5
Renascença	17.0	7.9	10.1
Mega Hits	7.0	2.9	3.0
R. Sim	2.9	1.4	2.5
Grupo Media Capital Rádios (2)*	42.9	23.1	33.5
R. Comercial	30.7	15.8	23.0
M80	10.8	4.3	5.9
Cidade FM	9.9	3.7	3.8
Smooth FM	1.4	0.5	0.5
TSF	10.7	4.7	4.9
Grupo RTP (3) *	14.3	7.8	9.5
Antena 1	11.1	5.3	6.1
Antena 3	5.1	2.1	2.5
Antena 2	1.3	0.5	0.6
Outras Estações (4)	27.2	12.0	17.9
Não Sabe Estação	3.2	1.1	1.3
UNIVERSO	8.563.501	8.563.501	8.563.501

Segundo os dados do Bareme Rádio, 80.8% dos residentes no Continente com 15 e mais anos contactaram com este meio pelo menos uma vez durante a semana (período de sete dias) e 57.9% ouviram rádio na véspera.

A análise tem como base os resultados da vaga de Setembro de 2013 do estudo Bareme Rádio da Marktest, que analisa o comportamento dos residentes no Continente, com 15 e mais anos, relativamente ao meio rádio. [Contacte-nos](#) para mais informações sobre este assunto.

Do mesmo tema: Audiências de Rádio

- Classe Social distingue ouvintes de rádio 6 Agosto 2013
- Disponível vaga de Junho de 2013 do Bareme Rádio 16 Julho 2013
- Um em cada cinco portugueses diz ouvir rádio na Internet 12 Junho 2013
- Disponível vaga de Abril de 2013 do Bareme Rádio 21 Maio 2013
- Bareme Rádio: 1ª vaga de 2013 2 Abril 2013
- Bareme Rádio com 5 vagas por ano 26 Março 2013
- Rádio mais ouvida no distrito de Braga 13 Fevereiro 2013
- 4º trimestre do Bareme Rádio já disponível 15 Janeiro 2013

[mais...](#)

O Grupo Marktest autoriza a reprodução desta notícia nos meios de comunicação social desde que indicada a fonte: **Grupo Marktest** e outras fontes por ela citadas

Autárquicas 2013

Acompanhe os resultados das sondagens para as eleições autárquicas de 29 de Setembro de 2013.



Sondagens Eleitorais : Legislativas

1 Outubro 2013

Acompanhe os resultados das sondagens para as eleições Legislativas



Barómetro Político

Setembro de 2013

Consulte os resultados do Barómetro Político Marktest.



Os Números da Semana

Semana 40 de 2013

Consulte os números da semana: shares de audiência e tops de programas Tv, notícias e protagonistas da informação televisiva.



Clipping + 25 Outubro 2013

1

Publicidade cresce 12,2%

in CORREIO DA MANHA, PRINCIPAL, pag.40

Bolsa TV

in CORREIO DA MANHA, CORREIO DA MANHA TV, pag.24

Conheça as marcas mais recordadas em Portugal

in imagensdemarca

Media: Consolidar para o grande salto

in MEIOS & PUBLICIDADE, PRINCIPAL, pag.8, autor Francisco Botelho

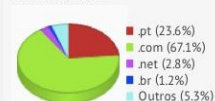
Os hábitos da população de Luanda

in MEIOS & PUBLICIDADE, PRINCIPAL, pag.42, autor Carla Ferreira

Observatório

Domínios Topo

14 a 20 Out 2013



Fonte: Marktest, Netpanel